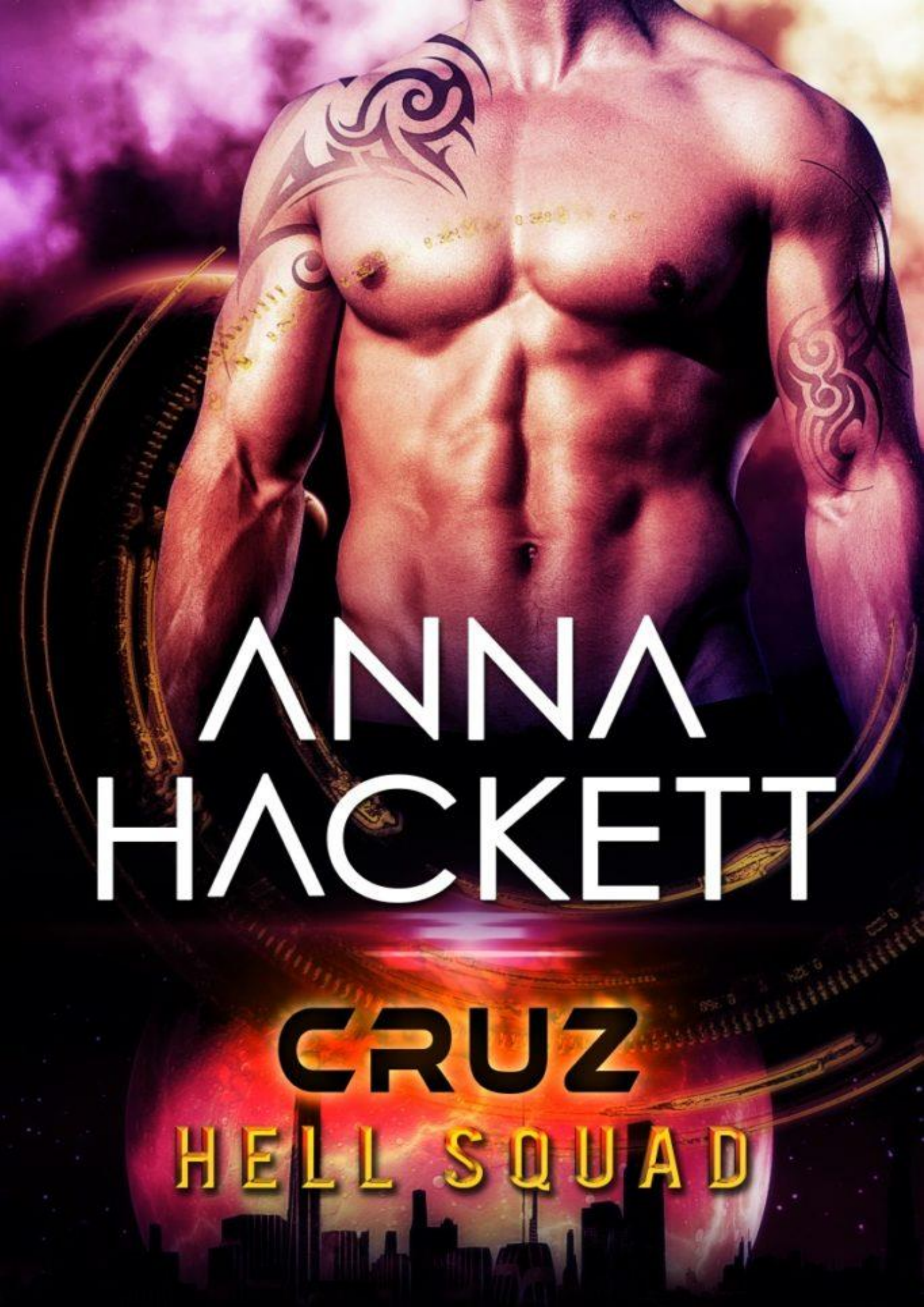


A muscular man with intricate black tattoos on his shoulders and arms is the central figure. He has a serious expression and is looking directly at the viewer. The background is a vibrant, fiery orange and red, suggesting a sunset or a battle scene. A large, glowing, circular object, possibly a planet or a large lens, is visible behind him. The overall tone is dramatic and action-oriented.

ANNA
HACKETT

CRUZ
HELL SQUAD





STAFF

Tradutora: Andreia M.

Revisão/Leitura Final: Fernanda

Formatação: Andreia M.

HELL SQUAD

LANCAMENTO



ANNA
HACKETT

CRUZ
HELL SQUAD

LANCADO



ANNA
HACKETT

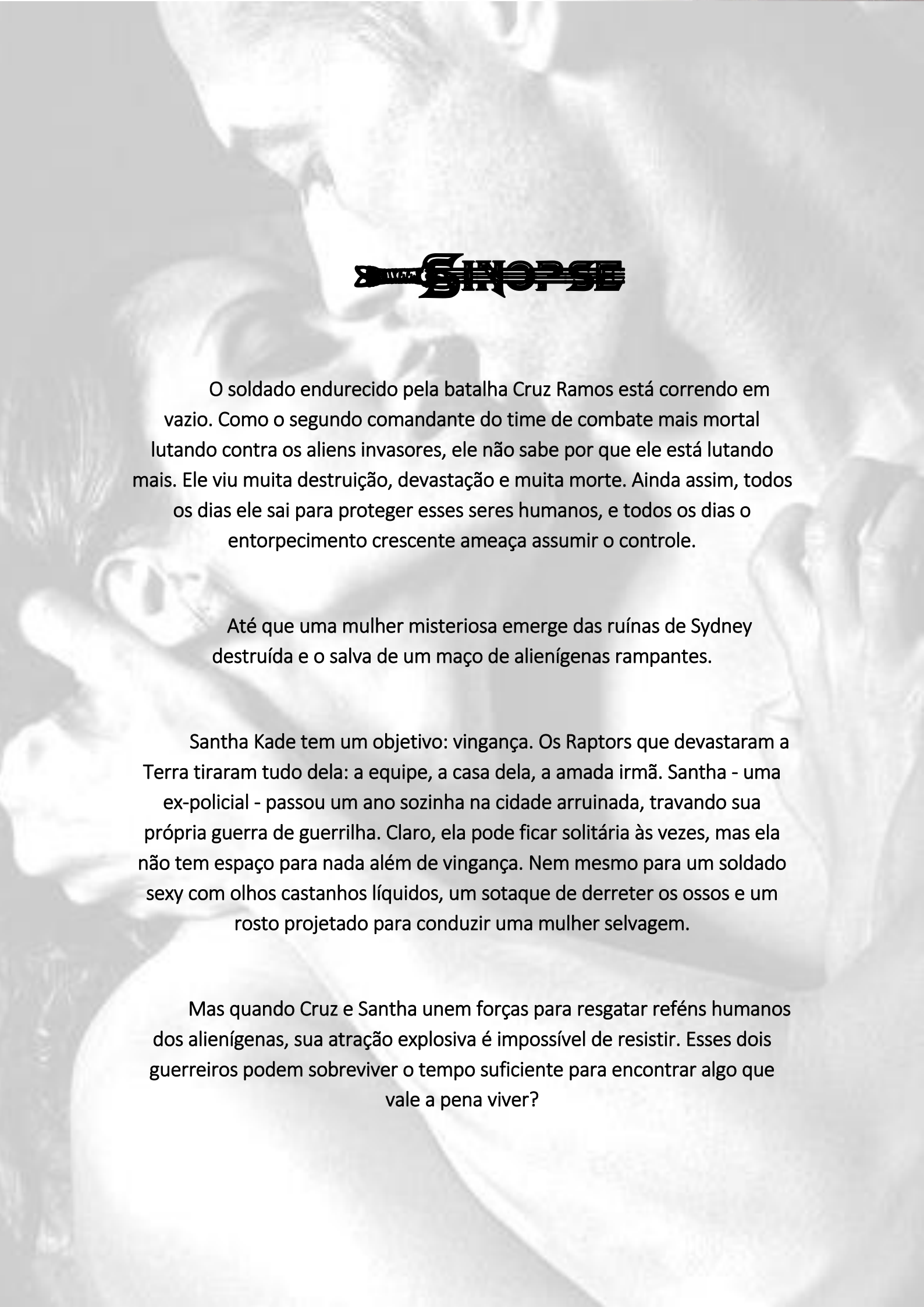
MARCUS
HELL SQUAD

PROXIMO



ANNA
HACKETT

GABE
HELL SQUAD



SINOPSE

O soldado endurecido pela batalha Cruz Ramos está correndo em vazio. Como o segundo comandante do time de combate mais mortal lutando contra os aliens invasores, ele não sabe por que ele está lutando mais. Ele viu muita destruição, devastação e muita morte. Ainda assim, todos os dias ele sai para proteger esses seres humanos, e todos os dias o entorpecimento crescente ameaça assumir o controle.

Até que uma mulher misteriosa emerge das ruínas de Sydney destruída e o salva de um maço de alienígenas rampantes.

Santha Kade tem um objetivo: vingança. Os Raptors que devastaram a Terra tiraram tudo dela: a equipe, a casa dela, a amada irmã. Santha - uma ex-policia - passou um ano sozinha na cidade arruinada, travando sua própria guerra de guerrilha. Claro, ela pode ficar solitária às vezes, mas ela não tem espaço para nada além de vingança. Nem mesmo para um soldado sexy com olhos castanhos líquidos, um sotaque de derreter os ossos e um rosto projetado para conduzir uma mulher selvagem.

Mas quando Cruz e Santha unem forças para resgatar reféns humanos dos alienígenas, sua atração explosiva é impossível de resistir. Esses dois guerreiros podem sobreviver o tempo suficiente para encontrar algo que vale a pena viver?

CAPÍTULO UM

Agachada nas sombras do telhado em um banco meio destruído, Santha Kade olhou através de seu binóculos de alta tecnologia e observou os invasores alienígenas patrulhando as ruas abaixo.

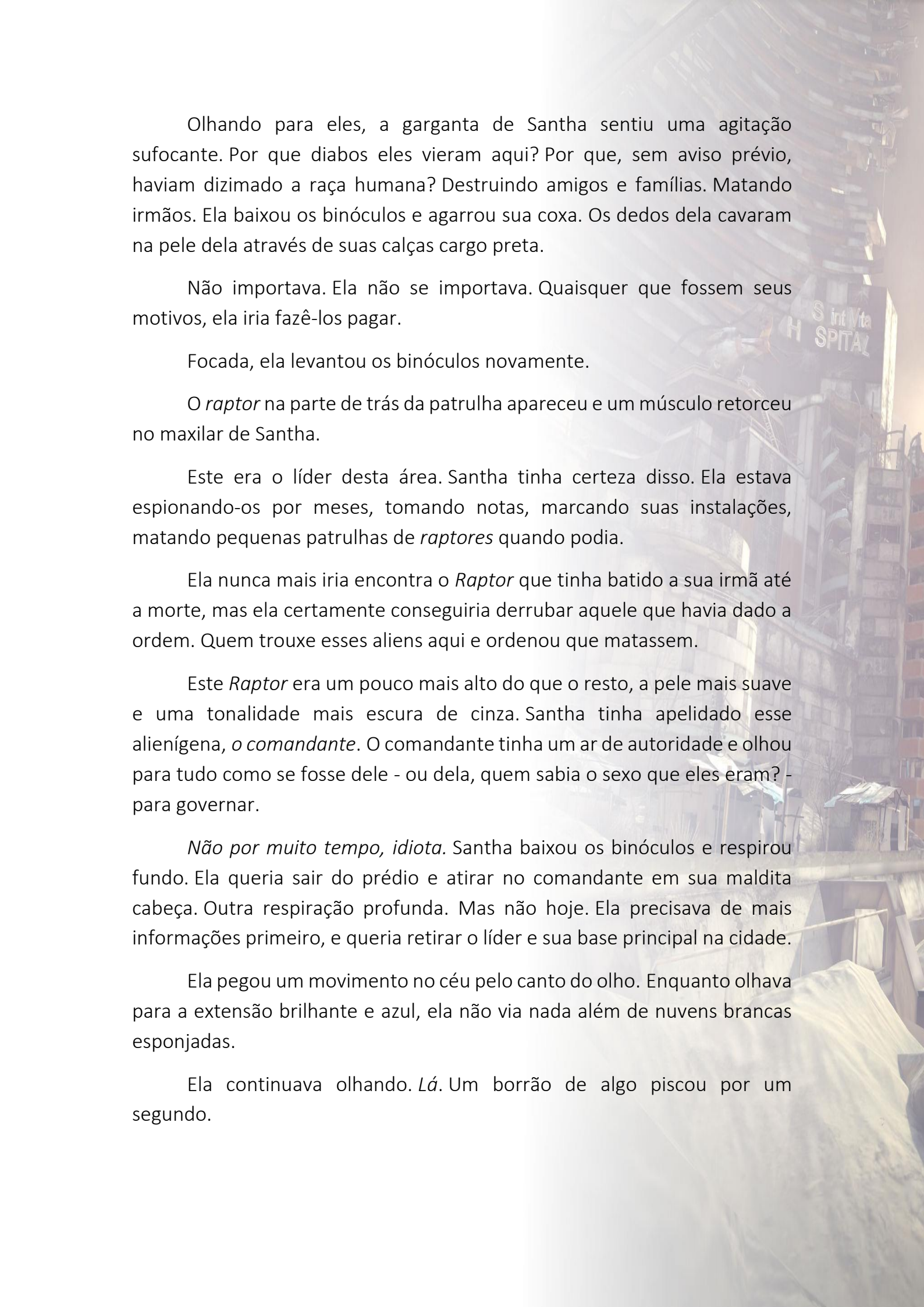
Um ano atrás, esses *Raptors* do tipo dinossauro tinham dizimado a Terra. Seus grandes navios haviam aparecido nos céus ... então eles lançaram um ataque vicioso e implacável. Agora, eles tinham bases em tudo o que restava das principais cidades do planeta.

Aqui em Sidney, que uma vez brilhava como sendo a capital da *United Coalition*, eles haviam roubado implacavelmente a cidade. Eles deixaram os arranha-céus em farrapos, a Ponte do Porto uma ruína quebrada ... e a humanidade quebrada, com medo e se escondendo como ratos.

As mãos de Santha se enrolaram em torno de seus binóculos. Muitos morreram. Milhões de vidas ... desaparecidas. Alguns sobreviventes permaneceram escondidos no que antes eram suas casas, mas eles estavam lentamente se movendo ou sendo eliminados pelas patrulhas de *raptors*.

Ela pegou sua arma. Sua mão fechada em sua besta tática de Titânio - o metal estava fresco debaixo dos dedos e o mecanismo de auto-carregamento estava cheio com seus próprios projéteis caseiros - e ela sentiu-se calma, estável. Alguns desistiam, alguns corriam ... e outros escolheram lutar.

Ela aumentou o zoom dos seus binóculos e estudou o rosto do *raptor* principal. Uma pele grossa, cinza e escamosa cobriu o rosto alongado e os olhos vermelhos. Os alienígenas eram todos grandes – dois metros em pé - e muitos musculosos. Eles usavam uma espécie de armadura metálica na metade inferior de seus corpos e botas enormes. Sua metade superior era toda pele dura, entre-cruzada com o que parecia couro para segurar as lâminas em forma de garra, ou para os atiradores, seus projéteis semelhantes a ossos.



Olhando para eles, a garganta de Santha sentiu uma agitação sufocante. Por que diabos eles vieram aqui? Por que, sem aviso prévio, haviam dizimado a raça humana? Destruindo amigos e famílias. Matando irmãos. Ela baixou os binóculos e agarrou sua coxa. Os dedos dela cavaram na pele dela através de suas calças cargo preta.

Não importava. Ela não se importava. Quaisquer que fossem seus motivos, ela iria fazê-los pagar.

Focada, ela levantou os binóculos novamente.

O *raptor* na parte de trás da patrulha apareceu e um músculo retorceu no maxilar de Santha.

Este era o líder desta área. Santha tinha certeza disso. Ela estava espionando-os por meses, tomando notas, marcando suas instalações, matando pequenas patrulhas de *raptos* quando podia.

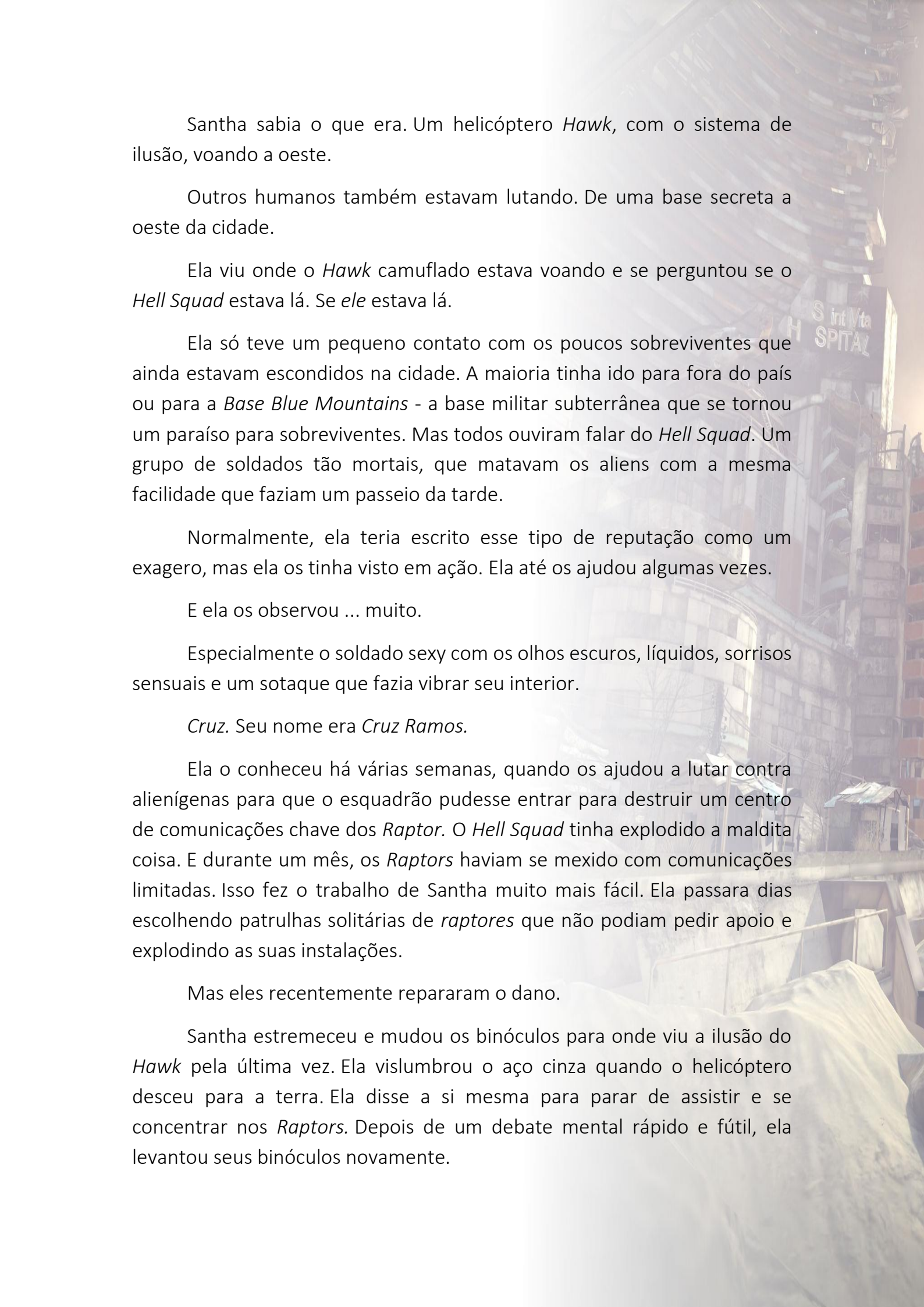
Ela nunca mais iria encontrar o *Raptor* que tinha batido a sua irmã até a morte, mas ela certamente conseguiria derrubar aquele que havia dado a ordem. Quem trouxe esses aliens aqui e ordenou que matassem.

Este *Raptor* era um pouco mais alto do que o resto, a pele mais suave e uma tonalidade mais escura de cinza. Santha tinha apelidado esse alienígena, *o comandante*. O comandante tinha um ar de autoridade e olhou para tudo como se fosse dele - ou dela, quem sabia o sexo que eles eram? - para governar.

Não por muito tempo, idiota. Santha baixou os binóculos e respirou fundo. Ela queria sair do prédio e atirar no comandante em sua maldita cabeça. Outra respiração profunda. Mas não hoje. Ela precisava de mais informações primeiro, e queria retirar o líder e sua base principal na cidade.

Ela pegou um movimento no céu pelo canto do olho. Enquanto olhava para a extensão brilhante e azul, ela não via nada além de nuvens brancas esponjadas.

Ela continuava olhando. *Lá.* Um borrão de algo piscou por um segundo.



Santha sabia o que era. Um helicóptero *Hawk*, com o sistema de ilusão, voando a oeste.

Outros humanos também estavam lutando. De uma base secreta a oeste da cidade.

Ela viu onde o *Hawk* camuflado estava voando e se perguntou se o *Hell Squad* estava lá. Se *ele* estava lá.

Ela só teve um pequeno contato com os poucos sobreviventes que ainda estavam escondidos na cidade. A maioria tinha ido para fora do país ou para a *Base Blue Mountains* - a base militar subterrânea que se tornou um paraíso para sobreviventes. Mas todos ouviram falar do *Hell Squad*. Um grupo de soldados tão mortais, que matavam os aliens com a mesma facilidade que faziam um passeio da tarde.

Normalmente, ela teria escrito esse tipo de reputação como um exagero, mas ela os tinha visto em ação. Ela até os ajudou algumas vezes.

E ela os observou ... muito.

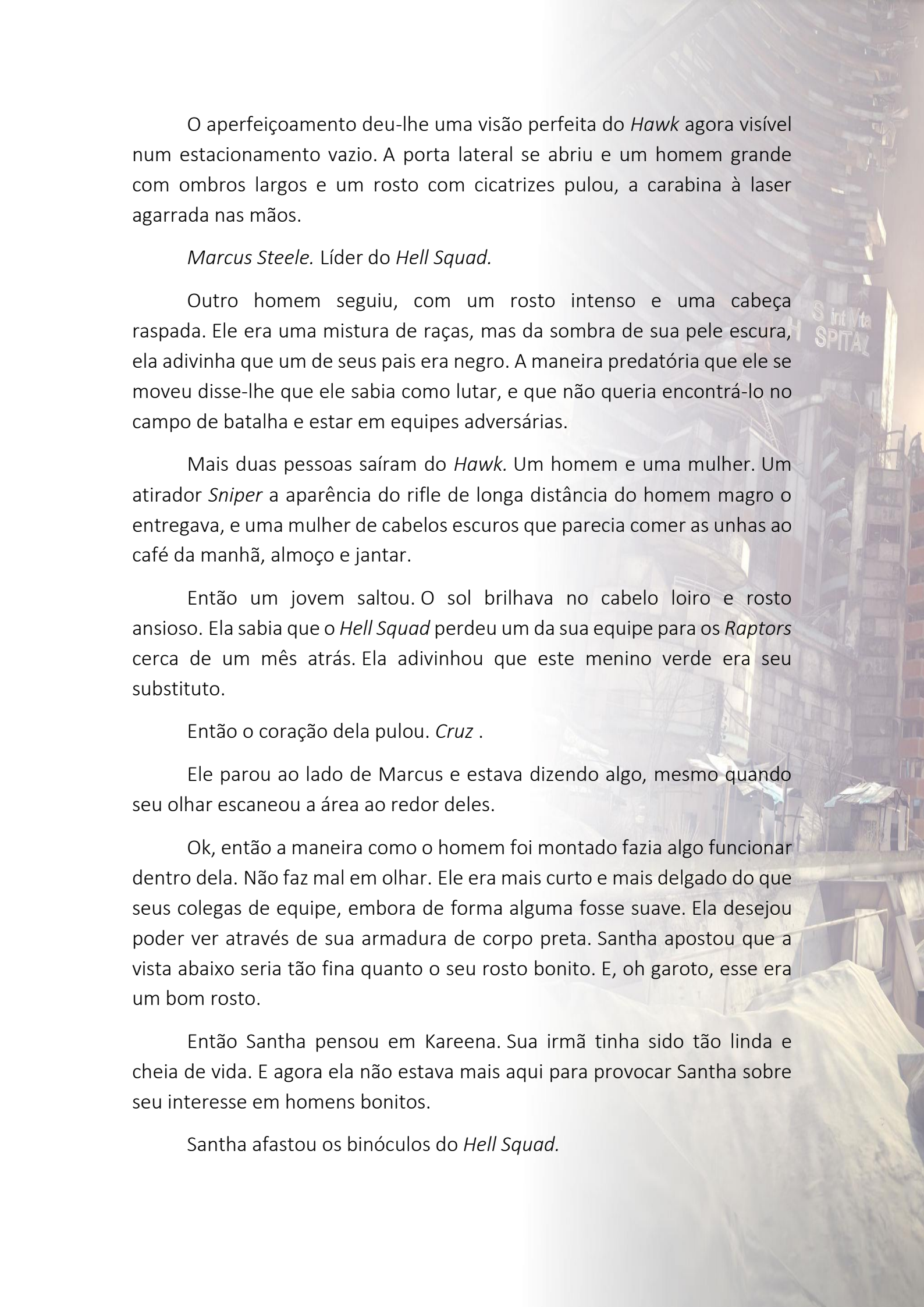
Especialmente o soldado sexy com os olhos escuros, líquidos, sorrisos sensuais e um sotaque que fazia vibrar seu interior.

Cruz. Seu nome era *Cruz Ramos*.

Ela o conheceu há várias semanas, quando os ajudou a lutar contra alienígenas para que o esquadrão pudesse entrar para destruir um centro de comunicações chave dos *Raptor*. O *Hell Squad* tinha explodido a maldita coisa. E durante um mês, os *Raptors* haviam se mexido com comunicações limitadas. Isso fez o trabalho de Santha muito mais fácil. Ela passara dias escolhendo patrulhas solitárias de *raptores* que não podiam pedir apoio e explodindo as suas instalações.

Mas eles recentemente repararam o dano.

Santha estremeceu e mudou os binóculos para onde viu a ilusão do *Hawk* pela última vez. Ela vislumbrou o aço cinza quando o helicóptero desceu para a terra. Ela disse a si mesma para parar de assistir e se concentrar nos *Raptors*. Depois de um debate mental rápido e fútil, ela levantou seus binóculos novamente.



O aperfeiçoamento deu-lhe uma visão perfeita do *Hawk* agora visível num estacionamento vazio. A porta lateral se abriu e um homem grande com ombros largos e um rosto com cicatrizes pulou, a carabina à laser agarrada nas mãos.

Marcus Steele. Líder do Hell Squad.

Outro homem seguiu, com um rosto intenso e uma cabeça raspada. Ele era uma mistura de raças, mas da sombra de sua pele escura, ela adivinha que um de seus pais era negro. A maneira predatória que ele se moveu disse-lhe que ele sabia como lutar, e que não queria encontrá-lo no campo de batalha e estar em equipes adversárias.

Mais duas pessoas saíram do *Hawk*. Um homem e uma mulher. Um atirador *Sniper* a aparência do rifle de longa distância do homem magro o entregava, e uma mulher de cabelos escuros que parecia comer as unhas ao café da manhã, almoço e jantar.

Então um jovem saltou. O sol brilhava no cabelo loiro e rosto ansioso. Ela sabia que o *Hell Squad* perdeu um da sua equipe para os *Raptors* cerca de um mês atrás. Ela adivinhou que este menino verde era seu substituto.

Então o coração dela pulou. *Cruz*.

Ele parou ao lado de Marcus e estava dizendo algo, mesmo quando seu olhar escaneou a área ao redor deles.

Ok, então a maneira como o homem foi montado fazia algo funcionar dentro dela. Não faz mal em olhar. Ele era mais curto e mais delgado do que seus colegas de equipe, embora de forma alguma fosse suave. Ela desejou poder ver através de sua armadura de corpo preta. Santha apostou que a vista abaixo seria tão fina quanto o seu rosto bonito. E, oh garoto, esse era um bom rosto.

Então Santha pensou em Kareena. Sua irmã tinha sido tão linda e cheia de vida. E agora ela não estava mais aqui para provocar Santha sobre seu interesse em homens bonitos.

Santha afastou os binóculos do *Hell Squad*.

Ela estava aqui para se vingar por Kareena. Não babar em *Cruz Ramos*.

Então, Santha pegou o movimento a cerca de um quilômetro do ponto de desembarque do *Hell Squad*. *Raptors*. Agachou-se entre as ruínas de um pequeno prédio de escritórios.

Ela voltou para o *Hell Squad*. Eles estavam se movendo agora, liderados pelo atirador e a mulher de aparência dura. A equipe se moveu junta como uma máquina bem oleada, algo que ela sabia que levava prática. Ela tinha sido assim com sua equipe. Uma dor a atingiu enquanto pensava nos homens e mulheres que tinham sido como família para ela. Agora todos mortos.

Então ela notou onde *Hell Squad* estava indo. Para os *Raptors*.

Ela voltou para os alienígenas e espiou o pequeno prato colocado perto do topo de seu esconderijo. Ela sabia o que era. Um *jammer*. Isso bloquearia a alimentação dos drones que o *Hell Squad* usava para localizar o inimigo.

O *Hell Squad* estava se movendo diretamente para uma emboscada dos *Raptors*.

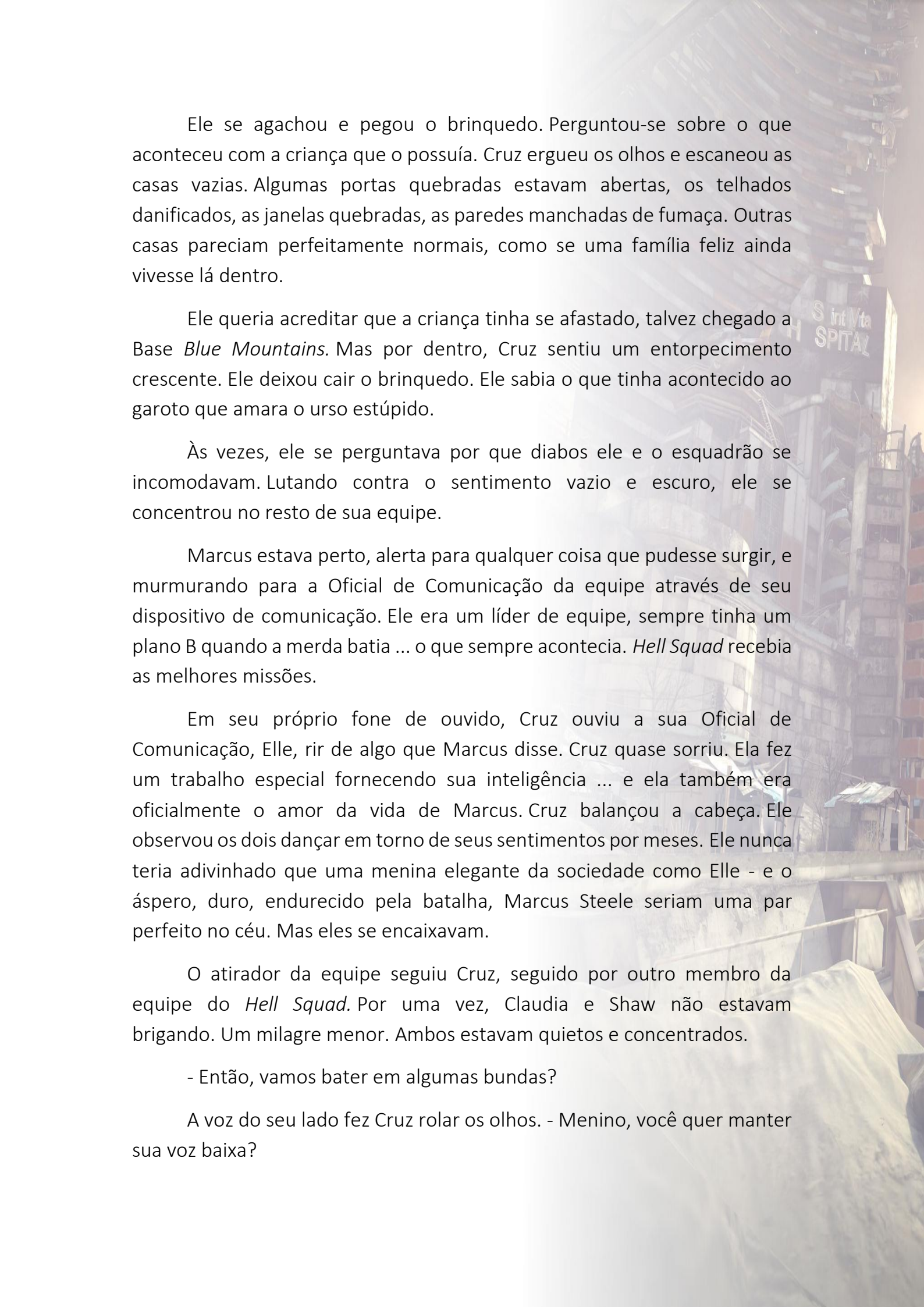
Porra. Seu coração bateu contra suas costelas.

Em pé, ela colocou a besta sobre o ombro dela, depois agarrou a corda que ela amarrou no topo do prédio. Com as luvas Kevlar, ela simplesmente agarrou a corda e balançou do lado do edifício em um arco largo, deslizando até ao chão.

Seus pés atingiram o concreto e ela se inclinou para absorver o impacto.

Meio segundo depois, ela estava correndo para a moto.

Cruz Ramos chutou sua bota através de alguns escombros na rua. Sob a pilha estava um pequeno e esfarrapado urso de pelúcia.



Ele se agachou e pegou o brinquedo. Perguntou-se sobre o que aconteceu com a criança que o possuía. Cruz ergueu os olhos e escaneou as casas vazias. Algumas portas quebradas estavam abertas, os telhados danificados, as janelas quebradas, as paredes manchadas de fumaça. Outras casas pareciam perfeitamente normais, como se uma família feliz ainda vivesse lá dentro.

Ele queria acreditar que a criança tinha se afastado, talvez chegado a Base *Blue Mountains*. Mas por dentro, Cruz sentiu um entorpecimento crescente. Ele deixou cair o brinquedo. Ele sabia o que tinha acontecido ao garoto que amara o urso estúpido.

Às vezes, ele se perguntava por que diabos ele e o esquadrão se incomodavam. Lutando contra o sentimento vazio e escuro, ele se concentrou no resto de sua equipe.

Marcus estava perto, alerta para qualquer coisa que pudesse surgir, e murmurando para a Oficial de Comunicação da equipe através de seu dispositivo de comunicação. Ele era um líder de equipe, sempre tinha um plano B quando a merda batia ... o que sempre acontecia. *Hell Squad* recebia as melhores missões.

Em seu próprio fone de ouvido, Cruz ouviu a sua Oficial de Comunicação, Elle, rir de algo que Marcus disse. Cruz quase sorriu. Ela fez um trabalho especial fornecendo sua inteligência ... e ela também era oficialmente o amor da vida de Marcus. Cruz balançou a cabeça. Ele observou os dois dançar em torno de seus sentimentos por meses. Ele nunca teria adivinhado que uma menina elegante da sociedade como Elle - e o áspero, duro, endurecido pela batalha, Marcus Steele seriam uma par perfeito no céu. Mas eles se encaixavam.

O atirador da equipe seguiu Cruz, seguido por outro membro da equipe do *Hell Squad*. Por uma vez, Claudia e Shaw não estavam brigando. Um milagre menor. Ambos estavam quietos e concentrados.

- Então, vamos bater em algumas bundas?

A voz do seu lado fez Cruz rolar os olhos. - Menino, você quer manter sua voz baixa?

Uma garganta limpou. - Certo.

Sam Jenkins estava em uma corrida de teste para preencher o espaço vazio no *Hell Squad*. Os melhores soldados já estavam nos esquadrões, então as colheitas eram escassas para substituições. Até onde Cruz podia contar, Sam era jovem, ansioso, com experiência limitada. Ele havia estado na *United Military Coalition Military Academy* quando a invasão atingiu. Sua excitação se desgastaria muito rápido e ele desistiria, ou ele seria morto.

Cruz olhou para Gabe, que estava um pouco atrás deles. Ele tinha uma maneira de se mover que era assustadora e completamente silenciosa. Ele poderia desaparecer nas sombras em um piscar de olhos. Seu irmão tinha sido quase tão bom.

Jesus, Zeke. Sempre que Cruz pensava em seu companheiro de equipe morto, ele sentia uma onda de raiva. Mas mesmo aquele flash de emoção desapareceu rapidamente. Consumido pela crescente mortalidade dentro da qual ele não conseguia lutar.

Morte. Destruição. Sangue e luta.

Às vezes, ele não conseguia se lembrar pelo o que ele estava lutando mais.

Algo tiniu ao longo dos sentidos de Cruz. Ele desacelerou, virando a cabeça para estudar os edifícios circundantes. Nada se moveu. Até o ar estava quieto.

Ele parou e virou em um círculo lento.

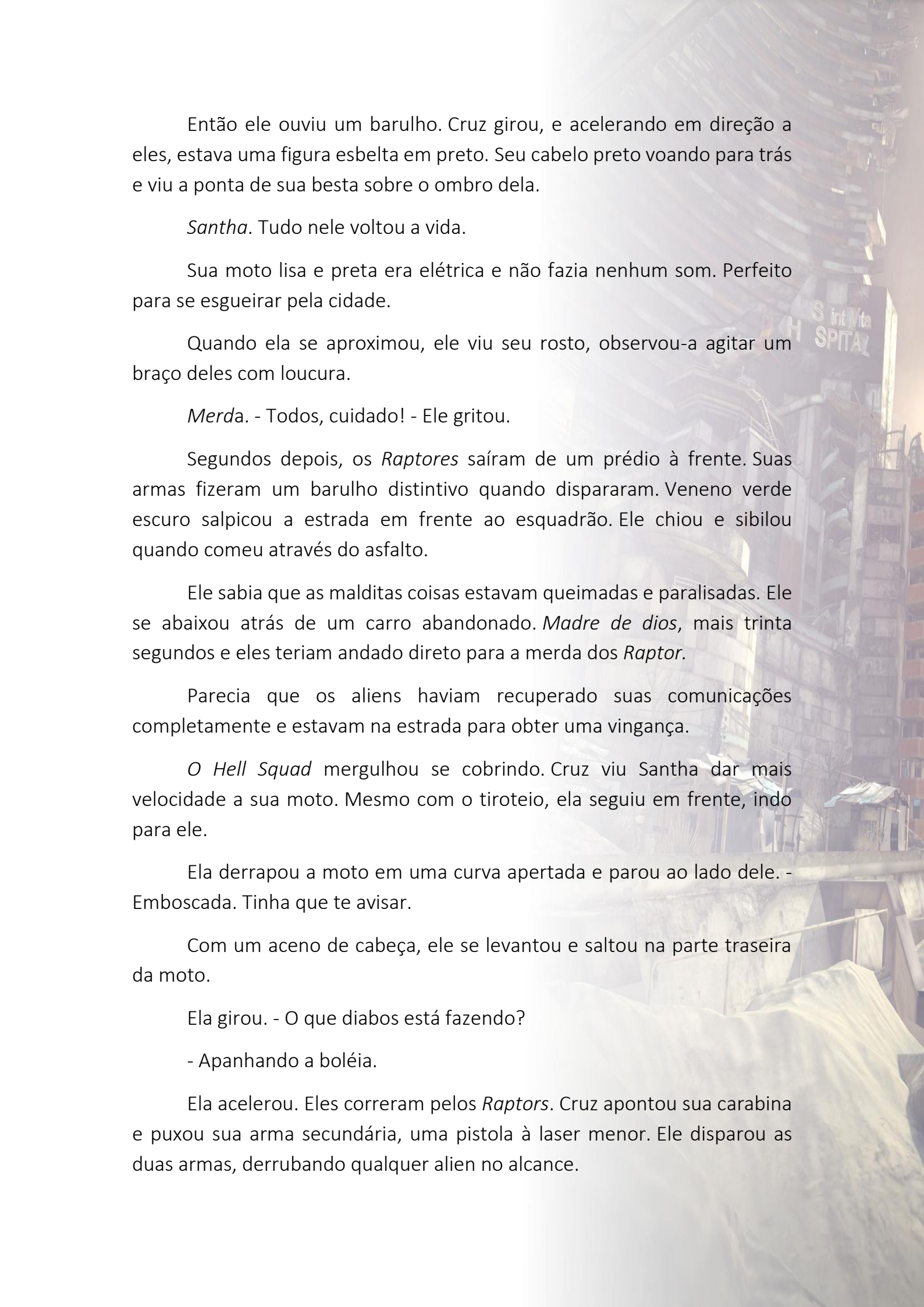
Marcus ergueu o punho fechado. A equipe parou.

- Cruz? - Marcus murmurou.

Cruz não conseguiu ver ou ouvir nada que devesse ter provocado o alarme interno. - Eu não sei, *amigo*. - Mas algo estava errado.

- Marcus? - A voz de Elle. - Perdemos o feed do drone. Não vejo vocês nem o que está à sua volta.

Quando Marcus amaldiçoou, o intestino de Cruz apertou. Sim, algo estava realmente errado.



Então ele ouviu um barulho. Cruz girou, e acelerando em direção a eles, estava uma figura esbelta em preto. Seu cabelo preto voando para trás e viu a ponta de sua besta sobre o ombro dela.

Santha. Tudo nele voltou a vida.

Sua moto lisa e preta era elétrica e não fazia nenhum som. Perfeito para se esgueirar pela cidade.

Quando ela se aproximou, ele viu seu rosto, observou-a agitar um braço deles com loucura.

Merda. - Todos, cuidado! - Ele gritou.

Segundos depois, os *Raptores* saíram de um prédio à frente. Suas armas fizeram um barulho distintivo quando dispararam. Veneno verde escuro salpicou a estrada em frente ao esquadrão. Ele chiou e sibilou quando comeu através do asfalto.

Ele sabia que as malditas coisas estavam queimadas e paralisadas. Ele se abaixou atrás de um carro abandonado. *Madre de deus*, mais trinta segundos e eles teriam andado direto para a merda dos *Raptor*.

Parecia que os aliens haviam recuperado suas comunicações completamente e estavam na estrada para obter uma vingança.

O Hell Squad mergulhou se cobrindo. Cruz viu *Santha* dar mais velocidade a sua moto. Mesmo com o tiroteio, ela seguiu em frente, indo para ele.

Ela derrapou a moto em uma curva apertada e parou ao lado dele. - Emboscada. Tinha que te avisar.

Com um aceno de cabeça, ele se levantou e saltou na parte traseira da moto.

Ela girou. - O que diabos está fazendo?

- Apanhando a boléia.

Ela acelerou. Eles correram pelos *Raptors*. Cruz apontou sua carabina e puxou sua arma secundária, uma pistola à laser menor. Ele disparou as duas armas, derrubando qualquer alien no alcance.

Santha virou a moto de novo e Cruz agarrou os joelhos. Eles se mudaram para os alienígenas novamente e Cruz continuou a disparar. Os membros da equipe também estavam atirando.

Ele e Santha fizeram outra volta. Ela antecipou suas necessidades, abrandando, acelerando, ajustando-se para evitar o tiroteio de *Raptors*. Mesmo no meio do inferno, ele tomou um segundo para apreciar seu corpo magro pressionado contra ele.

Então ele viu um enorme *raptor*, com mais de dois metros de altura, arrastando Sam no chão pelo tornozelo. O jovem soldado estava lutando e perdeu sua arma.

Merda. - Desacelere!

Ela fez e Cruz saltou da moto.

Ele descarregou sua carabina no alien. Tomando uma chuva de fogo à laser, o alien gigante finalmente caiu no chão como uma árvore derrubada.

Sam ficou retorcido, a perna direita dobrada em um ângulo estranho. Cruz puxou e ergueu Sam por cima do ombro. O garoto provavelmente pesava mais do que Cruz, mas o exoesqueleto de linha fina na armadura de Cruz o ajudava a levantar cargas pesadas. Ele correu para a cobertura.

Atrás de uma minivan virada, ele colocou Sam para baixo. O garoto estava gemendo, os olhos arregalados e nervosos. - O-obrigado, Cruz.

Claudia apareceu. - Ele está bem?

- A perna está quebrada.

- Vou dar uma olhada.

A equipe não tinha um médico de campo, mas todos tinham treinamento básico. Quando Claudia abriu a perna de Sam, Cruz afastou-se da cobertura para verificar a Santha.

Ela ainda estava na moto, andando em direção aos *Raptors* restantes. Ela segurou algo em sua mão.

Ele franziu a testa, e então, quando percebeu o que era, ele sorriu. Maldição, ela era sua espécie de mulher, uma rainha entre guerreiros.

Ela jogou a granada em um grupo de *Raptors*, então fez uma forte volta na moto. Ela voltou, levantando-se para dar um pequeno salto sobre alguns escombros. Atrás dela, a granada explodiu, as chamas atingindo o céu. Os gritos e grunhidos dos *Raptors* feridos e moribundos encheram o ar.

- Eles estão recuando. - A voz grave de Marcus veio através do fone de ouvido de Cruz.

O último dos *Raptors* escapou pelas ruínas em plena corrida. Cautelosamente Cruz baixou a sua arma.

Santha parou sua moto com um deslize. O resto do *Hell Squad* saiu da cobertura.

- Obrigado pelo aviso e pela ajuda. - disse Marcus.

Ela assentiu. - Você deveria ir. O seu MO habitual é entrar com uma força maior e um pacote de canídeos.

Cruz fez uma careta. Ele odiava os canídeos. Os cães de caça alienígenas eram viciosos e implacáveis.

Marcus amaldiçoou. - Nós deveríamos procurar por alguns sobreviventes, nossos drones os viram em uma escola a cerca de um quarteirão daqui.

Santha sacudiu a cabeça. - Eles saíram três dias atrás. Não sei onde estão agora.

Marcus assentiu. - Obrigado. - Ele tocou sua orelha. - Ele, você pode enviar um *Hawk* no nosso caminho e ter a doutora nos encontrando de volta na base? Jenkins está ferido. - Marcus olhou para a equipe dele. - *Hell Squad*, vamos sair. Gabe, carregue Sam.

Isso significava que o exoesqueleto iria carregar o membro da equipe, mesmo por várias horas, não era difícil, mas Cruz sabia que Gabe provavelmente não precisava da ajuda do exoesqueleto.

Cruz aproximou-se de Santha. - Venha conosco.

Encontrando cabeça com cabeça.

Ele se aproximou até que seu corpo estava apenas a um sussurro dela. Ele sentiu o cheiro dela - suor e um cheiro de madeira perfumada. - Volte para a base. Há um lugar para você lá.

- Não vou embora.

Merda. Cruz mal resistiu à vontade de chutar alguma coisa. Ele odiava a ideia dela aqui fora, sozinha. - Por que não?

Seus olhos verdes brilharam. - Tenho trabalho a fazer.

Ele se inclinou mais perto e viu ela ficar rígida. - Você não fica solitária?
- Ele perguntou calmamente.

- Você acha que estar com um monte de estranhos ajudará com isso?
- Ela inclinou a cabeça. - Você está com pessoas o tempo todo e você ainda está sozinho.

Cruz sentiu seus músculos tensos. Ele recuou. - O que você vai fazer?

Ela acelerou a moto. - Continuar a lutar.

Com a frustração como um nó em volta do pescoço, ele se forçou a assentir. - Não se mate.

Ela lhe mostrou um sorriso. O primeiro que ele já viu dela. - Claro, soldado.

Ela se atirou na moto e disparou.

Cruz observou-a desaparecer de vista. Sim, ela estava certa. Mesmo cercado por sua equipe, ele estava sozinho como o inferno.

CAPÍTULO DOIS

Cruz agarrou o lado do *Hawk* enquanto os quatro rotores giraram e começou sua descida.

Entraram através de uma abertura circular, coberta por portas retratáveis que se misturaram na floresta circundante. O general Holmes, o Chefe de Honra, trabalhava duro para manter a base em segredo dos *Raptors*.

Assim que os rotores do *Hawk* pararam de girar, Cruz saltou. Ele estava cansado e cheirava a sangue, suor e *raptor*. Ele franziu o cenho. Ele teria que se contentar com um banho frio, porém, uma vez que a água quente só estava disponível pela manhã. O Esquadrão Geek estava trabalhando para fornecer mais energia do sistema de energia solar de alta tecnologia, mas quando se tratava de alimentar a base, a água quente era a prioridade mais baixa.

Alguns militares estavam se movimentando em torno da pista de pouso - principalmente equipes de manutenção, pessoal de logística e pilotos. Todos usavam uma mistura de uniformes misturados com roupas civis. A maioria das armas do exército da *United Coalition* tinha sido dizimada na invasão alienígena. Todos os soldados haviam sobrevivido tinham sido reunidos nos esquadrões.

Mesmo *Hell Squad* era uma mistura heterogênea. Eles tinham *UC Marines*, como ele e Marcus, e os outros eram uma mistura de *UC Army*, *Navy* e *SAS*. Mas o que tinham sido antes não importava mais. Agora eles eram apenas o *Hell Squad*, sendo enviados para fazer as lutas mais sujas e mais sangrentas, repetidas vezes.

Mais uma vez, esse sentimento irritante de vazio o atingiu. Ele soltou sua armadura de peito, puxou-a e atirou-a sobre seu ombro. O mundo estava fodido. Nada seria o mesmo. Parecia que eles não estavam fazendo muito mais do que beliscar os calcanhares, mas mesmo que eles lutassem

contra eles - e isso era grande, em sua opinião - haveria tanta reconstrução para fazer. Demais.

Uma dor de cabeça começou por trás do olho esquerdo.

- Quem está machucado desta vez? - A Dra. Emerson Green pulou para a frente, seu casaco de laboratório caindo atrás dela e seus cabelos loiros balançando em um corte brusco que atingiu seu maxilar. Dois médicos esperaram com uma maca de íon flutuando no chão atrás dela.

- Novo recruta. - disse Cruz. - Sam.

- Eu acho que ele não passou. - Ela acenou para seus médicos para obter Sam na maca. Seu olhar escaneou o *Hawk*, executando cada membro da equipe. Cruz viu o modo como seu olhar parou no silencioso e quieto Gabe.

Sim, todos estavam preocupados com Gabe. Desde que seu irmão gêmeo morreu, o homem geralmente silencioso e intenso se tornou ainda mais retirado. O que Cruz não gostava mais era o hábito que Gabe tinha de desaparecer por períodos de tempo sem explicação. Ele estava preocupado de que Gabe fosse uma bomba relógio ... e Cruz não queria que Gabe, ou qualquer outra pessoa, se machucasse se ele fosse sair.

Uma figura delgada saiu de uma das entradas do túnel que levam as pistas de pouso. Ela estava correndo, seu cabelo castanho escuro fluindo atrás dela. Seu olhar se concentrou em Marcus e um sorriso iluminou seu rosto bonito. Ela se lançou no líder da equipe.

Ele a pegou com um braço, puxou-a para o peito e bateu a boca sobre a dela.

Elle Milton certamente não era a mesma pessoa que ela tinha sido antes do ataque. Uma ex-festeira da sociedade de Sidney, ela agora era a Oficial de Comando do *Hell Squad* e era muito boa nisso. Ela também estava apaixonada pelo Marcus, grande e duro.

Observá-los fez com que a melancolia de Cruz se aprofundasse. Ele ficou feliz por seu amigo. Se alguém merecia que o olhasse como a Elle o olhava, era Marcus. Mas observando a ligação óbvia entre os dois cortou

através de Cruz como uma faca de combate. Ele beliscou a ponte do nariz. Porra, ele precisava de uma boa noite de sono.

Claudia empurrou-o com o ombro dela. - Gabe e eu estamos indo para a sala de recreação para uma cerveja. - Ela deu uma olhada no franco atirador da equipe. - E Shaw se convidou para ser irritante. Quer se juntar a nós?

Cruz balançou a cabeça. - Vou pensar.

- Entendido. - Claudia se afastou e lançou um olhar sobre o ombro dela. - Ei, sua garota malvada salvou nossas pontas novamente. Nós devemos a ela.

Sua garota malvada. Cruz lutou contra uma careta. - Sim.

Ele pegou o túnel para o seu quarto. Ele estava quase lá quando Lainey, uma das professoras da base, apareceu ao lado dele. Ele flertou com ela algumas vezes nas festas regulares de sexta-feira. Ela era pequena, com curvas perigosas e um rosto aberto. Bastante, fresca, e não tem medo de mostrar o interesse dela.

- Ei, Cruz.

- Lainey.

Ela sorriu, mexendo com os cabelos loiros. - Você gostaria de se juntar a mim para o jantar? Alguns dos outros professores se encontraram na sala de jantar.

Cruz esperou o golpe de calor. A agitação de seu pênis.

Nada. - Acabei de chegar de uma missão. Não esta noite.

Ela se inclinou sobre ele, seu peito esfregando-se contra seu braço. - Podemos ter uma festa privada, então.

Ele deveria estar por toda parte. Batendo a sua frustração entre as coxas cremosas de Lainey seria melhor do que ficar no seu covil. E também se sentiria muito melhor.

Mas um corpo longo e magro era aquele que apareceu na cabeça dele. Dominou seus pensamentos. Ele não queria a adorável Lainey.

Ele queria Santha Kade.

- Desculpe, Lainey.

A boca da mulher inclinou-se para baixo, e ela encolheu os ombros. - OK. Vejo você mais tarde, Cruz.

Desde a invasão, neste pequeno enclave da humanidade, as atitudes em relação ao sexo mudaram dramaticamente. Era visto como uma forma de reafirmar a vida, sentir uma conexão quando muitos perderam seus entes queridos. E ele estava muito feliz de participar no início.

Mas quando ele começou a sentir-se mais desconectado, ele começou a afastar as ofertas. Nos últimos meses, despertar o interesse por uma mulher dava muito trabalho.

Até que Santha o tivesse batido, uma flecha da besta em um canídeo com a intenção de resgatá-lo.

Ela salvou o *Hell Squad* mais de uma vez. Ela estava lá fora, lutando contra os alienígenas. Sozinha.

Cruz bateu em seus aposentos, tirou o resto de sua armadura e roupas e entrou no chuveiro. Depois que a água muito fria tinha lavado a imundície, ele pegou uma garrafa de cerveja caseira da sua mini-geladeira e sentou-se no escuro, bebendo da garrafa. Ele sabia que ele deveria sair e sacudir esse humor sombrio, mas agora mesmo não tinha isso nele.

Uma batida na porta o fez franzir o cenho.

Ele abriu para ver Marcus em pé na sua porta.

Cruz ergueu uma sobrancelha. - Você conseguiu arrastar-se para longe de Elle?

Marcus grunhiu e entrou. – Obtive uma convocação de Holmes.

Um sorriso quebrou nos lábios de Cruz. O general Holmes - no início dos 40, altamente educado com um ar distinto e um amor por seguir as regras - entrou em conflito com a maneira áspera e difícil de Marcus de fazer as coisas.

Cruz segurou sua garrafa. - Cerveja?

Marcus grunhiu seu acordo e Cruz apareceu com uma cerveja e entregou-a.

Marcus afundou em uma poltrona e tomou um gole. - Holmes recebeu alguma informação de que um grupo de sobreviventes humanos estão sendo mantidos prisioneiros pelos *Raptors*.

Cruz inclinou-se contra o pequeno banco que compunha sua pequena quitinete. - Prisioneiros? Nós vimos *raptores* levar prisioneiros, mas geralmente morrem dentro de algumas horas.

- Estes estão mantidos a meses e meses.

Cruz endireitou-se. - Por quê? O que eles estão fazendo com eles?

- Não sei. Aprender nossa língua, nosso modo de vida? Quem sabe com esses bastardos alienígenas? Um sobrevivente chegou aqui na base e disse que viu esses prisioneiros antes que ele conseguisse escapar. Disse que um Dr. Randall Lonsdale e uma Dra. Natalya Vasin estão entre os prisioneiros. Dois gênios da ciência de energia.

Merda. - De quem os *Raptors* poderiam aprender muito.

- Sim. E cuja experiência poderia ser usada por aqui.

- Quando entramos?

Marcus tomou outro longo gole da cerveja dele. - Esse é o problema. Não sabemos *onde* eles estão sendo mantidos.

- Merda.

- Sugeri a Holmes que Santha poderia ajudar.

Cruz endireitou-se. - O que?

- Ela está fazendo reconhecimento na cidade desde que as *Raptors* chegaram. Eu acho que ela conhece seus movimentos e onde eles estão escondidos melhor do que ninguém.

- Nossa filmagem de drones ...

- Não é suficiente. Os *Raptors* são bons em sinais de interferência e estão aprendendo a esquivá-los. Não temos informações suficientes para

encontrar esses prisioneiros. Santha pode ter visto algo ou saber algo que poderia nos ajudar a localizá-los.

Sim, Cruz sabia que ela seria um grande trunfo. É por isso que ele tentou tanto a convencer para vir com eles. Ele deu um resmungo mental. Ok, essa não era a verdadeira razão. Ela ficaria muito mais segura aqui na base e ela estaria aqui, perto dele. Apenas o pensamento dela era como um tiro de adrenalina por suas veias. - Então nós entramos e a encontramos.

Exceto que eles não sabiam onde ela estava escondida. Ela sempre os encontrou.

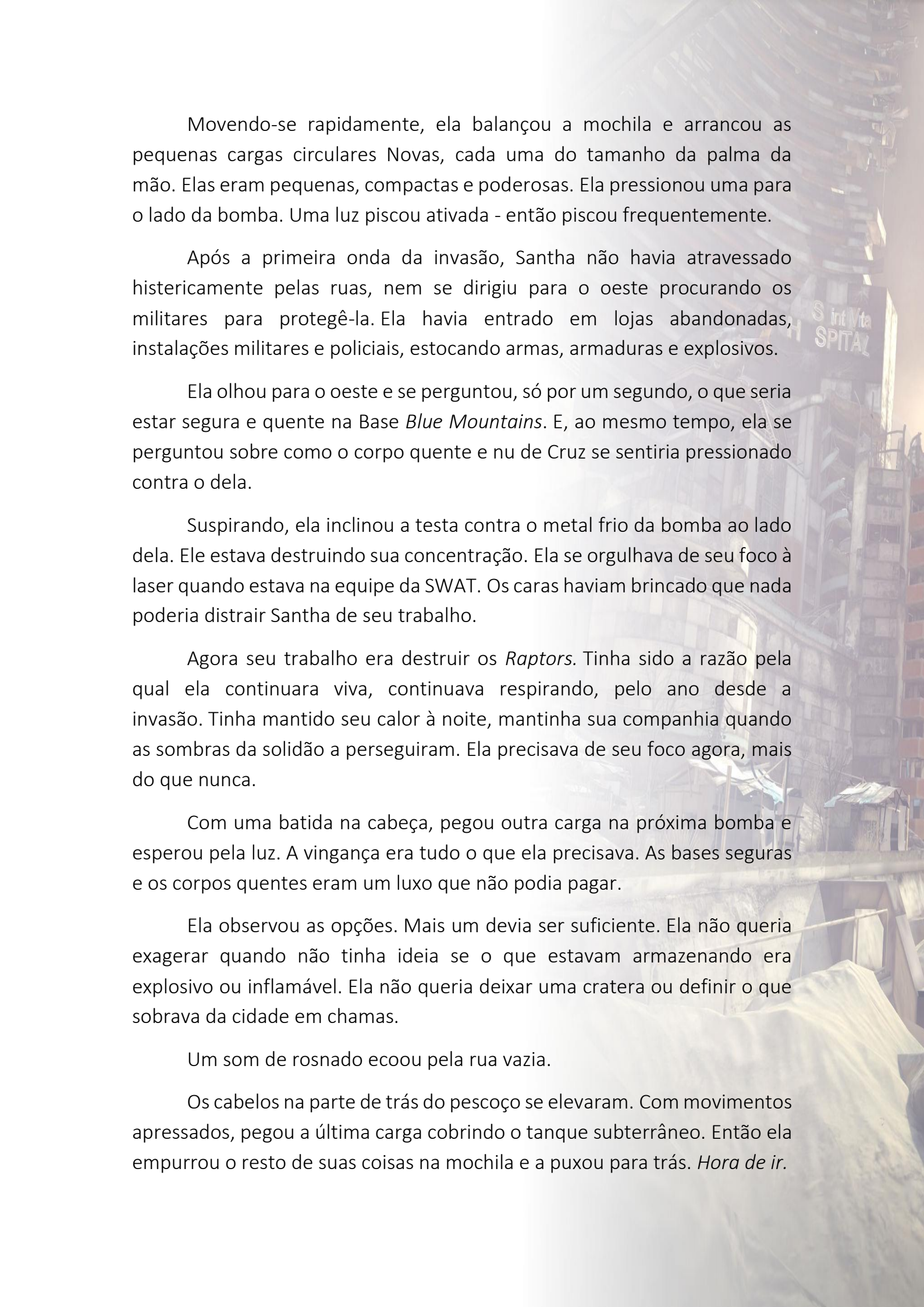
- Ele começou a trabalhar nisso. Ela marcou os tempos em que nos encontramos com Santha e locais onde sabemos que ela atacou os *Raptors*. Devemos ser capazes de restringir um local e encontrá-la.

Cruz assentiu. - Vamos ao trabalho.

O sol estava se pondo, espalhando sombras através das ruínas de Sidney. Santha se moveu rapidamente e silenciosamente. Ela só tinha vinte minutos para colocar os explosivos antes que os *Raptors* chegassem.

Ela passou pelo antigo posto de gasolina. As janelas da loja foram quebradas, as prateleiras vazias e um refrigerador de bebidas batido de lado. Do lado de fora, o sinal indicando que os preços de gás, hidrogênio e recarga da bateria caíram, e as folhas eram empilhadas contra a porta da frente, apodrecendo.

Ela tinha visto os *raptores* usando este lugar para armazenamento. Colocando algo líquido nos tanques de armazenamento subterrâneos. Ela adivinhou que era uma espécie de combustível. Ela roubou um transporte terrestre *raptor* uma vez - um veículo feio e de aspecto bruto que lembrou um triceratops. Funcionava com uma substância negra sem lodo.



Movendo-se rapidamente, ela balançou a mochila e arrancou as pequenas cargas circulares Novas, cada uma do tamanho da palma da mão. Elas eram pequenas, compactas e poderosas. Ela pressionou uma para o lado da bomba. Uma luz piscou ativada - então piscou frequentemente.

Após a primeira onda da invasão, Santha não havia atravessado histericamente pelas ruas, nem se dirigiu para o oeste procurando os militares para protegê-la. Ela havia entrado em lojas abandonadas, instalações militares e policiais, estocando armas, armaduras e explosivos.

Ela olhou para o oeste e se perguntou, só por um segundo, o que seria estar segura e quente na Base *Blue Mountains*. E, ao mesmo tempo, ela se perguntou sobre como o corpo quente e nu de Cruz se sentiria pressionado contra o dela.

Suspirando, ela inclinou a testa contra o metal frio da bomba ao lado dela. Ele estava destruindo sua concentração. Ela se orgulhava de seu foco à laser quando estava na equipe da SWAT. Os caras haviam brincado que nada poderia distrair Santha de seu trabalho.

Agora seu trabalho era destruir os *Raptors*. Tinha sido a razão pela qual ela continuara viva, continuava respirando, pelo ano desde a invasão. Tinha mantido seu calor à noite, mantinha sua companhia quando as sombras da solidão a perseguiram. Ela precisava de seu foco agora, mais do que nunca.

Com uma batida na cabeça, pegou outra carga na próxima bomba e esperou pela luz. A vingança era tudo o que ela precisava. As bases seguras e os corpos quentes eram um luxo que não podia pagar.

Ela observou as opções. Mais um devia ser suficiente. Ela não queria exagerar quando não tinha ideia se o que estavam armazenando era explosivo ou inflamável. Ela não queria deixar uma cratera ou definir o que sobrava da cidade em chamas.

Um som de rosnado ecoou pela rua vazia.

Os cabelos na parte de trás do pescoço se elevaram. Com movimentos apressados, pegou a última carga cobrindo o tanque subterrâneo. Então ela empurrou o resto de suas coisas na mochila e a puxou para trás. *Hora de ir.*

Os rosnados e grunhidos ficaram mais altos, seguidos por um uivo quase como um lobo.

Exceto que sabia que não eram lobos.

Eles vieram à vista, correndo pela rua em um pacote vicioso. Canídeos.

Os alienígenas caninos tinham uma pele grossa e dura, espinhos ao longo das costas e maxilas cheias de dentes perversos. Eles também desenvolveram um gosto pela carne humana.

Porra. Santha correu de volta ao redor do edifício da estação de gás, espremendo-se através de um buraco na cerca e correu na direção oposta. Ela ergueu o olhar para os telhados. Em cima era melhor. Canídeos poderiam saltar, mas eles não eram os melhores escaladores.

Ela avistou um prédio de apartamentos em frente. Ela escalou o muro, esperando os canídeos e, então, como um bônus, ela poderia começar a assistir os *Raptors* explodir em pequenos pedaços enquanto se livrava deles.

Mas ela estava a meio caminho do prédio quando fogo *raptor* atingiu o chão em volta dela. O veneno verde chiou e assobiou. Ela mergulhou sobre ele, rolou e foi direto de volta para seus pés.

Santha amaldiçoou sob sua respiração. Uma patrulha *raptor* estava vindo na direção oposta, deixando-a presa no meio. Oito deles, todos armados.

Ela puxou as duas pistolas de laser Shockwave de seus coldres na cintura e disparou. Ela não se incomodou com o objetivo. Ela só queria distração suficiente para chegar a um esconderijo.

Alguns dos *Raptors* se espalharam, outros continuaram atirando.

Santha andou para trás, seus lasers verdes iluminando a rua. Enquanto ela se aproximava de uma frente de loja, ela se virou e correu.

A porta para o supermercado estava aberta como uma boca aberta. Ela tinha acabado de chegar quando fogo *Raptor* rasgou através de sua coxa esquerda.

- Ahh. - Ela quase caiu, mas agarrou a moldura da porta. A queima de dor era indescritível. Ofegante, ela se puxou para dentro.

Foda-se. O veneno ácido estava mastigando através de suas calças e comendo através de sua pele. Agora ela estava sangrando muito, também, a calça molhada com o sangue dela. *Não é bom.*

Rangendo os dentes e lutando para permanecer consciente, ela pegou uma granada de seu cinto, arrancou o pino e jogou para fora.

Ela não esperou para ver o que aconteceu. Ela ouviu o estrondo e os gritos dos *Raptors*, mas ela também ouviu os rugidos dos canídeos se aproximando. Ela rapidamente pegou um tubo de gel-medicinal fora de seu cinto, arrancou a tampa com os dentes e apertou o tubo inteiro para sua ferida.

No mesmo instante, a dor diminuiu um pouco. Era tudo o que podia fazer no momento. Ela precisava sair de lá ... porque o veneno *raptor* também paralisava.

Santha mancou até o fundo da loja e para fora em um beco estreito. Ela não tinha ido muito longe quando ela percebeu que estava deixando um inferno de um rastro de sangue.

Merda. Ela fechou os olhos. A dor pode ter diminuído, mas ainda era ruim o suficiente para ter bile subindo na garganta. Ela engoliu várias vezes e continuou se movendo, mas não foi muito antes de ela estar arrastando a perna e soluçando de dor. O efeito paralisante da toxina *raptor* estava fechando os músculos na perna.

Os latidos e uivos de canídeos estavam ficando mais altos.

Ela não conseguiria. Assim não.

Santha caiu contra a lateral de um prédio. Após procurar pela bolsa ligada ao cinto, ela arrancou um injeção de pressão cheia com um líquido azul. Ela respirou fundo, espetou-a em sua coxa e espremeu ela.

Estremecendo, ela esperou até que o efeito batesse nela. Era um cocktail de estimulantes e analgésicos projetado para uso por tropas das forças especiais na linha de frente. A vantagem era que iria adiar a paralisia e ela poderia fugir. A desvantagem era que, assim que ele passasse, ela entraria em colapso e cairia.

O alívio bateu em poucos segundos e Santha inclinou a cabeça para trás, saboreando a sensação quando a dor desapareceu e adrenalina surgiu através dela. Seus sentidos afiaram e a energia passou por ela como uma sedutora sensação.

Ela pegou um torniquete de sua bolsa e puxou-o firmemente em torno do alto de sua coxa. Ela ignorou a ferida feia.

Então ela correu.

Ela sabia que o efeito não iria durar muito. Ela mudou-se através dos edifícios, correu ao longo das ruas, saltou sobre carros abandonados. Ela precisava de tanta distância entre ela e os alienígenas quanto ela podia conseguir.

Mas os latidos excitados e rosnados de canídeos ainda estavam a seguindo.

Eles estavam rastreando ela.

Ela correu mais rápido. Seus pulmões queimando.

Quando ela correu através do que tinha sido uma vez um parque, ela virou no playground agora coberto, onde as crianças tinham rido e brincado uma vez. Quando foi a última vez que ela tinha rido? Ela sabia. Essa última noite com Kareena, antes que as luzes de fogo no céu tinha virado a noite em dia.

Santha estourou fora do parque e correu ao longo da calçada. Ela virou uma esquina e uma enorme onda de tontura bateu nela.

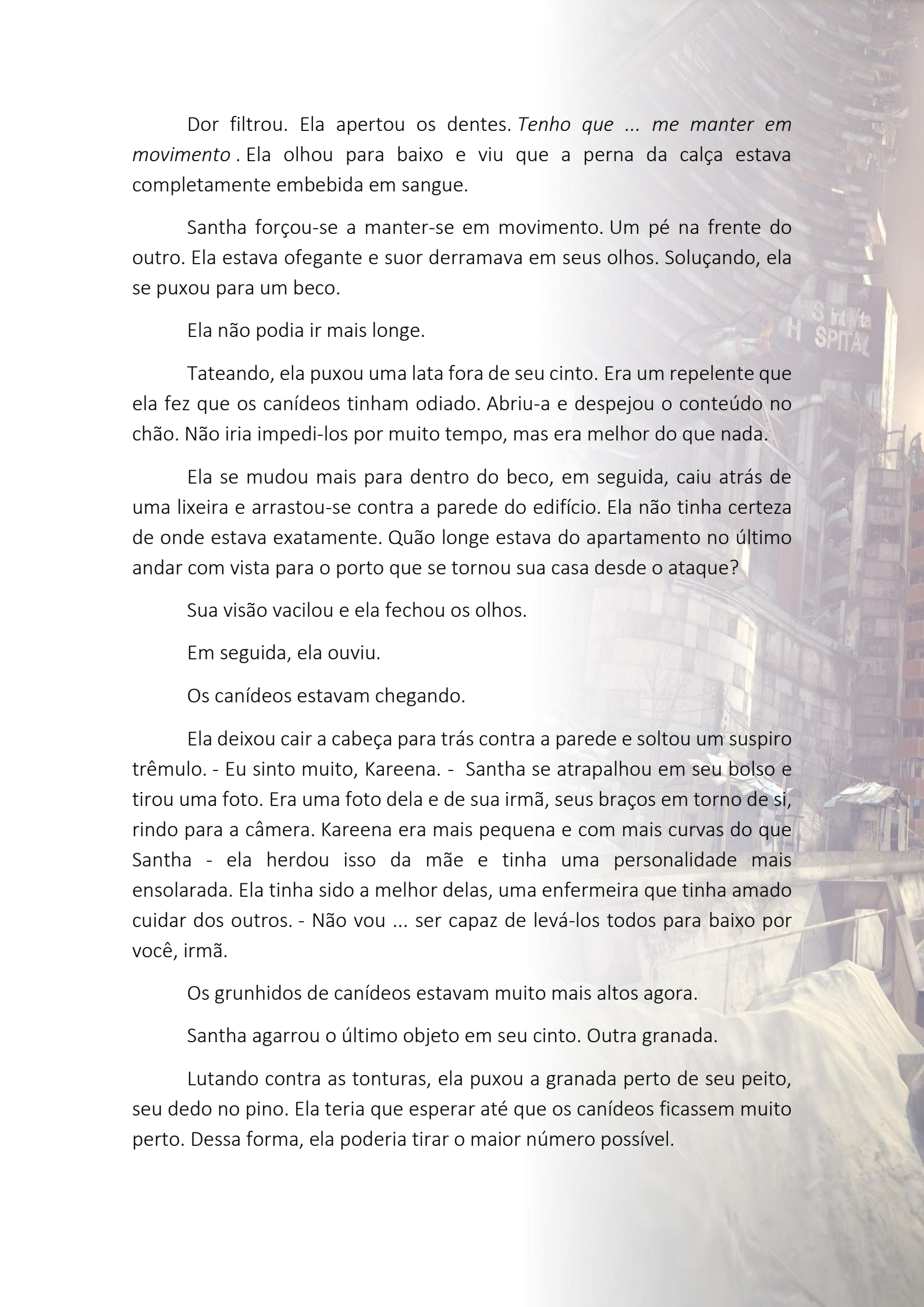
Não. Não. O remédio estava terminando.

Ela cambaleou e atingiu uma cerca. Sem fôlego, ela encontrou o equilíbrio e continuou se movendo. Mas seu ritmo estava mais lento agora, sua perna ferida arrastando atrás dela.

Uma enorme explosão rasgou através da escuridão crescente.

O posto de gasolina.

Santha conseguiu dar um pequeno sorriso satisfeito. *Tome isso, seus bastardos.*



Dor filtrou. Ela apertou os dentes. *Tenho que ... me manter em movimento*. Ela olhou para baixo e viu que a perna da calça estava completamente embebida em sangue.

Santha forçou-se a manter-se em movimento. Um pé na frente do outro. Ela estava ofegante e suor derramava em seus olhos. Soluçando, ela se puxou para um beco.

Ela não podia ir mais longe.

Tateando, ela puxou uma lata fora de seu cinto. Era um repelente que ela fez que os canídeos tinham odiado. Abriu-a e despejou o conteúdo no chão. Não iria impedi-los por muito tempo, mas era melhor do que nada.

Ela se mudou mais para dentro do beco, em seguida, caiu atrás de uma lixeira e arrastou-se contra a parede do edifício. Ela não tinha certeza de onde estava exatamente. Quão longe estava do apartamento no último andar com vista para o porto que se tornou sua casa desde o ataque?

Sua visão vacilou e ela fechou os olhos.

Em seguida, ela ouviu.

Os canídeos estavam chegando.

Ela deixou cair a cabeça para trás contra a parede e soltou um suspiro trêmulo. - Eu sinto muito, Kareena. - Santha se atrapalhou em seu bolso e tirou uma foto. Era uma foto dela e de sua irmã, seus braços em torno de si, rindo para a câmera. Kareena era mais pequena e com mais curvas do que Santha - ela herdou isso da mãe e tinha uma personalidade mais ensolarada. Ela tinha sido a melhor delas, uma enfermeira que tinha amado cuidar dos outros. - Não vou ... ser capaz de levá-los todos para baixo por você, irmã.

Os grunhidos de canídeos estavam muito mais altos agora.

Santha agarrou o último objeto em seu cinto. Outra granada.

Lutando contra as tonturas, ela puxou a granada perto de seu peito, seu dedo no pino. Ela teria que esperar até que os canídeos ficassem muito perto. Dessa forma, ela poderia tirar o maior número possível.

Enquanto esperava no escuro para morrer, seus pensamentos difusos virou-se para um rosto bonito e olhos profundos marrom, e os arrependimentos do que nunca seria.



CAPÍTULO TRÊS

Cruz se arrastou pela noite, sua lente de visão noturna mostrando tudo ao seu redor em vários tons de verde.

A equipe estava se movendo atrás dele, todos em alerta para sinais dos *raptors*.

De repente, uma explosão rasgou a noite. Uma bola de fogo subiu acima dos telhados, queimando através de sua visão noturna. Atrás dele, ele ouviu os outros murmurarem maldições.

Santha. Cruz esperou que seus olhos se ajustasse. Tinha que ser.

Ele estudou seus movimentos em seus drones nas últimas semanas. Ela era uma mestre em se esconder, plantando bombas, e soprando *Raptors* para o inferno.

Marcus subiu ao lado dele. – Acha que é ela?

- Sim.

- Vamos dar uma olhada. - Marcus acenou para a equipe.

Eles se mudaram rápido agora, furando nas sombras. Quando chegaram ao local da explosão, se agacharam atrás de alguns carros abandonados e assistiram ao caos com *Raptors* moídos em torno de um posto de gasolina em chamas. Dois transportes de pessoal *raptor* blindados estavam estacionados, as coisas malditas se agachando e olhando as proximidades. Havia muitos corpos *raptor* deitados no chão, bem, alguns queimados além do reconhecimento.

Cruz sorriu para si mesmo. *Muy bien*. Ela era a rainha da destruição.

Então ele avistou alguns *Raptors* através das chamas que pareciam que estavam discutindo. Alguns estavam gesticulando. Cruz pegou seu binóculo. Ele esperou que a visão se adapta-se para fazer zoom e viu que eles estavam apontando para algo. Um pequeno pacote de canídeos estava galopando para longe.

Merda. - Canídeos estão no rastro de alguma coisa.

- Ok, *Hell Squad*. - Marcus murmurou. – Circulando em torno desses caras Vamos ver o que deixou os canídeos tão animados.

Eles deram aos *Raptors* um amplo espaço, embora os dedos de Cruz coçavam para matar alguns. Mas, primeiro, ele precisava encontrar Santha.

A equipe afastou-se do posto de gasolina e seguiu os canídeos. Foi fácil. As bestas feias fazia um inferno de um barulho. Ele pegou uma mancha escura no chão. Agachou-se, ele pressionou um dedo para ela e levantou.

Sangue. - Ela está ferida. - Cruz quebrou em um salto. - Precisamos avançar mais rápido.

Sem comentários, a equipe seguiu.

Mudaram-se através de um parque coberto e de volta para a rua. À frente, os canídeos estavam dando alguns latidos excitados, indo para a boca de um beco. Eles pararam por um segundo e pareciam agitados.

Foda-se. Cruz levantou a carabina, avistando a primeira criatura em sua mira. Ele abriu fogo.

O canídeo caiu. Segundos depois, uma barragem de fogo à laser rasgou o resto deles quando o esquadrão fazia o que melhor sabiam fazer. Shaw conseguiu derrubar dois com um tiro. O atirador era mágico com seu rifle.

Logo uma pilha de corpos de canídeos estava na entrada do beco.

Cruz avançou, arma apontada em caso qualquer um dos canídeos estar se fingindo de morto. Nada se movia. Ele sentiu o cheiro mais fraco de árvores verdes. Ele conhecia o cheiro – era o spray de Santha que poderia incapacitar os canídeos.

Ele entrou no espaço estreito entre dois prédios. Estava escuro. A caçamba de lixo pairava nas sombras. Ele manteve os passos lentos, verificando se havia qualquer sinal de movimento. Seu batimento cardíaco estava alto em seus ouvidos.

Em seguida, ele a viu caída contra o edifício. Seu cabelo escuro era um emaranhado cobrindo a cabeça inclinada.

Madre de Dios. Ele correu para ela, caindo de joelhos. - Santha?

Ela levantou a cabeça, suas pálpebras tremulando abertas. - Cruz? - Seu olhar desfocado atingiu seu rosto. - Devo ... estar morta.

- Ainda não, *mi reina*. - Ele foi para tocá-la e percebeu que ela estava segurando uma granada de fragmentação contra o peito. - Posso ter isso?

Seus dedos apertavam no pino. - Canídeos. - Um sussurro rouco.

- Nós cuidamos deles. Eles estão mortos.

Ela piscou de novo, como se estivesse tentando processar a informação. Ele não achava que ela percebeu que ele estava lá. – Preciso matar quantos eu puder.

Seu coração simplesmente parou.

Ela tinha planejado explodir-se como um sacrifício maldito.

A raiva era como um rio fluindo através de Cruz. Ele trabalhou sua mandíbula enquanto ele tentava não gritar alto o suficiente para trazer os *Raptors* sobre eles.

Então ele viu sua coxa. Ele respirou fundo. Estava uma bagunça. E a sombra escura embaixo dela não era musgo ou sujeira ... era sangue.

- Ela está ferida. Alguém traga um kit medico. - Ele apertou a palma da mão para sua bochecha. - Santha, os canídeos estão mortos. Dá-me a granada e vamos tirá-la daqui.

- Não foi possível salvar Kareena. Sinto muito ... não posso vingar a morte dela. - As pálpebras de Santha caíram. – Me arrependo por não ter beijado você.

Suas últimas palavras foram tão silenciosas que mal as ouviu, mas seu coração chutou em seu peito. Ele afastou o cabelo úmido de suor da sua cabeça e apertou os lábios ao ouvido dela. – Você pode ter a certeza, *mi reina*, que você vai ter esse beijo.

Agora seus olhos se arregalaram abertos. - Cruz? Você está realmente aqui?

- Sim. - Ele pegou a granada de seus dedos soltos, verificou-a, então a prendeu através de um encaixe em seu cinto.

- Pensei que você fosse uma alucinação.

- Não. - Ele gentilmente sondou o ferimento em sua coxa.

- Veneno *Raptor*. - disse ela.

A mandíbula de Cruz apertou. Aquilo deveria doer como o inferno. Gabe se agachou ao lado dele segurando um kit médico aberto. Cruz assentiu seu agradecimento e pegou um curativo médico. Iria cauterizar a ferida e parar o sangramento por agora. - Ela perdeu muito sangue.

- Quer os nano-remédios? - Perguntou o outro homem.

Era um risco. As máquinas médicas microscópicas poderiam curá-la em apenas algumas horas ... mas eles tinham que ser monitorados por um profissional médico, caso contrário, eles poderiam sair do controle e matar o paciente. O esquadrão apenas utilizava quando não tinha outras opções.

Cruz finalmente balançou a cabeça. - Eles podem matá-la. - Ele segurou seu rosto e forçou a cabeça para cima. - Acha que você pode segurar até chegarmos a algum lugar seguro?

Ela conseguiu um aceno de cabeça.

Uma maldição murmurada soou na escuridão. Shaw estava no telhado acima. - Temos que seguir em frente. Vinte *Raptors* estão vindo para cá.

Um segundo depois, a voz tensa de Elle veio através de todos os seus fones de ouvido. - Na verdade, vinte e dois.

Marcus se aproximou. - Nós não podemos abatê-los e proteger Santha. Elle, você tem uma saída para nós?

- Os *Raptors* estão entre você e o *Hawk*. Eu estou trabalhando para encontrar uma rota segura ... mas você vai ter que ir ao redor.

Cruz bateu o punho no chão. - Ela não pode fazer isso por muito tempo. Precisamos de um lugar para esconder-nos e cuidar de sua ferida.

- Apartamento. - Santha fez uma careta. - Não longe. Perto do porto.

Cruz pegou o olhar de Marcus. - Podemos ir até lá e esperar os *Raptors* sumirem ,até que seja seguro para a mover.

Marcus ponderou por um segundo, em seguida, concordou. - OK, vamos lá. Elle, entendeu?

- Entendi. Seja cuidadoso.

Os dentes de Marcus brilharam na escuridão. - Sempre.

Cruz se agachou e colocou o braço em volta de Santha. - Eu sou a sua boléia hoje , *mi reina*.

Um leve sorriso cintilou em seus lábios. – Não foi assim que eu imaginei montar você.

O pau de Cruz ficou duro instantaneamente, surgindo contra a sua armadura. - O inferno, mel, pare com isso ou eu vou estar em um mundo de dor. - Ele levantou-a em seus braços. - Eu tenho você agora.

Com um aceno de cabeça, ela aninhou a cabeça em seu ombro, e pela primeira vez desde que a conheceu, ele a sentiu relaxar contra ele. - Desculpe, eu sou muito pesada.

- Eu poderia dizer-lhe tudo sobre a minha força viril, mas a minha armadura tem um exoesqueleto. Você é tão leve como uma pena.

Aquele pequeno sorriso apareceu novamente.

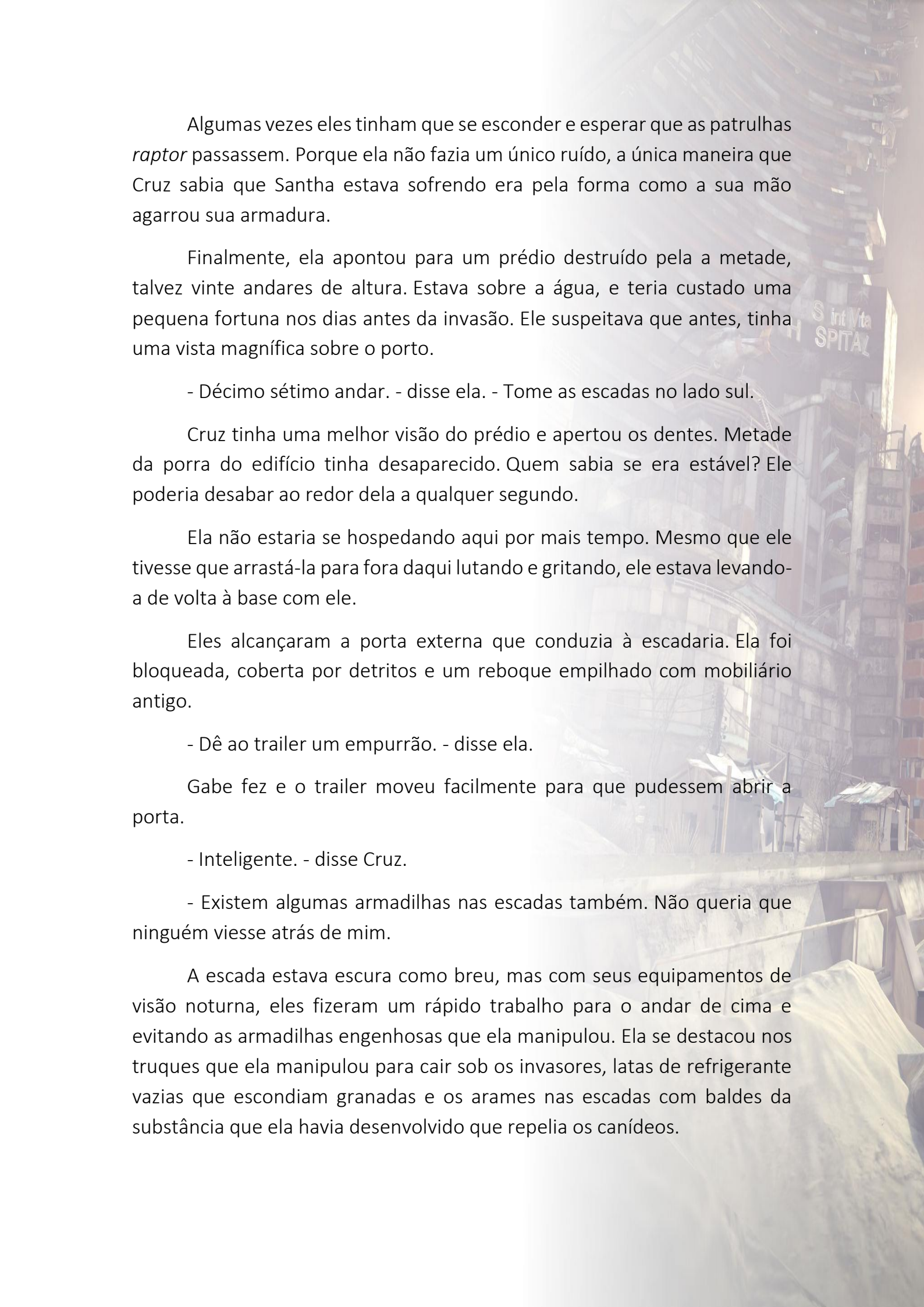
O Hell Squad se moveu de forma constante durante a noite. Santha não tinha perdido a consciência, mas sua letargia e rosto pálido teve essa sensação de aperto crescendo em seu intestino. Ela sussurrou direções através dos lábios secos.

- Mais *Raptors* na entrada. - disse Gabe, olhando através do escopo de sua carabina. - As ruas estão rastejando com eles.

Cruz amaldiçoou. - Eles estão nos caçando.

A voz de Elle rompeu. - Você está certo. E eu vejo mais duas patrulhas indo para sua área. Vocês precisam se esconder. Agora!

- Temos que ir para a casa de Santha. Vá! - Disse Marcus.



Algumas vezes eles tinham que se esconder e esperar que as patrulhas *raptor* passassem. Porque ela não fazia um único ruído, a única maneira que Cruz sabia que Santha estava sofrendo era pela forma como a sua mão agarrou sua armadura.

Finalmente, ela apontou para um prédio destruído pela metade, talvez vinte andares de altura. Estava sobre a água, e teria custado uma pequena fortuna nos dias antes da invasão. Ele suspeitava que antes, tinha uma vista magnífica sobre o porto.

- Décimo sétimo andar. - disse ela. - Tome as escadas no lado sul.

Cruz tinha uma melhor visão do prédio e apertou os dentes. Metade da porra do edifício tinha desaparecido. Quem sabia se era estável? Ele poderia desabar ao redor dela a qualquer segundo.

Ela não estaria se hospedando aqui por mais tempo. Mesmo que ele tivesse que arrastá-la para fora daqui lutando e gritando, ele estava levando-a de volta à base com ele.

Eles alcançaram a porta externa que conduzia à escadaria. Ela foi bloqueada, coberta por detritos e um reboque empilhado com mobiliário antigo.

- Dê ao trailer um empurrão. - disse ela.

Gabe fez e o trailer moveu facilmente para que pudessem abrir a porta.

- Inteligente. - disse Cruz.

- Existem algumas armadilhas nas escadas também. Não queria que ninguém viesse atrás de mim.

A escada estava escura como breu, mas com seus equipamentos de visão noturna, eles fizeram um rápido trabalho para o andar de cima e evitando as armadilhas engenhosas que ela manipulou. Ela se destacou nos truques que ela manipulou para cair sob os invasores, latas de refrigerante vazias que escondiam granadas e os arames nas escadas com baldes da substância que ela havia desenvolvido que repelia os canídeos.

Shaw deslizou por uma pequena pilha de granadas disfarçadas. - Inferno. Você está sedenta de sangue, mulher.

Santha lançou-lhe um olhar fresco. - Inteligente.

Cruz engoliu um sorriso, ele a mudou em seus braços e entrou cuidadosamente ,pisou sobre as granadas.

No décimo sétimo andar, ela apontou para uma porta no meio do caminho ao longo do corredor. Mas Cruz estava ocupado demais olhando para o final do corredor, onde as paredes já não existiam, e ele podia ver para o espaço aberto. *Droga para o inferno.*

Santha entregou um conjunto de chaves e Cruz passou para Marcus. Havia três fechaduras pesadas e Marcus abriu cada uma.

Marcus e Claudia foram primeiro para fazer uma revisão no apartamento. Ao aceno de Marcus, Cruz moveu-se para dentro. O apartamento tinha sido provavelmente luxuoso uma vez. Agora Santha tinha encoberto as janelas, mas de forma a não chamar a atenção do lado de fora. Ela empurrou móveis de lado e tinha estocado o que parecia alimentos enlatados, armas, munições e suprimentos médicos contra a parede. Um sofá enfrentou a cozinha espaçosa e Cruz a colocou sobre ele.

- Vamos dar uma olhada nessa ferida.

Shaw se ajoelhou ao lado de Cruz com um kit médico. O restante da equipe estava patrulhando o espaço, verificando saídas, armas ainda para cima e em alerta.

Cruz rasgou o tecido encharcado de sangue longe de sua coxa. O ferimento o fez estremecer. O veneno *raptor* tinha feito uma confusão maldita. Mas o que o preocupava mais era que ele ainda estava sangrando.

Ele pegou alguns panos estéreis de Shaw e começou a limpá-la. - Não sei como você ainda está consciente. A dor ou paralisia deveria ter batido você?

Ela inclinou a cabeça para trás contra as almofadas. – Tomei um remédio bracer para fugir dos canídeos.

Cruz congelou, Shaw e Marcus amaldiçoaram e Claudia assobiou em uma respiração.

- Quanto tempo atrás, Santha? - Perguntou Cruz.

Sua cabeça pendeu contra o sofá. - Ele tinha acabado antes de você me encontrar.

Porra. Demasiado tempo. – A manteve anestesiada e a manteve funcionando. - E mascarando quão gravemente ferida estava. Ele checkou o pulso á moda antiga, com os dedos no pulso. Fraco e errático. Ele pegou uma caneta de luz e brilhou em seus olhos.

Suas pupilas não responderam.

- Porra. É ruim, e ela perdeu muito sangue.

- Nano-medicamentos. - disse Marcus.

Eles poderiam matá-la, mas não tinha escolha. Cruz acenou para Shaw, que pescava no kit médico. - Ela ainda vai precisar de sangue.

- Você sabe que nós não carregamos qualquer coisa assim. - disse Shaw.

- Mas nós temos um kit de campo de transfusão, certo?

Shaw fez uma careta. - Sim.

Cruz estendeu o braço. – A ligue a mim. Dê-lhe meu sangue.

Shaw olhou para Marcus. Cruz não se preocupou em olhar para o seu amigo.

- Faça. - disse Marcus.

Shaw balançou a cabeça e estalou em algumas luvas finas. Primeiro, ele puxou uma grande seringa preenchida com um brilhante fluido, de prata e se moveu para ele. Cruz agarrou os ombros de Santha e segurou-a para baixo. Ele sabia por experiência que os nano-medicamentos doíam como o inferno.

Shaw deslizou a agulha na sua veia e injetou os nanos.

Por um segundo, nada aconteceu, então o corpo de Santha inclinou-se e um som estrangulado rasgou de sua garganta.

- Está tudo bem, *mi reina*, eu sei que dói. Só por pouco tempo.

Ela apertou-se contra ele. – Queima!

- Sim, esses pequenos amigos estão escavando dentro, espalhando através de sua corrente sanguínea. Eles vão te curar.

Shaw apertou um minúsculo sensor ao lado de seu pescoço. A luz sobre ela piscou loucamente. Ele ergueu um pequeno comprimido. - Vou monitorar seus sinais vitais aqui e conferir o progresso dos nanos.

Ele poderia trazê-los de volta se eles ficassem muito agressivos ou acelerá-los. O que eles não podiam fazer era desligá-los. Agora que estavam, eles tinham que correr o seu curso. E nano-medicamentos, não devidamente monitorados, poderiam matar mais rápido do que veneno *raptor*.

Santha finalmente relaxou contra as almofadas, seu corpo encharcado de suor. Cruz escovou seus cabelos do rosto. Ficou chocado ao ver que a mão dele não estava totalmente estável.

Ele se acomodou no chão ao lado dela e tirou a armadura da parte superior do corpo. Ele estendeu o braço. - Pronto?

Shaw assentiu e envolveu um torniquete de borracha em torno dos bíceps de Cruz. Quando Shaw afundou a agulha na dobra do braço de Cruz, Cruz não estremeceu, ele apenas manteve o olhar no rosto de Santha. Shaw terminou de ligar o tubo fino em Cruz, a pequena máquina de alta tecnologia de transfusão, e Santha. Sangue vermelho-brilhante fluiu, enchendo o tubo. Ele passou do tubo, para a máquina e para Santha.

Levou algum tempo. Cruz viu seu rosto, estudando suas altas maçãs do rosto, pele bronzeada e seus cílios longos e escuros. Ele viu uma cicatriz no lado de seu pescoço lentamente perder a frescura rosa de um ferimento recente. Ela tinha sido ferida nos últimos meses. Seus dedos enrolaram em um punho. Imaginou-a deitada aqui, com dor, sangrando, sozinha.

- Cruz?

Sua voz estalou-o fora de sua contemplação com raiva. Seu rosto tinha mais cor e seus olhos estavam focados no rosto.

- Se sentindo melhor?

- Sim. - Ela olhou para o sangue fluindo para dentro dela. - Seu sangue deve me ajudar. - Ela se mexeu. - Pode me ajudar a sentar?

Ele deslizou para o sofá ao lado dela e ajudou-à sentar-se.

Com a mão trêmula, ela escovou o cabelo para trás. - Droga. Eu odeio me sentir assim.

Sim, se sentir fraca era uma merda. - Você estará de volta em seus pés em breve.

Ela olhou para sua coxa sarando. - Nano-medicamento, certo? Eu só curei assim rapidamente uma vez antes.

- Nós carregamos uma dose. Emergências somente. - Cruz acenou para Shaw. - Shaw aqui os está monitorando para que eles não decidam comer o seu interior.

Shaw se inclinou para frente. - Agora eles estão consertando as fontes de sua hemorragia. Eles já erradicaram o veneno *raptor* de seu sistema. Não terá glamour suficiente para corrigir o exterior e fechar a ferida, mas a Doutora Emerson vai resolver isso.

- Doutora Emerson?

Cruz assentiu. — Dra. Emerson Green. Ela está no comando das equipes médicas na Base *Blue Mountains*.

Santha tentou endireitar-se. - Eu não estou saindo ...

- Sim, você está. - Cruz juntou as palmas das mãos no sofá de volta em ambos os lados de sua cabeça. - Eu não estou levando um não como resposta, desta vez, Santha. Você foi ferida, quase morreu, e você vive em uma ruína da porra que pode desabar a qualquer momento. Você está voltando para a base.

- Você acha que tem uma palavra a dizer na minha vida? - Ela cuspiu.

- Sim.

Ela se inclinou para frente até que seus narizes escovaram. - Não. Eu nem sequer dou aos meus amantes esse poder.

- Bem, eu vou ser seu amante em breve e eu também sou o homem que quer você porra segura, *compreende?*

Marcus pigarreou. - Cruz ... argumentos de lado, precisamos da sua ajuda, Santha.

Ela olhou para Cruz mais um segundo antes de seu olhar voltar para Marcus. – Ajuda?

- *Raptors* estão mantendo prisioneiros humanos em algum lugar da cidade, incluindo alguns cientistas muito valiosos. - disse Marcus.

Seu olhar verde voltou para Cruz.

Ele assentiu. - Os chefes quer que nós os resgatemos das mãos dos *Raptors*, mas não sabemos onde eles estão.

Ela soltou uma respiração lenta. - O que você precisa?

- Informação. Locais dos *Raptors*, números, qualquer coisa que você já viu que pode nos levar ao local onde esses prisioneiros estão sendo mantidos.

Ela deu um aceno lento. - Eu não vi nenhum desses prisioneiros humanos. Todo mundo que eu vi capturado é geralmente morto, não feito prisioneiro. Mas eu tenho locais e, provavelmente, podemos reduzi-lo às melhores possibilidades.

- Isso ajudaria muito. - disse Marcus.

Shaw se inclinou para retirar o dispositivo de transfusão de Cruz e dos braços de Santha. Quando ela lutou para se levantar do sofá, Cruz deslizou um braço ao redor dela e levou a maioria de seu peso.

Ela lançou-lhe um olhar hostil, mas não protestou. - Vamos. Eu vou te mostrar meus dados.

CAPÍTULO QUATRO

Santha mancou pela sala de estar, terrivelmente ciente de que a única coisa que a mantinha em pé era Cruz. Sem a sua armadura, o calor de seu corpo duro explodiu através dela. O homem era tão incrivelmente quente.

Em mais de um sentido.

Ela empurrou esse pensamento de lado. Ele também era um guerreiro alfa acostumado a obter o seu próprio caminho. Ela não precisava de uma distração em sua vida. Agora, eles tinham alguns prisioneiros para se concentrar.

Todas as possíveis razões dos *Raptors* estarem mantendo prisioneiros passou por sua cabeça como uma corrida. Nenhuma delas era boa.

Ela abriu a porta para um dos quartos e Cruz estendeu um braço para empurrá-la mais amplamente. Com apenas uma camiseta preta esticada sobre o peito, os braços estavam nus e marcados com tinta preta em um design tribal fascinante que espiava por baixo das bordas das mangas. Ela olhou para a forma como ele abraçava os seus bíceps musculosos. Seus dedos se contraíram. *Sem tocar*. Mas ele a deixou curiosa para saber se ele tinha outras tatuagens perdidas em seu corpo.

Ela limpou a garganta. - Há uma lanterna sobre a mesa. As janelas estão fechadas.

Ele passou por ela e acendeu a luz. Ele encheu a sala com uma luz silenciada, azul.

O resto da equipe de Cruz empurrou por trás deles.

- Santo inferno. - Claudia respirava.

Shaw estava piscando, seu olhar colado na parede. - Você está certa, você é inteligente.

A parede inteira se encheu com sua informação de reconhecimento. Mapas, notas, fotos. As coisas foram agrupadas em um

fluxograma e ela tinha desenhado linhas com marcador escuro na parede que ligava a vários itens. Seu olhar caiu sobre uma foto familiar, contendo, um *Raptor* alto e magro, com uma pele mais lisa, mais escura.

Marcus se aproximou da parede, tocando uma foto mostrando navios *raptor* desembarcando em um parque. - Há quanto tempo você está colocando isso junto?

- Praticamente desde que os bastardos chegaram. - Desde o dia depois que ela assistiu, impotente, quando eles arrastaram o corpo da sua irmã para longe.

- E isso? - Gabe tinha empurrado aberta a porta ao lado. O banheiro estava lotado com equipamentos de laboratório, copos de vidro com tubos correndo de um para outro. Um fluido pálido-verde os preenchendo.

- É onde eu faço a substância de óleo de cedro que repele os canídeos.

O braço de Cruz apertou sobre ela. Ela tinha-lhes dado a receita para o spray á algumas semanas atrás e o pelotão nerd de volta na base estavam ocupados o replicando. - Nós precisamos de você na base. Nós vamos trazer tudo isso com a gente. Depois de a doutora acabar de remendar você, precisamos da sua ajuda para planejar as missões de reconhecimento para encontrar os prisioneiros.

Santha não hesitou. - OK.

Ele inclinou a cabeça. - Bem desse jeito? Quando estava pronta para lutar comigo sobre isso?

- Eles mataram minha irmã. Os prisioneiros, eles são irmãs, irmãos, amantes de outra pessoa. Eu vou fazer o que puder para ajudá-los a libertá-los.

De repente, uma intensa onda de frio lavou sobre ela. Ela estremeceu e seus joelhos cederam como se eles fossem feitos de corda molhada. Com uma maldição, Cruz a pegou.

Shaw jurou. - Nanos estão ficando um pouco agressivos. - O atirador bateu no ecrã do tablet.

Santha sentiu seu corpo estremecendo e ficando frio, seus dentes batendo tão forte que pensava que eles iam quebrar. Deus, doía.

Cruz a pegou em seus braços. - Shaw?

- Porra. Foda-se! - Shaw olhou para cima. – Merda!

Agora, Cruz jurou. Rangendo os dentes com a dor, ela olhou para ele. - O que é isso?

- Os nano-medicamentos estão fora de controle. Se não tirar você de volta para a base ... eles vão te matar.

Marcus deu um passo adiante. - Vocês dois mantenham Santha o mais confortável possível. Claudia, você embale os dados de Santha. Gabe, entre em contato com Elle e chame um *Hawk* para nos pegar!

- Há *Raptors* em todos os lugares. - disse Gabe. - Não vai ser seguro para um *Hawk* pousar.

- Telhado. - Santha forçou a sair.

Cruz balançou a cabeça, puxando-a para mais perto. - Certo, os tenha pousando no telhado. Vamos precisar definir algumas tochas para guiá-los até aqui!

Gabe balançou a cabeça e correu para fora.

Depois disso, tudo parecia se mover em velocidade dupla. Shaw bombeou Santha com algum tipo de sedativo que a deixou se sentindo como se estivesse flutuando. Ela ainda podia sentir o frio doloroso, ela simplesmente não dava a mínima para isso. Ela se enrolou no calor de Cruz, apreciando a forma como ele se manteve acariciando suas costas.

- Tenho tudo. - Claudia voltou à sala de estar, duas mochilas cheias penduradas em cada ombro.

- O *Hawk* está a caminho. - Gabe anunciou. - Eles querem fazer uma extração quente. Eles vão chegar perto o suficiente para nós saltar a bordo, mas não vai pousar.

- Isso vai dar. - Marcus ergueu a carabina. – *Hell Squad*, vamos para o telhado. Prontos para ir para o inferno?

- Inferno, sim! - Eles todos responderam. - O diabo precisa ter sua bunda chutada!

Subiram as escadas, suas botas batendo nos degraus. Eles explodiram para o telhado.

Gabe e Marcus correram para definir as chamas à laser na borda do telhado. Santha só assistiu em transe. Era estranho ter gasto menos de um ano, com quase nenhum contato humano, e agora estava rodeada com soldados intensos.

Marcus tocou sua orelha. - Ele diz que o *Hawk* está quase aqui.

Santha franziu a testa. Os sistemas de ilusão não conseguiam esconder as luzes, e ela não via as luzes no céu. Eles vinham sem as luzes resplandecentes para os *Raptors* não os ver, mas levou um muito bom piloto com um grande conjunto de bolas para voar pela cidade no escuro.

Com certeza, a forma escura do helicóptero apareceu fora na escuridão acima deles, voando silenciosamente, quando ele correu em um motor termonuclear minúsculos e os rotores estavam envolta para reduzir o seu ruído. Os homens acenderam as chamas à laser e luz de néon verde-espetado para cima. O *Hawk* ajustou o curso e foi direto para eles.

Ela observou os rotores do *Hawk* inclinar e o *Hawk* desceu. Cerca de um metro acima do telhado, ele parou e pairou. Marcus saltou para cima sobre os patins, arrancando a porta aberta.

Cruz entregou Santha para Marcus. O resto da equipe saltou a bordo, movendo-se para posições de portas, armas levantadas. Gabe entrou no banco fixo.

Cruz estabeleceu-se em uma cadeira e Marcus entregou Santha para ele. Ela olhou para Cruz.

- Por que estou no seu colo?

- Eu gosto de você aqui, *mi reina*.

- Quando eu não estiver me sentindo tão fraca e longe eu certamente vou ficar puta com isso.

Ele sorriu e dane-se se aquele sorriso de marca registrada não fez seu rosto sexy ainda mais sexy.

- No caso de você não ter percebido. - ele demorou. – Eu fico muito excitado quando você fica chateada comigo.

Uma risada explodiu dela. - Você é louco.

De repente, um grito veio do cockpit e toda a equipe ficou tensa.

- *Raptor ptero* vindo! - o piloto gritou. – Se segurem!

Cruz tinha acabado de apertar a alça de segurança em torno de si e Santha quando o *Hawk* desviou bruscamente para a esquerda.

- *Ptero*? - Perguntou Santha.

- É o que chamamos seus navios.

O *Hawk* desviou novamente.

Shaw bateu na parede, Claudia estava xingando.

Gabe saltou com a metralhadora, enviando rajadas de laser verde brilhante para a nave.

Cruz apertou os braços ao redor de Santha e esticou o pescoço para ver através do cockpit.

O piloto extraordinário do *Hawk* – Finn sentou-se no assento do piloto, as mãos fazendo uma dança frenética através dos controles. Através da janela do cockpit, Cruz viu as luzes vermelho-vivo de dois *Pteros Raptor*. Os navios pareciam Pterossauros gigantes, com duas asas grandes, fixas afiadas a um cockpit em ponta na frente, e uma longa, extremidade traseira – tipo um rabo.

De repente, Finn atirou o *Hawk* em manobras evasivas. - Aguarde! Eles estão disparando o veneno maldito. Mastiga diretamente através de metal. - ele gritou.

Marcus segurou uma barra no telhado para ficar em pé. - Balance-nos em torno de modo que Gabe pode obter um tiro.

O *Hawk* virou rápido. Gabe atirou.

Cruz sentiu os dedos de Santha cavar em seu braço. Olhando para baixo, viu as linhas que delimitam a boca. Ela não estava indo bem. Eles precisavam voltar para a base ... agora.

- Não se preocupe, Finn aqui é o melhor piloto de *Hawk* que temos. Ele vai nos levar de volta para a base.

O fogo dos *Raptor* atingiu o lado do *Hawk*, sacudindo-os. O metal vaiou e chiou quando a substância ácida comeu através dele. Faíscas voaram a partir de um console de lado e Marcus amaldiçoou. Ele pegou um extintor de incêndio e cobriu o veneno *raptor* em espuma.

- Desculpe.- Finn disse de volta.

Cruz viu quando o *Hawk* espetou a oeste, esquivando-se do fogo de seus perseguidores.

Os dois *Pteros Raptor* puxou em ambos os lados do *Hawk*. Gabe balançou a torre e abriu fogo com uma outra barragem letal de fogo laser.

O *Ptero* deu uma guinada para o lado, uma das asas apontando diretamente para baixo. Em seguida, ele caiu em uma espiral da morte, caindo em direção à terra.

- Woo-hoo, grande tiro. - Shaw chamou. - Minha vez agora.

O atirador estava do outro lado do helicóptero, seu rifle à laser apontado em uma pequena janela. Ele disparou.

O fogo laser atingiu a pequena janela na cabine do *Ptero*. A nave alienígena estremeceu e caiu para trás. Mas isso não o parou.

Cruz bateu os dedos no braço. Eles tinham que abater o *Ptero*. Eles não podiam arriscar expor a localização da Base *Blue Mountains*.

Santha mudou. - Ponto fraco.

- O quê? - Perguntou Cruz.

- Eu passei muito tempo a observá-los. - Ela puxou uma respiração como se ela tivesse que fazer um monte de esforço. Seu rosto estava tão

pálido. -Ponto fraco é onde a asa encontra o corpo. Eu experimentei cavar uma flecha lá e o abati. Toda a vez!

- Shaw? Você ouviu isso?

- Sim. - Shaw foi avistando com o seu rifle novamente. - Como é que a gente não sabia disso?

- Bem, agora sabemos. - disse Marcus. - Você pode vê-lo?

- Sim. - Shaw levantou a voz. - Ei, menino do *Hawk*, você pode manter essa coisa quieta por um segundo?

- Você venha aqui pilotá-lo, idiota. - Foi a resposta.

Shaw bufou. - Só se você voltar aqui e abater este filho da puta no céu.
- Então, seu rosto mudou, igualou para fora, enquanto ele se concentrava em seu escopo de alta tecnologia.

- Atire. - disse Marcus.

Shaw atirou.

Cruz viu o *Ptero* explodir em chamas.

- Sim baby! - Shaw gritou.

Claudia estava sorrindo. Gabe bateu Shaw na parte de trás, e Cruz sorriu.

Até que ouviu o gemido tranquilo de Santha. Seu tremor estava pior. Ele a puxou para mais perto. - Espere, *mi reina*, quase lá.

- *Mi reina*. O que isso significa?

Ele roçou o polegar sobre sua bochecha. - Minha rainha.

Ela abriu os olhos e ele respirou fundo. Suas íris verde-claro se foram, substituídas por uma prata metálica. Os nano estavam se movendo muito rápido.

De repente, as costas arquearam e ela começou a convulsionar.

Não, não, ele não poderia perdê-la.

- Finn, depressa! - Cruz desamarrou o cinto e colocou-a no chão. – Quase lá, Santha.

Suas convulsões continuaram e, impotente, tudo o que podia fazer era segurar a mão dela.

Ele se inclinou e pôs a boca contra sua orelha. - Lute, caramba. Você tem lutado todos os dias desde que esses bastardos vieram. Você não pode morrer agora.

Santha sentiu como se estivesse flutuando em uma névoa. Sua visão estava turva, mas ela tinha impressões de sombras escuras e luzes brilhantes. A profunda voz de Cruz, acentuada veio do fundo, falando com ela, dizendo-lhe para aguentar. Seu corpo estava tão frio, que tinha perdido toda a sensação.

Então nada.

Quando ela acordou, ela olhou para as luzes da trilha brilhante que atravessavam um teto liso, revestido de metal. Sob ela, estava uma cama feita com lençóis.

Ela se sentou, o lençol branco deslizou para fora dela. Ela estava vestida apenas em um vestido médico e calcinha. Virando a cabeça, ela observou as fileiras de camas estreitas semelhantes. Enfermaria.

Levantando o lençol, ela rapidamente puxou o vestido para descobrir sua coxa.

Nada para ver, exceto pele lisa e nova, ligeiramente rosa. Ela esfregou a cicatriz fraca e sabia que em um mês ou dois não seria mesmo visível.

- Você está acordada.

Uma mulher consideravelmente loura em um casaco branco apressou-se de volta a cama. Seu cabelo caiu em uma cascata pura ao redor do rosto.

- Ah sim.

A mulher sorriu. - Eu sou a Dra. Emerson Green. Todo mundo me chama Doc, ou apenas Emerson. - Ela olhou para o tablet que ela carregava. - Seus sinais vitais estão bons. Não tínhamos certeza se você ia conseguir se livrar do ardor dos nano. Os nano estavam indo em uma direção errada. - Ela colocou o tablet de lado e puxou um scanner médico fino do bolso da frente. - Mas sendo a gênio médica que eu sou, você está agora perfeitamente saudável.

Santha viu quando a mulher verificou sua perna. - Obrigado. Na verdade, eu não me senti tão bem em ... bem, um longo tempo.

Emerson sorriu. - Fico feliz em ouvir isso. Esses nano-medicamentos devem ter arrumado qualquer coisa que eles encontraram - lesão, desnutrição, exaustão. - Ela colocou o scanner para longe. - Agora, eu vou dizer a Cruz que ele pode entrar. Eu o bani da sala e ele está andando por aí com impaciência por ... - Ela olhou para o relógio – Três horas.

Santha se acomodou nos travesseiros e assistiu Cruz vir em direção a ela. Ele parecia ... com raiva.

Ele parou ao lado da cama, pairando ali como uma estátua. Ele tinha tomado banho e seu cabelo escuro estava úmido. Ela nunca tinha visto ele em outra coisa senão o seu equipamento de batalha. Cruz Ramos em jeans desbotados e uma camiseta preta era ... delicioso, de parar o coração.

- Você está se sentindo melhor? - Disse ele com uma carranca.

- Bem, como nova, de acordo com a médica.

Ele apertou as mãos ao lado da cama. - Que porra você estava fazendo?

Santha estreitou seu olhar. - Com licença?

- Bombardear o depósito de suprimentos *raptor*, tornando-se um alvo grande e gordo para os canídeos.

Ela baixou a voz. - Eu avisei sobre as táticas de macho alfa idiota, Cruz. Eu não vou aceitar isso. Eu estava lutando contra os alienígenas que estão destruindo nosso planeta.

- Você quase morreu! Você teria explodido a si mesma em um beco sujo porra!

- Sim.

Algo perigoso brilhou em seus olhos. - Você morreu nos meus braços no caminho para a enfermaria! - Ele se afastou, levantando os braços e colocando as mãos atrás da cabeça. - Felizmente, a Doutora Emerson reviveu você.

Santha assistiu suas costas tensa. Ele estava tão tenso que parecia que ele poderia bater em algo. Ela jogou as pernas para o lado da cama. Maldição, era tão bom não ter que levar dias para se recuperar. Os nano-medicamentos, mesmo tentando matá-la, tinham feito o seu trabalho e deixou a sentindo cem por cento bem de novo!

- Eu estou bem, Cruz. Perfeitamente saudável e viva.

Seus braços caíram para os lados.

Ela se levantou e andou atrás dele. Ela pressionou a palma da mão para o centro de suas costas e sua cabeça caiu para a frente. - Por que isso importa para você, se eu morrer?

Ele permaneceu em silêncio.

- Você mal me conhece. - ela disse calmamente.

Ele puxou uma respiração. - Você luta, você é dura, inteligente, e sexy como o inferno. O que há para não gostar?

Santha tremeu. Deus, apenas algumas palavras simples e ele poderia trazê-la de joelhos.

- Eu nunca conheci ninguém como você e eu sei que você sente isso. - continuou ele. - Esta ... conexão entre nós.

Droga, ela fez. Mas ela não podia. A vingança era tudo o que podia caber em sua vida.

- A primeira vez que te vi foi como um raio maldito.

Ela fechou os olhos e permitiu-se um segundo para absorver o prazer de suas palavras. — Preocupar-nos com pessoas nos trás dor e sofrimento.

- Um monte de merda! - Ele girou, agarrando suas mãos. – Não precisa ser assim.

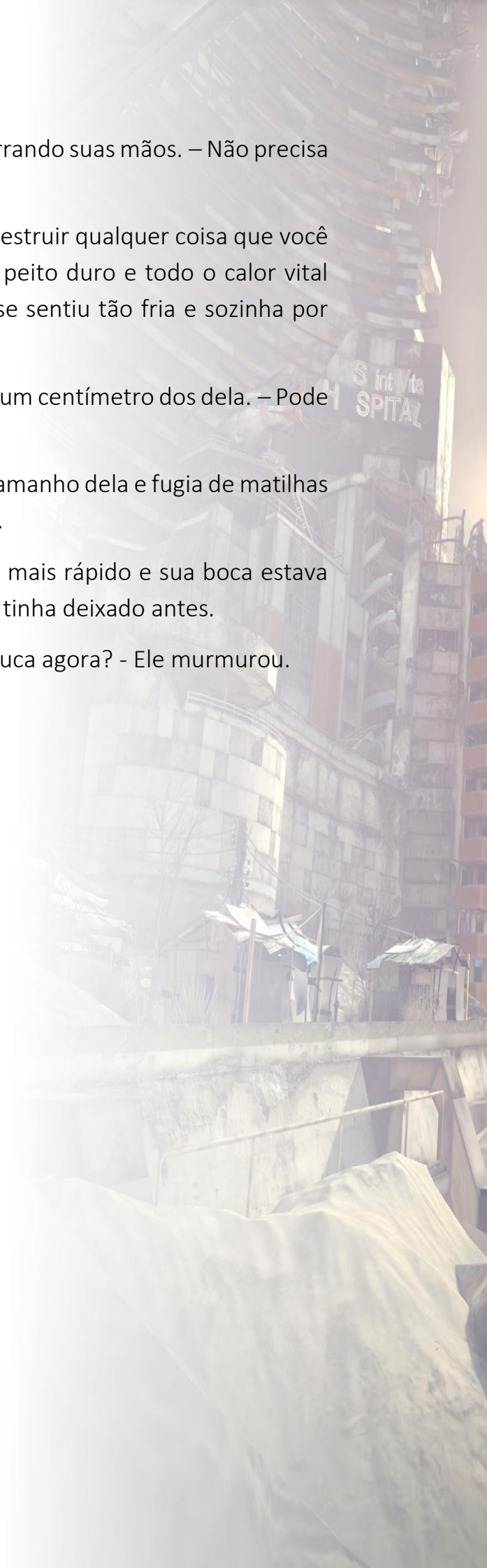
- Neste novo mundo, os *Raptors* vão destruir qualquer coisa que você gosta. - Ela estava pressionada contra esse peito duro e todo o calor vital dele. Ele era tão dolorosamente vivo e ela se sentiu tão fria e sozinha por tanto tempo.

Ele abaixou a cabeça, os lábios apenas um centímetro dos dela. – Pode haver prazer também.

Santha atacava *Raptors* duas vezes o tamanho dela e fugia de matilhas de canídeos mais vezes do que podia contar.

Mas agora seu pulso estava correndo mais rápido e sua boca estava mais seca do que quando qualquer *Raptor* a tinha deixado antes.

- Bem, onde foi toda a sua coragem louca agora? - Ele murmurou.



CAPÍTULO CINCO

Essa provocação e o olhar ardente nos olhos cor de chocolate de Cruz acendeu algo em Santha. Ela apertou a mão em seu peito duro e empurrou-o. Ele deu um passo para trás e, em seguida, ela saltou para ele.

Sua boca caiu contra a sua, mas ele já estava se movendo ao seu encontro. Ela enfiou a língua em sua boca, se fechando contra ele. Com um gemido, Cruz passou os braços em volta dela e girou. Eles se chocaram contra a parede e ele prendeu-a lá.

Deus, ele tinha um gosto tão bom. Algo em seu interior estalou. Ela não tinha tocado em outro ser humano em mais de um ano. Ela estava cansada de ficar sozinha. Cansada de ser forte o tempo todo. Ela derramou tudo o que tinha nesse beijo. Toda a sua solidão, medo, tristeza. Mas também o seu desejo, o seu segredo de o querer, todas as vezes, desde que ela o tinha visto de longe. Todas as vezes que ela tinha fantasiado sobre o corpo de seu duro guerreiro.

Suas unhas marcaram os seus ombros e ela tentou subir nele, para se aproximar. Sua mão agarrou sua coxa e puxou-a em torno de seu quadril. Ele apertou sua ereção muito dura contra ela e seu grito foi engolido por sua boca.

Assim. Bom. Santha acariciou sua língua contra a dele. Seus mamilos estavam tão duros que doíam e ela estava molhada e dolorida entre suas pernas. Ela queria ele. Mais do que ela alguma vez quis em sua vida.

Em seguida, ele se afastou. Ele descansou sua testa na dela, um pouco ofegante.

Santha lutou para fazer o seu cérebro trabalhar novamente e fazer entrar ar em seus pulmões em chamas. Ela queria arrastá-lo para baixo no chão e rasgar os jeans fora e ver se o seu pênis era tão espesso como ela imaginava. - Por que estamos parando?

- Você foi ferida. Eu não deveria estar arranhando você assim.

Ela levantou uma sobrancelha. - Os nanos me deixaram melhor do que eu estava antes. Estou perfeitamente saudável. - Ela moveu os quadris contra ele para fazer o ponto. E tudo bem, ela gostava de provocá-lo. Seu gemido era música para seus ouvidos.

- Mas mentalmente, você precisa de tempo. - Ele deu um passo para trás, fez uma careta e ajustou seus jeans. - Venha, eu vou te dar um passeio pela base.

Santha olhou para ele e ficou onde estava. Principalmente porque ela precisava da parede para segurá-la até que suas pernas parassem de se sentir como geleia. Ela estava presa entre se sentir chateada por ele ter parado e sentir prazer por ele estar cuidando dela. Novamente.

Finalmente, ela se endireitou. - Eu preferiria se nós ficássemos nus ...

Ele gemeu novamente.

Oh, sim, a sua parte má estava gostando desse som. - Mas se você está muito ocupado sendo nobre o que não é uma opção, então eu gostaria de ir direto para trabalhar o planejamento das missões de reconhecimento.

- Passeio no caminho para o trabalho. - Ele apontou para uma pilha dobrada de roupas na próxima cama. - Eu encontrei algumas coisas para você usar. Esperemos que ele se encaixe.

Depois que Santha se mudou para as calças lisas pretas, camiseta simples cor de vinho, e alguns sapatos – tudo encaixando nela com perfeição. Isso testava a experiência de Cruz avaliando as mulheres, ela caminhou ao lado dele enquanto vagavam pelos túneis da base. Era de manhã cedo e muitas pessoas se movimentavam ao redor, começando seu dia. Apesar das paredes nuas de concreto armado e o olhar industrial, ela ficou surpresa que o lugar parecia quase ... acolhedor.

Mostrou-lhe a sala de jantar e ao lado a sala de recreação. Alguém tinha encontrado cartazes de filmes antigos pendurados na parede ao lado de uma tela de projeção enorme. O outro lado da sala tinha uma linha impressionante de jogos de alta tecnologia. Em um canto, ela viu um violão encostado na parede, junto com alguns outros instrumentos. Acima deles, alguém tinha tirado uma foto de Cruz tocando guitarra.

Ela se aproximou. Ele parecia tão ... perdido na música. Ele se inclinou sobre a guitarra, segurando-a como se ela fosse uma mulher, de olhos fechados.

Ela olhou por cima do ombro. – Você toca?

Ele deu de ombros e olhou para longe. - Sim. Mas eu não tenho tocado muito ultimamente. - Ele se dirigiu para a porta. - Vamos continuar.

Muita gente chamou Cruz. Ela observou todos olharam para ele com respeito ... e alguns com um pouco de temor. E muitas das mulheres observou-o com apreço feminino ... e algumas, com fome absoluta.

O estômago de Santha cerrou. Quantas delas eram suas colegas de cama regular? Quantas conheciam a sensação dos músculos duros, e haviam traçado aquelas tatuagens sensuais com a língua?

- A escola é por aqui.

Sua voz a estalou para fora de seus pensamentos desagradáveis. Não era da conta dela com quem ele dormia. E se ela decidi-se dormir com ele, bem, ela só queria algo duro e rápido e temporário, por isso não tinha importância. Ela o seguiu em outro túnel.

Passaram alguns quartos com portas abertas. Dentro havia montes de crianças de diferentes idades. Na primeira, os adolescentes solenes debruçado sobre tabletes. Um menino notou-os e acenou para Cruz.

Cruz levantou uma mão. - Leo e sua namorada estavam vivendo naqueles túneis de trem perto do aeroporto. Nós os resgatamos depois da missão de destruir o centro de comunicações!

- Pode a base obter mais sobreviventes?

Passaram na próxima sala. Crianças pequenas estavam saltando ao redor, gritando e rindo. Brilhantes, retratos pintados à mão enfeitavam as paredes. Santha não poderia deixar de sorrir para a alegria simples. Eles não parecem preocupados com um apocalipse alienígena.

- Temos cerca de mil vivendo aqui, e há espaço ainda. - respondeu Cruz. - Um monte de túneis ainda estão fechados ou sendo usados para armazenamento. Nós armazenamos todos os fornecimentos que somos

capazes de limpar e também armazenar qualquer arte ou objetos de valor que temos resgatado por questões de segurança.

Santha perguntou quantos dos tesouros da humanidade haviam sido aniquilados pelos *raptores*.

- Há também um jardim hidropônico para o cultivo de alimentos e áreas de pesquisa onde o trabalho científico em projetos como a energia, armamento e medicina. E logo à frente é a terra geek, também conhecido como o laboratório de computação. Nosso gênio residente Noah Kim. Ele é responsável por todos os nossos sistemas de Comunicação e nossos drones.

- Eu nunca vi qualquer um dos seus drones.

- Eles não são grandes o suficiente para ser perceptíveis. Após os *Raptors* destruírem todos os satélites, nós tivemos que encontrar outra maneira de obter imagens e informação. - Seu rosto ficou sombrio. - Nós perdemos um monte de bons soldados nos primeiros meses por causa de falta de informação. Depois do ataque, Noah encabeçou o projeto para adaptar pequenos aviões experimentais para captar imagens de alta resolução e alimentá-los de volta à base.

- Surpreendente.

- Aqui estamos. - Cruz parou em uma porta com um sinal pendurado nela o que dizia, *Shh, gênio a trabalhar*.

Ela levantou uma sobrancelha. - Humilde, não é?

- Noah apenas disse que ele está afirmando um fato. O homem não tem medo de dizer o que é. - Cruz abriu a porta.

Santha entrou. - Whoa. - Havia pedaços de eletrônica ... coisas ... em todos os lugares. Bancos forrando uma parede e estavam repletas de peças de computador, ferramentas e fiação. Havia algumas mesas de metal golpeadas com enormes telas de computador sobre elas, e pessoas que estavam trabalhando neles.

Em uma mesa, um homem de boa aparência usando óculos olhou para cima. Ele tinha traços e olhos asiáticos em um rosto magro, com maçãs de rosto altas. Ele tinha geek escrito na testa. Ela não sabia se ele usava o

cabelo escuro longo por estilo ou se ele apenas esqueceu-se de cortá-lo, mas ele amarrou-o de volta na base do pescoço, dando-lhe uma aparência jovial.

- Ei, Noah. - disse Cruz.

- Cruz. Quem é sua amiga?

- Santha Kade, este é Noah Kim. Ele e sua equipe mantém as luzes acesas e as fontes de energias operacionais. Gostaria que você fizesse algo sobre a água quente, no entanto. Algumas horas por dia não é suficiente.

Noah bufou. - Está na minha lista. Junto com outras cinco mil outras coisas que precisamos. Uma vez que eu possa fornecer mais algum poder fora dos painéis solares, eu vou ...- ele emudeceu e ofereceu a Santha um sorriso irônico. - Desculpe, eu tenho um mau hábito de entrar em detalhes que esses meninos não podem entender.

Ela vagou mais perto. - Cruz estava me dizendo que tem sorte de ter você. Você reaproveitou os drones.

- Sim. - Ele abriu uma gaveta, tirou algo do tamanho de sua mão e colocou-o sobre a mesa. - Este está para manutenção. Teve um desagradável encontro com um pássaro.

Santha pegou. Parecia um pouco como um *Hawk* em miniatura com quatro rotores. - É tão pequeno.

- Todo os *Raptors* não vão notá-los. E eu tenho manipulado-os com sistemas de ilusão.-

Ela abaixou-o. - O que você fazia ... antes que os *Raptors* viessem?

- Trabalhava em R e D para uma empresa de tecnologia privada. - Ele sorriu. - E tinha a minha própria empresa online. Fiz o meu primeiro bilhão até o momento que eu bati vinte e cinco anos.

Cruz fez um som de escárnio. - Bilhões não importam mais, menino gênio.

Noah deu-lhe o dedo. - O que você faz, Santha?

- Eu mato *Raptors*.

Ele levantou uma sobrancelha. - Bem, você está em boa companhia. Cruz e seus amigos *Hell Squad* são os melhores nisso.

Ela pegou o olhar de Cruz. - Sim, eu sei. - Ela desviou o olhar e viu uma fileira de dados em uma prateleira. - Estes são grandes. - Ela estendeu a mão para um dos que parecia mais antigo e feito de vidro verde.

- Eu não iria tocar neles se eu fosse você, ou você provavelmente pode acabar com a ventilação no seu quarto misteriosamente desligada. - disse Cruz.

Ela pegou a mão dela de volta.

Noah sorriu. - Minha coleção. Eu não deixaria ninguém tocá-los, exceto eu. - Seu sorriso morreu. - A única coisa que eu trouxe comigo ... da minha antiga vida.

Santha pensou na imagem de Kareena enfiou a mão no bolso. - Eu conheço o sentimento.

Noah falou mais alguns minutos sobre os sistemas de computador da base antes de Cruz puxá-la para fora do laboratório.

- O homem pode falar sobre computadores até ficar sem língua.

- Próxima parada?

- A área de operações. Onde todas as operações militares são executadas. Os operadores de drones são baseados lá, bem como os oficiais de comunicação que fornecem apoio para cada pelotão no campo. A nossa é Elle. Ela é mágica.

Santha ouviu um calor em sua voz e se lembrou da mulher que tinha estado com eles na missão nos túneis de trem do aeroporto. - Ela está com Marcus, certo?

Cruz sorriu. - Oh sim. Tem o grandalhão enrolado em seu dedo elegante.

Santha sorriu também. - E você está feliz com isso.

- Sim. Marcus é um dos melhores homens que eu conheço. Ele merecia um pouco de felicidade.

O sorriso de Santha evaporou. E esse material estava em falta nos dias de hoje.

Mostrou-lhe uma porta que marcava – Operações. Ele pressionou a palma da mão para uma fechadura eletrônica. Quando apitou, a porta retraiu.

No interior, era uma grande sala com fileiras de operadores de drones na frente de telas ao vivo e onde pessoas uniformizadas corriam entre os terminais de computador.

- Nós chamamos isso de *Hive*. - Ele a levou para outra sala fora do túnel principal. - Nós chegamos.

No interior, mais telas grandes alinhavam na parede, cada uma preenchida com imagens aéreas da cidade. Toda a sua pesquisa havia sido presa às paredes, recriada quase perfeitamente.

Hell Squad descansava ao redor da sala.

Marcus deu um passo adiante. - Você parece melhor.

Santha assentiu. - Eu me sinto melhor. Obrigado por me tirar de lá.

Shaw passeou para a frente com um sorriso. - Sempre que você precisar de uma equipe para ir para o inferno, nós estamos lá. - Ele tocou um dedo em seu queixo. - Você parece muito bem.

Cruz fez um som de rosnando. - Caí fora, Baird.

Shaw levantou as mãos, o rosto cheio de medo simulado.

Santha lutou contra um sorriso. – Bom tiro aquele contra o *Ptero*.

O atirador deu um pequeno arco. - Eu fui abençoado com várias habilidades. - Ele balançou as sobrancelhas. - Se você quer agitar o homem de Neanderthal aqui, eu vou lhe mostrar no que mais eu sou bom.

Claudia fez um barulho de engasgos de onde ela se inclinou contra a parede. - Deus, você vai bater em qualquer coisa e qualquer uma, não é.

Shaw passou a língua sobre os dentes e piscou para Santha. - Apenas as bonitas, Frost. E bom, é por isso que você está excluída.

Claudia fez um som rude e atirou-lhe o dedo.

Alguém limpou sua garganta e Santha olhou para o homem na frente das telas. Ele era um pouco mais velho que ela e tinha um ar de autoridade e comando. Ele tinha um rosto bonito, como uma estrela de cinema, e uma pitada de cinza nas têmporas que lhe convinha. Seu uniforme caqui estava pressionado e arrumado.

- Eu sou o General Adam Holmes. - Ele circulou a mesa de conferência. - Eu estou muito feliz em ver que você se recuperou.

Ah, o chefe. - Santha Kade e estou muito feliz que me recuperei, também.- O general estendeu a mão e eles apertaram. Ele tinha um aperto mais firme do que ela poderia imaginar. Atrás dela, ela sentiu Cruz vir para mais perto dela. Ela resistiu a tentação de revirar os olhos. Ele deveria apenas bater no peito e atirá-la sobre seu ombro.

- Obrigado por compartilhar as suas informações com a gente. - disse Holmes. - Quanto mais cedo nós podermos localizar e resgatar os prisioneiros, melhor.

Havia uma borda afiada em sua voz que a fez estudá-lo novamente. Ela teve a impressão de que Holmes poderia ser tão perigoso como os membros do *Hell Squad* na situação certa. E ela suspeitava que muitas pessoas o subestimavam, cegos pela sua pura fachada.

- Então, vamos começar a trabalhar. - disse ela.

Eles todos se sentaram nas cadeiras ao redor da mesa, olhando na tela grande. A morena bonita entregou a Santha um controlador de amostra de mão com um sorriso. - Eu já digitalizei o máximo de seus dados para o computador.

- Obrigado. É Elle, certo?

- É isso mesmo. - Ela apontou para a tela. - Tudo o que existe no diretório está marcado como Santha.

Santha estudou a lista de arquivos e puxou seus mapas.

Holmes se inclinou para frente. - Você tem dados incríveis. E você sobreviveu na cidade sozinha por um ano, atacando as *Raptors* e auxiliando o Esquadrão Seis.

Esquadrão Seis? Ela piscou. Certo, isso deve ser a designação oficial do *Hell Squad*.

Os olhos azuis perspicazes observavam. - Acho que você não foi uma professora ou executiva de negócios antes da invasão.

Ela deu um sorriso irônico. - Não. - Ela olhou para Cruz. - Eu era um policial. SWAT.

Cruz assentiu. - Faz sentido. Você tem as habilidades e treinamento, conhecimento da cidade ... e coragem.

Deus, ela se sentia tão lisonjeada por suas palavras. Como alguma colegial. Ela voltou para a tela. - Vou começar com as principais instalações dos *Raptors*. Eu não tenho todos eles determinados ainda, mas alguns são claramente para o armazenamento, alguns são bases onde eles parecem viver e trabalhar, outros são mistérios completos. Eu posso apenas imaginar que alguns deles são estações de pesquisa onde eles reúnem dados sobre nós e o planeta. Possivelmente, eles estão realizando testes em nossa tecnologia e recursos.

- Nós vimos que eles estão estudando nossas línguas, tentando decifrar os nossos livros, arquivos e informação científica. - disse Elle.

Santha assentiu. - É o que eu faria se eu invadissem alguém. Deixe-me mostrar-lhe alguns locais que parecem maiores e mais bem utilizados. Eu estou supondo que é onde eles são mais propensos a manter prisioneiros.

Ela clicou através de mapas, todos com teorias e sugestões. Elle estava compulsivamente tomando notas em um tablet. Eles estreitaram para baixo uma longa lista de possibilidades.

- Eu vou passar para os próprios alienígenas. - Santha puxou para cima suas fotos.

- Eu tenho trabalhado em sua língua. - disse Elle. - Chamam-se *Gizzida*.

- Nome feio para uma espécie feia. - Santha apontou para a tela. - Vocês estão familiarizados com os principais predadores de caça. Temos também os *rexes*. - Santha não escondeu seu desgosto quando ela olhou para a imagem do gigante *T-Rex* do tipo alienígena. - Felizmente, parece haver apenas alguns deles. Os canídeos. - Outras duas imagens apareceram – era a imagem de um pacote de canídeo e um close de um rugido. - E vocês viram os canídeos *Hellion* nos túneis de trem do aeroporto. - A imagem mudou para um dos canídeos mutantes com barrigas vermelhas, brilhantes cheias de um veneno ácido.

- O *Hell Squad* me disse que o spray repelente canídeo que estamos criando agora veio de você. - disse Holmes.

- Sim. É baseado em óleo de cedro, que é tóxico para os répteis. Eu tentei um monte de coisas para ver se alguma coisa os repelia e isso parece funcionar. Não vai matá-los ou impedi-los por muito tempo, mas eles não gostam disso.

- Estamos começando testes de campo em breve, então obrigado.

Ela assentiu com a cabeça. - Eu também tomei estas imagens muito recentemente. - Ela mostrou *raptors* movendo uma caixa fechada do tamanho de um carro. - Ela estava balançando violentamente e eu podia ouvir rosnar.

- Outro tipo de alienígena? - Disse Holmes com uma careta.

- Eu acho que sim. Mas eu nunca cheguei a vê-lo.

- Quantas caixas assim? - Perguntou Cruz.

- Cerca de uma dúzia. E os *Raptors* pareciam nervosos. não gostavam de lidar com eles.

Shaw caiu para trás em sua cadeira. - Ótimo. Por que tenho a impressão de que nós *não* queremos saber o que há nessa caixa?

- Também vimos um grande *Raptor*. - disse Cruz. - Um *super-raptor*. Ele carregava um lança-chamas e falou um pouco de Inglês.

Santha assentiu. - Eu vi um, mas não obtive quaisquer imagens do mesmo. Chamei-lhe de *Thorw Flames*.

- Funciona para mim. - disse Cruz.

Santha clicou para outra imagem e observou a carranca de todos.

- Isso é apenas outro *Raptor*. - disse Cruz.

- Olhe de novo. - Olhando para o rosto do comandante fez ferver o sangue de Santha.

- É mais alto e mais magro do que os outros *Raptors*. - disse Elle.

- Boa. Você também vai notar a pele mais lisa que é vários tons mais escura do que um *Raptor* normal.

- Ainda parece um *raptor* para mim. - disse Claudia.

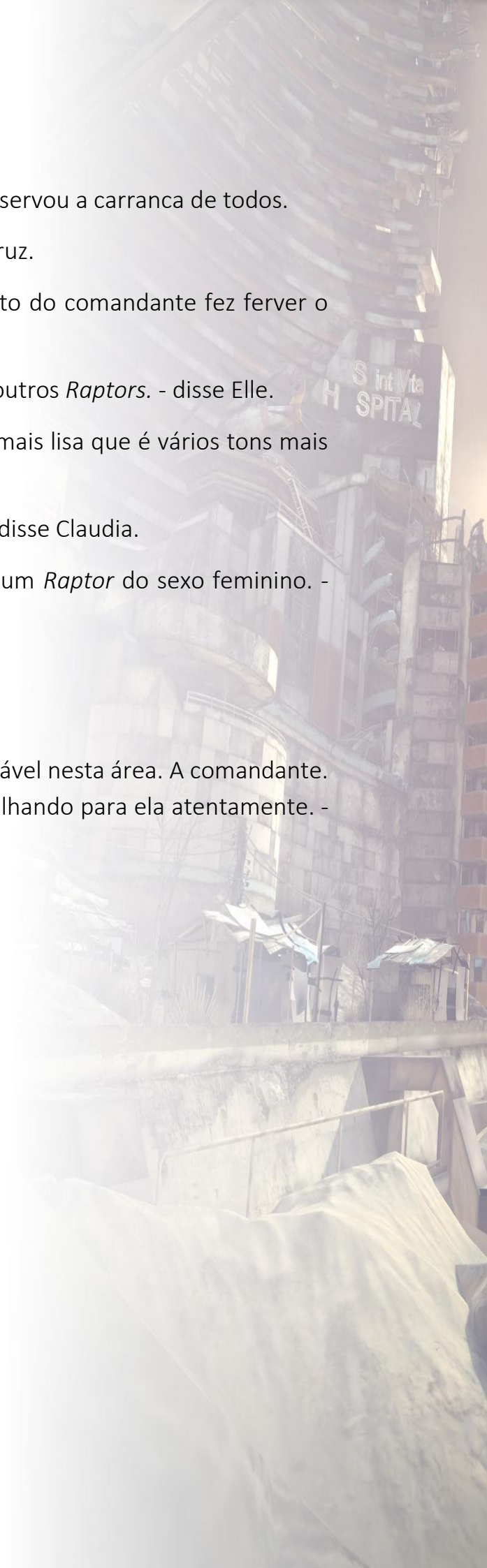
- Isto é. Mas eu também acho que é um *Raptor* do sexo feminino. - disse Santha.

Todo mundo vaiou em respirações.

- Uma fêmea? - Repetiu Holmes.

- Sim. E ela parece ser a única responsável nesta área. A comandante.

- Santha pegou o olhar de Cruz. Ele estava olhando para ela atentamente. - E eu quero vê-la morta.



CAPÍTULO SEIS

Cruz quase podia sentir a raiva bombeando de Santha. - Por quê? Por que você quer este morto?

- Ela está no comando de destruir a nossa parte do mundo. Nossa cidade!

Ele estudou as linhas duras do rosto de Santha. - Isso é verdade. Mas é mais do que isso, não é?

- Ela matou minha irmã.

Ele viu a forma como as mãos de Santha se fecharam em punhos. Ela estava se segurando. - Você viu?

- Cada segundo. - Seus olhos fecharam espremidos. - Foi cerca de uma semana depois da invasão. Uma patrulha *raptor* nos pegou na rua. Eu lutei, mas tinha um pequeno osso de veneno preso em minha perna. Não podia me mover, não conseguia nem falar e quanto mais lutar contra um *raptor*. Acabei debaixo de um carro. - Ela respirou fundo. - Eles bateram em minha irmã até a morte e não havia uma única coisa que eu poderia fazer sobre isso.

Madre de Dios. Cruz fechou os olhos por um segundo. Ele sabia o que sentia ao ver alguém que você se importava morrer. Eles todos estiveram lá quando Zeke tinha caído. Mas pelo menos eles estavam lutando contra isso.

- Eles nem sequer me deixaram um corpo para enterrar. - Seu olhar fresco capturou o de Cruz, brilhando com lágrimas não derramadas. - Eles a arrastaram como lixo e a comandante só ficou lá como se estivesse assistindo a um programa ligeiramente inferior.

Ele queria tocá-la, mas ele tinha medo de ela quebrar. Para ver uma mulher forte com seus olhos cheios de lágrimas quase o pôs de joelhos. - Eu sinto muito. Nós vamos ajudá-la a se vingar de sua irmã.

- Espere um minuto. - disse Holmes. - Não podemos ter esse tipo de sentimentos pessoais.

- Nós vamos ajudá-la a encontrar esta comandante *raptor* e matá-la. - Marcus reiterou.

Holmes beliscou a ponte de seu nariz. - Steele, eu não quero ter outra discussão com você sobre a cadeia de comando.

- Não se estresse, Holmes. - Marcus rosnou. - Nós vamos chegar aos prisioneiros também.-

Elle limpou a garganta para aliviar a tensão. - Eu sinto muito, Santha. Não tenho dúvida de que esta informação pode ajudar-nos a vencer os *Raptors*.

Santha passou a mão em seu rosto e se endireitou. - Espero que sim.

O olhar considerado de Elle voltou para a tela e a imagem do comandante. - Eles são um pouco como uma colônia de abelhas.

- O quê? - Perguntou Cruz, franzindo a testa.

- Há milhares de combatentes *raptor*, eles são tipo como abelhas operárias.

- E essa comandante é como a rainha? - Perguntou Claudia.

- Eu não sei. - Elle deu de ombros. - Se não houver outras comandantes como esta responsável pelas operações da área em outras partes do planeta, então não. Mas, possivelmente, há uma rainha ... ou o rei ... lá fora, em algum lugar, dirigindo tudo.

Holmes apontou para a tela. - Resgatem os prisioneiros e recolham qualquer informação adicional que puder para determinar se eles têm um único líder.

Marcus assentiu. - Nós vamos.

Cruz se aproximou de Santha. - Precisamos ter a descrição desta comandante *raptor* pelos operadores de drones. Podemos por eles vigiando ela. Se ela é responsável em Sidney, em seguida, os prisioneiros não podem estar longe dela.

- Elle? - Disse Marcus.

Ela ergueu o tablet, passando a tela. – Nisso.

Santha ergueu o controlador de computador e mudou a imagem para um mapa aéreo da cidade. Ela desenhou círculos em torno de quatro instalações *raptor* principais. - Estes são os quatro principais lugares que eu vi a comandante com mais frequência.

Marcus assentiu. - Boa. Sugiro que enviemos quatro equipes de reconhecimento. Cada uma com apenas duas pessoas. Entrar, reunir informação, confirmar se os prisioneiros estão lá e sair. Então vamos planejar uma missão de resgate. - Ele virou-se para a sua equipe. - Claudia e Shaw, vocês vão ser uma equipe de reconhecimento.

Claudia endireitou. - Eu quero ir com Gabe ...

- Não era uma sugestão. - O tom de Marcus endureceu. - Eu estou com Gabe. Cruz e Santha serão o terceiro time. - Ele amaldiçoou. - Nós realmente precisamos preencher o último lugar do pelotão. Mas, por agora, vou perguntar ao Masters para chefiar a quarta equipe com um de seus caras do Esquadrão Nove.

Cruz gostava muito do líder do Esquadrão Nove. Ninguém sabia ao certo o que Roth Masters foi. Alguns disseram militar, outros disseram inteligência. Cruz podia ver o homem como um soldado ou um espião, mas para ele realmente não importa, contanto que Roth fosse bom para matar os *Raptors* e manter sua equipe viva.

Santha definiu o controlador para baixo. - Quando partimos?

- Amanhã.

Ela começou. - O que? Essas pessoas estão sofrendo Deus sabe o que ...

Os olhos de Marcus estreitaram. - A minha equipe apenas passou a noite no campo. Ao contrário do que todos pensam, incluindo eles, eles precisam dormir. E apenas algumas horas atrás você sangrou, tomou um potente cocktail de estimulantes, sofreu um ataque dos nano-

medicamentos e morreu. Esses nanos podem ter cuidado de você, mas você ainda precisa de descanso.

Cruz suprimiu um estremelecimento. Ele tinha estado no fim daquele tom de voz de Marcus uma ou duas vezes.

O olhar de Marcus bateu Cruz. - Eu suponho que eu posso confiar em você para se certificar de que ela tem um pouco de descanso e não saia despreparada?

Quando Santha endureceu mais, Cruz estava pelo menos feliz que a profunda tristeza tinha desaparecido de seu rosto naquele momento.

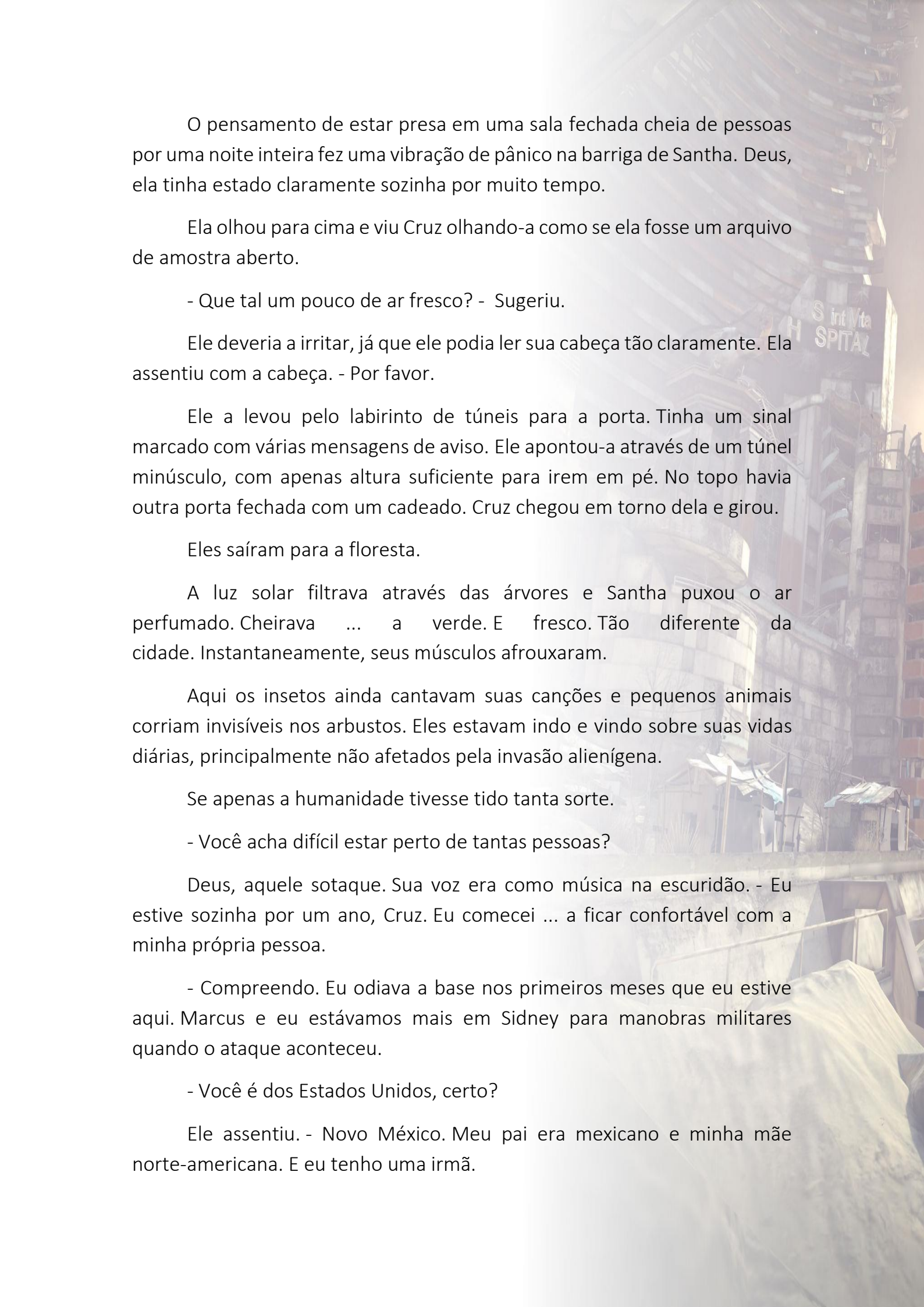
Ele agarrou a mão dela. - Vamos lá, *mi reina*. Antes que você perceba, você estará coberta de sangue *raptor* e evitando veneno novamente.

Santha sentia-se como um fio amarrado muito apertado e pronta para saltar.

Depois de comer o almoço em uma longa mesa na sala de jantar, encravada entre Cruz e um Gabe em silêncio, ela estava sentindo a necessidade de algum espaço. Ela ainda não tinha tido uma refeição fazia muito tempo. Ela estava apenas vivendo de proteínas e água doce fresca. Aquilo a estava lembrando da comida favorita de Kareena, algo recheado com caril.

Santha queria estar lá fora procurando os prisioneiros, não presa nesses túneis. É por isso que ela tinha evitado a base tanto tempo, ela gostava de ser sua própria chefe. Aqui, havia muitas pessoas que pensavam que poderia dizer-lhe o que fazer.

- Noite de filme é hoje à noite. Eu acho que eles estão colocando um velho clássico, algo sobre robôs tomando conta do mundo e matando a humanidade. - Cruz bufou. - Eu preferia os robôs do que esses aliens.



O pensamento de estar presa em uma sala fechada cheia de pessoas por uma noite inteira fez uma vibração de pânico na barriga de Santha. Deus, ela tinha estado claramente sozinha por muito tempo.

Ela olhou para cima e viu Cruz olhando-a como se ela fosse um arquivo de amostra aberto.

- Que tal um pouco de ar fresco? - Sugeriu.

Ele deveria a irritar, já que ele podia ler sua cabeça tão claramente. Ela assentiu com a cabeça. - Por favor.

Ele a levou pelo labirinto de túneis para a porta. Tinha um sinal marcado com várias mensagens de aviso. Ele apontou-a através de um túnel minúsculo, com apenas altura suficiente para irem em pé. No topo havia outra porta fechada com um cadeado. Cruz chegou em torno dela e girou.

Eles saíram para a floresta.

A luz solar filtrava através das árvores e Santha puxou o ar perfumado. Cheirava ... a verde. E fresco. Tão diferente da cidade. Instantaneamente, seus músculos afrouxaram.

Aqui os insetos ainda cantavam suas canções e pequenos animais corriam invisíveis nos arbustos. Eles estavam indo e vindo sobre suas vidas diárias, principalmente não afetados pela invasão alienígena.

Se apenas a humanidade tivesse tido tanta sorte.

- Você acha difícil estar perto de tantas pessoas?

Deus, aquele sotaque. Sua voz era como música na escuridão. - Eu estive sozinha por um ano, Cruz. Eu comecei ... a ficar confortável com a minha própria pessoa.

- Compreendo. Eu odiava a base nos primeiros meses que eu estive aqui. Marcus e eu estávamos mais em Sidney para manobras militares quando o ataque aconteceu.

- Você é dos Estados Unidos, certo?

Ele assentiu. - Novo México. Meu pai era mexicano e minha mãe norte-americana. E eu tenho uma irmã.

- Você sabe se eles ainda estão vivos?

- Não tenho a menor ideia. - Ele olhou para as árvores. - Eu só posso esperar.

Havia dor ali, enterrada.

Ele olhou para ela. - Embora eu tenha alguns membros da família eu não me importaria de que eles tivessem se reunido com uma morte confusa nas mãos dos *raptos*.

Ela respirou fundo. - O que?

Cruz esfregou as costas de seu pescoço. - Esqueça que eu disse qualquer coisa.

- Tarde demais para isso agora, soldado. - Santha encontrou um tronco caído e se sentou. Ela queria saber os segredos deste homem. - Conte-me.

Ele enfiou as mãos nos quadris, olhando para a grama. - Meu pai ... ele escapou de sua família no México. Eles corriam um cartel de drogas.

Ela piscou. - Deve ter sido difícil ele escapar disso.

- Sim. Eu era apenas uma criança, mas ele reuniu tudo e fugiu. Embora eles tentaram algumas vezes matá-lo. Uma vez que eles perceberam que ele não estava caindo fora para vender seus segredos ou iniciar seu próprio cartel rival, o deixaram sozinho.

Havia mais nessa história. Ela ouviu-o na borda escura das suas palavras. - Mas?

Ele soltou um longo suspiro. - Nós tínhamos nos mudado para os EUA, mas um primo me procurou quando eu estava terminando o colegial. Eu estava passando por uma fase, não me dando bem com o meu pai. Eu era jovem, com raiva e com vontade de provar a mim mesmo.

- Eles pegaram você.

- Sim. Passei dois anos trabalhando para o meu tio. Eu pensava que não era tão difícil. - Olhos castanhos encontraram os dela e perfuraram os dela. - Eu fiz algumas coisas terríveis. Coisas imperdoáveis.

Ela não podia imaginar Cruz fazer outra qualquer coisa, exceto o que era certo. - Eu ouvi que o México foi duramente atacado na invasão.

- Sim. - Ele estava perdido em suas memórias. - Seria um favor ao mundo, se meu tio e primo não tivessem sobrevivido.

- Como você saiu?

- O trabalho tinha perdido seu brilho muito tempo antes que eu encontrasse a coragem de sair. Não era mais divertido ou excitante. Eu era um executor ... Eu matei pessoas. - Ele balançou a cabeça. - A maioria deles eram escória, mas alguns não eram. Eu tenho que viver com isso. Na época, eu senti como se minha alma estava desaparecendo, pedacinho por pedacinho.

Ela sabia qual era esse sentimento. Sentia-o todos os dias quando se lembrava de Kareena, quando ela saía para lutar contra os *Raptors*.

- Mas havia uma coisa que finalmente me fez sair. Meu primo, Manuel ... ele sempre teve uma coisa por meninas. Elas se reuniram com ele e ele brincava, como se elas tivessem um gostinho daquilo e não queriam sair mais. Que ele as fazia sentir especial. - Cruz fechou os olhos. - Eu deveria saber que algo estava errado. Ele nunca deixava ninguém ficar em volta da sua casa de campo na propriedade do meu tio. Mas um dia, eu precisava falar com ele e ele não estava respondendo ao telefone. - A careta de desgosto cruzou o rosto de Cruz. - Ele ... tinha uma câmara de tortura. Nenhuma dessas meninas o havia deixado, porque ele as amarrou, as estuprava, torturava, as cortava.

Santha assobiou em uma respiração.

- Eu nunca fui a favor do estupro. - disse Cruz. - Ou machucar crianças porra, ou cortar uma mulher aberta ... - Ele fechou os olhos por um segundo. - A maioria dessas meninas morreram, mas eu tive a certeza que Manuel não faria mal a nenhuma menina novamente e fui para casa.

- Seus pais?

- Me receberam em casa. Me disseram que me amavam. - Havia um sorriso triste no rosto. - Eu tive um tempo difícil para me ajustar e sabia que

se eu não tentasse fazer as pazes, eu provavelmente iria acabar um viciado. Entrei para os *Marines United Coalison* em vez disso.

- E você está aqui.

- Sim, depois de muito sangue, suor e lágrimas ... - ele se aproximou dela ... aqui estou eu. - Ele estendeu a mão e brincou com seu cabelo, seus dedos roçando sua orelha. - Então, você estava na SWAT?

Seu toque fez o calor inundar e seu pulso disparar. - Sim. Eu sempre soube que era o que eu queria fazer. - Ela torceu o nariz. - Eu gosto de armas.

- Música para os meus ouvidos, *querida*.

Ela sorriu. - Eu tenho um grau de criminologia, tornei-me um oficial de polícia e assim que eu estive apta, fiz o teste para a SWAT.

- SWAT não é para os fracos de coração.

- Não. Mas eu adorava. Tinha uma grande equipe.- Seu coração se apertou. - Eles foram mortos na invasão. Eu terminei o meu dia e eles foram aniquilados na luta.

- Eu sinto muito.

- Eu estava feliz que pelo menos eu estava com Kareena. Mas, em seguida, uma semana mais tarde ...

- Conte-me sobre ela?

- Ela era a luz do sol. Isso é o que meu pai costumava chamá-la. Nossos pais nos tiveram tarde e depois que faleceram, era apenas nós duas. Ela ria muito e adorava ajudar as pessoas. Ela era uma enfermeira. - Santha pegou o olhar de Cruz. Era bom lembrar os bons tempos. - E ela era uma grande cozinheira. Fazia o melhor curry de frango do mundo. Ele era repleto de especiarias - açafrão, gengibre, cominho. E ela sempre fazia chapattis caseiro, um tipo de pão indiano. - Santha lançou um longo suspiro. - Deus, eu sinto falta da comida dela.

Ele sorriu. - Compreendo. Eu ainda sinto falta dos tâmales do meu pai.- Os dedos de Cruz estavam de volta ao seu ouvido, traçando a linha.

Todos os pensamentos de sua irmã voaram para fora da cabeça de Santha. Ela agarrou seu pulso. - Cruz, isso é loucura. Nós mal nos conhecemos. Temos outras coisas para nos concentrar ... isso só fica no caminho.

Sua mão se estabeleceu em seu pescoço, o polegar roçando-lhe o pulso correndo. – Nós conhecemos um ao outros. Nós sabemos as coisas que contamos. Eu sei que você é teimosa, inteligente, pode lidar com uma besta, e tão corajosa que assusta o inferno fora de mim.

Ela franziu a testa. - Isso não parece muito atraente.

Ele a cutucou para mais perto dele. - Eu sou um soldado, *mi reina*. Acredite em mim, vendo você lidar com uma besta é como as malditas preliminares.

Ela pressionou as palmas das mãos contra o peito e riu. Deus, se sentia bem. E assim o fez. Ele era duro e cheirava bem. A tatuagem em volta do seu bíceps atraiu o olhar dela. Atraída por ela, ela passou o dedo sobre o designe. - Você é todas essas coisas também. Eu provavelmente poderia colocar *arrogante* e *macho alfa* no meio, também.

Ele inclinou o queixo para cima e seu coração começou a bater mais rápido. Ela era incapaz de resistir a este homem.

- Então nós somos feitos um para o outro. - ele murmurou.

Santha lambeu os lábios, viu seus olhos em movimento. - Eu tenho a impressão que você tem uma abundância de companheiras dispostas aqui na base.

- Eu não quero qualquer uma delas. Eu quero você. - Ele se inclinou e mordeu seu lábio. - Só você, *mi reina*.

Droga, por que ela apenas não saltava antes de procurar? O mundo tinha ido para o inferno, as coisas não eram como eram antes, onde ela namorava um cara legal e, em seguida, o levaria para sua cama. Agora você pegava o que queria e agarrava com ambas as mãos, porque você nunca sabia quando poderia ser arrancada de seu alcance.

O pensamento de algumas escaldante, horas suadas com Cruz moveu-se densamente entre as pernas de Santha a fazendo se sentir quente e elétrica. Por algumas horas, ela poderia esquecer e se concentrar apenas no prazer.

- Cruz, vamos ...

Algo vibrou no bolso de Cruz. Ele amaldiçoou em voz baixa. - Meu comunicador. - Ele puxou-o para fora e verificou a tela. No mesmo instante, o olhar sonolento, aquecido em seus olhos desapareceu. - Um dos drones encontrou alguma coisa.

Santha se endireitou, e deu á sua cabeça uma pequena sacudida. Com apenas um movimento o pensamento sobre sexo fugiu substituído pelo o pensamento da missão. - O que? O que foi isso?

Sua cabeça se levantou. - Eles não disseram. Mas eles nos querem na sala de operações.

- Então vamos.

Juntos, eles correram de volta para a base. Nem meio tempo eles chegaram na Área de Operações e foram para o *Hive*.

Marcus e Elle estavam lá com o General Holmes.

- O que é isso? - Santha exigiu.

Marcus acenou para uma mulher curvilínea, ruiva em um uniforme azul na mesa vizinha. - Lia aqui, pensa que ela encontrou alguma coisa.

O cabelo curto da ruiva, acentuava um pescoço longo e fino e um rosto dominado por grandes olhos amendoados. - Vi um grupo de *Raptors* trazendo suprimentos em uma das bases que tinha sido marcada como um local potencial para os prisioneiros.

- Suprimentos? - Cruz franziu a testa, cruzando os braços sobre o peito. - Isso não é incomum.

- Não. - Lia virou. - Mas um deles deixou cair uma caixa e o conteúdo derramou. - Ela bateu em sua miniatura e uma imagem apareceu na tela enorme na parede.

Ele mostrou vegetais derramados na calçada.

- Eu não entendo. - disse Marcus. - Batatas e espinafre, e daí?

Mas o pulso de Santha desacelerou. - *Raptors* são carnívoros. Eles não comem plantas.

- Você acha que isso é para alimentar os prisioneiros. - Disse Cruz.

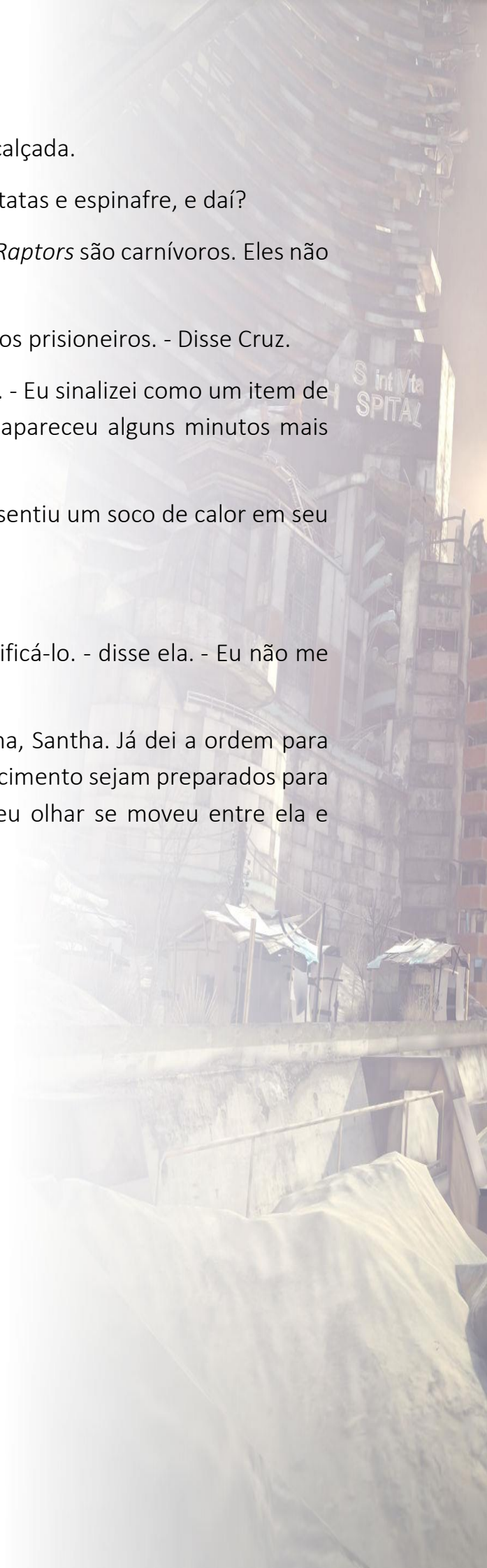
- É uma possibilidade. - Lia respondeu. - Eu sinalizei como um item de interesse potencial. Então alguém especial apareceu alguns minutos mais tarde.

A imagem mudou e desta vez Santha sentiu um soco de calor em seu intestino.

Era a comandante.

- Precisamos chegar a este local e verificá-lo. - disse ela. - Eu não me importo com repouso. Vou. *Agora* .

Holmes ergueu uma das mãos. - Calma, Santha. Já dei a ordem para que os fornecimentos da missão de reconhecimento sejam preparados para as quatro equipes de reconhecimento. - Seu olhar se moveu entre ela e Cruz. - Vão.



CAPÍTULO SETE

Cruz levou Santha para o hangar.

Eles estavam preparados e prontos para sair. Ao lado dele, Santha estava brincando com a armadura que ele encontrou para ela. Era toda preta, e a mais leve que pudesse encontrar. Os painéis de fibra de carbono alisavam sobre o seu corpo longo e esguio.

- Você está bem?

Ela deu um aceno distraído. - Eu não estou acostumada a usar material como este.

- Essa 'coisa' pode parar garras de *Raptors*, ou um dos seus projéteis. Você está mais propenso a sobreviver nela.

Ela tocou as pistolas à laser no coldre em seus quadris e as granadas de fragmentação alinhadas ao longo de seu cinto. - Eu só não estou acostumada a estar ... enfeitada.

- Vantagem de estar na base. Temos boas fontes.

Ela assentiu com a cabeça. - Ainda assim, eu me sinto nua sem a minha besta.

- Bem ... - ele mudou-se para a parede e pegou o que ele tinha escondido lá mais cedo. Ele entregou a ela.

Sua boca abriu quando ela tomou sua besta preta fosca. - Onde você conseguiu isso?

- Eu pedi a Claudia para trazê-la conosco quando evacuamos o seu apartamento. Estava um pouco danificada, mas eu fiz alguns trabalhos com ela. - Ele passou algumas dessas horas intermináveis que ela tinha estado inconsciente na enfermaria arrumando ela.

Ela acariciou a besta como uma amante e a boca de Cruz ficou seca. Quando ela olhou para cima, o calor brilhava em seus olhos verdes. - Obrigado. - Ela caminhou para ele, subiu na ponta dos pés e beijou-o.

O beijo foi rápido demais. Ele queria agarrá-la e arrastá-la para algum lugar privado. *Mais tarde*. Ele prometeu a si mesmo.

Santha garantiu a besta em suas costas. - Então, nós estamos tomando um *Hawk* para a cidade?

- Não. Precisamos de ter um pouco mais de cautela do que isso. - Ele estendeu a mão e passou em seu lóbulo da orelha. - Eu tenho outra coisa para você. - Ele deslizou um pequeno fone em seu ouvido. - Elle, você está aí?

- Ouvindo alto e claro, Cruz. - A voz de Elle veio através de seus fones de ouvido.

- Ligue o da Santha também.

- Ei, Santha.

Santha tocou sua orelha. - Elle.

- Você precisa de alguma coisa - informações, rotas de fuga, números de *raptor* apenas pergunte, ok?

Santha piscou. Cruz podia ver que era outra coisa que ela estava se adaptando. Uma sensação de desconforto deslizou através dele. E se ela não podia se acostumar com todas as pessoas, a estrutura e as outras coisas que vinham com estar na base?

E se após esta missão, ela não quisesse ficar aqui?

- Tudo bem, soldado. - Ela estendeu as palmas das mãos para cima. - Vamos para espionar alguns *Raptors*.

Ele balançou a cabeça, sacudindo seus pensamentos. Ele não podia se dar ao luxo de pensar nisso agora. Ele precisava de ter seu foco e à laser pronta.

- Então, se *Hawks* estão fora, como é que vamos entrar na cidade? - Ela perguntou.

Ele acenou em direção a uma porta para o próximo hangar. À medida que entraram no espaço escuro, luzes clicaram automaticamente.

- Este é o nosso passeio.

Santha engasgou. - Eu nunca vi nada parecido.

- É chamado um *Darkswift*. Nós usamos para a infiltração secreta. – Ele viu ela girar ao redor do automóvel, preto grande o suficiente para caber duas pessoas. - É da forma de um planador, acomoda duas pessoas deitadas lado a lado em seus estômagos. Há controles duplos. - ele apontou para o matizado. - ... o teto é baixo e ele tem um pequeno silencioso motor termonuclear.

Ela olhou para cima e sorriu. - Eu *não posso* esperar para experimentá-lo. Vamos..

Cruz abriu o teto. – Suba à bordo.

Ela entrou em cena e se colocou em seu estômago no espaço moldado. - Posso voar? - Excitação vibrava em sua voz.

- Não.

Ela franziu o cenho para ele por cima do ombro. - Por que não?

- Você tem que ser treinada.

Ela bufou. - Essa é uma desculpa. Você só está sendo um homem ... não vai deixar uma mulher dirigir.

Cruz arqueou uma sobrancelha. - Sim, eu quero dirigir. Eu preferiria que não acabássemos batendo em algum edifício. E caso você não tenha notado, eu sou um homem.

Algo brilhou em seus olhos. - Oh, eu notei.

Ele deixou o olhar derivar para baixo de seu corpo, demorando-se em sua bunda bem torneada. Cara, ele realmente não precisava de um pau duro em sua armadura. Sugando uma respiração, deitou-se no outro lado da cabine do *Darkswift*.

Estavam apenas a algumas polegadas longe. Ele manuseou um controle e o teto preto fechou.

- Como é que eu não vi nenhum desses bebês voando ao redor?

- Eles têm sistemas de ilusão e porque eles são pequenos e silenciosos, eles são fáceis de esconder. E nós geralmente só usamos durante a noite. Eles são praticamente invisíveis.

- Legal.

Ele sorriu para ela. - Pronta para lançar?

- Pronta.

- Elle, estamos prontos para o lançamento.

- Ok, Cruz. - disse Elle. - Iniciando lançamento agora. Boa sorte.

Cruz ajustou os controles. Os displays verdes néon vieram á vida na frente dele e os cintos estalaram sobre os seus corpos. - Há um mecanismo de lançamento no chão abaixo de nós. Ele vai catapultar-nos para o ar.

- Como é que vamos lançar para voltar?

- O motor pode obter-nos no ar, mas não tão alto quanto nós gostaríamos para o máximo de discrição.

Ele fez a contagem regressiva de forma constante em seus ouvidos. À frente, as portas do compartimento de lançamento abriram, revelando uma tira de céu no início da noite. Abaixo, o vale era uma massa de sombras.

- Segure-se. - alertou.

Santha agarrou as alças incorporadas ao console. Um segundo depois, o mecanismo de catapulta liberou e enviou o *Darkswift* fora do hangar.

Quando eles dispararam para o ar, Santha riu.

Cruz bateu os controles, a mão direita movendo delicadamente a vara de controle. Ele acompanhou a exibição quando o computador verificou a sua altitude e ajustou os estabilizadores.

Em seguida, ele virou a cabeça e foi apanhado pela visão de alegria sem restrições em seu rosto. Isso fez seu intestino revirar. Ele suspeitava que ela sorriu e riu menos depois da invasão.

Finalmente, a sua ascensão nivelou, e o motor chutou, enviando-os deslizando silenciosamente em direção à cidade.

- Eu tenho que conseguir um desses. - disse Santha. - Tem certeza de que não posso ter uma volta nele?

- Tenho certeza.

Uma pausa. - Talvez eu pudesse suborná-lo com alguma coisa?

O ligeiro sotaque sedutor em sua voz o fez ficar duro. *Droga*. - Você provavelmente poderia.

- Hmm, eu só tenho que fazer um pequeno esforço e eu tenho o que eu quero.

Ele pegou seu olhar. - Eu quero tudo o que você tem. Tudo isso.

Seu sorriso evaporou e ela apenas olhou para ele. - Eu não sou tão especial.

- Nós cobrimos isso já. Forte, ajuda os outros e nunca desiste.

Ela bufou. - Eu não sou uma santa, Cruz.

- Eu sei. Eu não quero uma santa. Acredite em mim, uma vez que colocar você em uma cama, ou contra uma parede, eu quero o oposto de uma santa.

Um leve rubor manchou suas bochechas. - Quando voltarmos desta missão de reconhecimento, então vamos ver.

Oh, sim, eles fariam. - Agora, pare de me distrair. A armadura fica bastante desconfortável quando estou com tesão.

Quando ela riu novamente, ele voltou sua atenção para os controles. Eles subiram ao longo dos arredores da cidade. Ele os atualizou com movimentos das tropas dos *raptors* no terreno, mas, felizmente, o espaço aéreo estava livre.

- Vamos pousar em um parque perto do porto e depois vamos a pé. - disse ele. - É a cerca de dois quilômetros para a instalação *raptor*. Há uma fileira de lojas antigas e restaurantes ao lado, vamos usar o telhado como um ponto de vantagem.

Santha assentiu. – Entendi.

Quando o computador os guiou para a área de pouso, Cruz sentiu que o familiar formigamento que entrou em seu sangue pouco antes de suas botas baterem a sujeira em uma missão. A clareza, um foco intenso que não poderia ser igualado por qualquer outra coisa.

- Prepare-se para o pouso.

A sua velocidade estagnou e, eventualmente, o motor parou. Cruz os levou para baixo e eles deslizaram pela grama, os propulsores reversos foram ativados antes que se aproximassem da água.

Eles tinham chegado.

- Inferno de um passeio, soldado. - disse Santha.

- Eu tenho certeza que eu poderia dizer algo impróprio para esse comentário, *querida*.

Ela sorriu. O homem realmente era sexy demais para seu próprio bem. E esse sotaque ... Ela pensava que quanto mais ela o ouvisse, um dia ela seria imune a ele.

Nunca. - Eu aposto que você podia. - Ela tocou o controle para o teto e se abriu. - Mas nós temos uma missão.

Ambos saíram do *Darkswift*. Santha verificou sua besta antes de deslizar por cima do ombro. Do outro lado do planador, Cruz fez o mesmo com a carabina.

Ele caminhou ao redor para se juntar a ela. - Você precisa ativar seu capacete de combate. - Ele tocou o lado de seu pescoço, os dedos roçando sobre a pele até que encontrou um botão no pescoço de sua armadura. O capacete prorrogado a partir de sua armadura, deslizando sobre sua cabeça.

- Perfeito. - disse ela.

- É feito de um termo-plástico fino, extremamente forte. - Ele ativou seu próprio. - Agora, eu sugiro que você assuma a liderança.

- O que?

- Você conhece esta cidade melhor que ninguém. Eu seria louco para não usar seus conhecimentos.

Ela engatou sua besta e acenou. Deus, o homem apenas a mantinha fazendo o querer mais.

Depois de um rápido olhar para a tela em miniatura anexada ao seu pulso para verificar o mapa que Elle tinha enviado para eles, ela dirigiu-se. - Nós vamos ficar com os edifícios ao longo da borda da água e usá-los para nos esconder.

Ele bateu na lateral de seu capacete. - Há um botão aqui para ativar sua lente de visão noturna. - Uma pequena lente ocular caiu sobre o olho direito.

Ela demorou um minuto para se concentrar. A noite apareceram em tons de verde. Eles caíram em um ritmo rápido, Cruz logo atrás dela, uma presença quente, intensa. Ela se moveu rapidamente e em silêncio, furando-se nas sombras. Ela caiu em sua maneira usual de se mover para ficar invisível.

Essa era a chave para esta missão, ser invisível. Dentro e fora. Eles obteriam a sua informação, confirmar se os prisioneiros estavam ou não nessa instalação, e depois sair.

Então, por que ela tinha uma enorme sensação roendo em seu intestino de que eles estavam indo em direção a algo grande.

Santha de repente parou e empurrou-se contra a parede. Cruz seguiu o exemplo e agarrou a carabina. Ela inclinou a cabeça, escutando. Ela estava certa de que ela ouviu alguma coisa.

- Cruz? - A voz de Elle estava em seus ouvidos. - Há uma pequena patrulha *raptor* a cerca de duzentos metros da sua localização. Eles só apareceram no mapa, devem ter saído dos esgotos ou algum outro esconderijo.

Cruz apenas bateu o fone de ouvido para reconhecer a informação e permaneceu em silêncio.

Eles esperaram por vários minutos antes de Santha relaxar e concordar. Os *Raptors* tinham seguido em frente.

- Você se move como o vento. - Cruz murmurou.

O elogio a esquentou. Eles se moveram pelos os últimos apartamentos, casas grandes e boutiques. Na rua, os carros estavam empilhados em cima uns dos outros, alguns eram apenas conchas queimadas.

Ela queria acreditar que um *rex* tinha feito o dano, a criatura gigante tinha rasgado o que tinha sido uma vez um subúrbio influente. Mas ela sabia que uma boa parte da destruição tinha sido causada por seres humanos. Na invasão inicial, muitas pessoas tinham entrado em pânico e se escondido ou fugido da cidade. Outros tinham saqueado e se revoltaram, e nos dias que se seguiram, a maioria tinha cedido ao incrível terror.

Cruz e Santha mantiveram-se em movimento. Eles chegaram a uma área do parque pelo porto. A grama estava exuberante e verde da chuva recente, e subia para além de seus joelhos. Eles entraram na água e Santha estava feliz que era noite. Todas as cobras deveriam estar escondidas em outro lugar.

Ela parou debaixo de uma árvore e se inclinou perto de Cruz. - Só na próxima curva, nós vamos ser capazes de ver a base raptor. - Ela bateu em seu mini-computador. - Nós só temos que cobrir mais duzentos metros e vamos estar no nosso ponto de vista.

Cruz assentiu.

Eles se mudaram, e logo, as árvores e plantas do parque cresceram mais juntos em uma mata densa. Santha abriu caminho através dele, galhos batendo para ela e sementes de capim colando em suas botas.

Um flash de movimento através da grama longa chamou sua atenção.

Ela parou. Por um segundo, ela pensou que tinha imaginado. Ela não estava acostumada com a visão noturna e a forma como ela se mudava seu entorno.

Um som. Um grande corpo em movimento através do mato.

Outro som. Um barulho estranho animal. Ela franziu a testa. Ele não soava como nada que ela já tinha ouvido antes.

- Santha?

- Shh. - Ela ainda ficou quieta. O som veio de novo, um cruzamento entre um murmúrio e um clique. Um frio tomou conta dela.

- O que foi isso? - Disse Cruz.

- Cruz e Santha. - A voz firme de Elle veio sobre a linha. - Eu estou pegando uma assinatura de calor perto de vocês. Não é um *rex* mas parece maior do que um *raptor*. O mato é muito grosso e está muito escuro para um visual.

- Entendido Elle. - Cruz respondeu com um murmúrio silencioso.

Santha virou, tentando encontrar o animal. Talvez fosse alguns animais de estimação? Um cavalo? Um cão grande?

Sim, e talvez os *Raptors* estavam realmente aqui para fazer amigos. Ela puxou a besta fora. - Vamos manter o movimento. Lentamente.

Eles cobriram mais terreno e nada apareceu ou correu para eles. Mas a sensação de estar sendo observada não se dissipou.

Ela sentiu um sulco no chão sob seus pés. Ela parou e se agachou. Cruz acendeu a luz em sua carabina e apontou-a para baixo.

Uma grande pegada, com três dedos com garras, estava perfeitamente delineada no chão úmido onde o capim estava quebrado e achatado.

Cruz fez um som em sua garganta. - Isso não é um cachorro.

Não. Era maior do que um canídeo, muito, muito maior e com garras muito mais nítidas.

- Pegue velocidade. - Ela queria tirá-los desta grama. Ela dificultava seus movimentos e visão.

O som estranho veio novamente. Da esquerda.

Eles se mudaram para uma corrida.

O som novamente. A direita.

Esse tremor atingiu Santha novamente. - Está nos caçando.

- O fodido pode mostrar-se e ver como ele gosta da minha carabina. - Cruz murmurou. Sua voz não era tranquila.

- Shh! Não antagonize.

- Nós nem sequer sabemos o que *ele* é.

De repente um corpo grande, escuro explodiu da vegetação rasteira e bateu Cruz. Eles se chocaram contra o chão.

Havia luar suficiente para ela ver a grande criatura, garras tentando cortar no abdômen de Cruz com a forma de uma foice em seu pé traseiro.

O cérebro de Santha parou, exceto um pensamento. *Mate isso. O mate, ele está prejudicando Cruz.*

Ela disparou uma flecha em seu lado.

A flecha resvalou e caiu no chão.

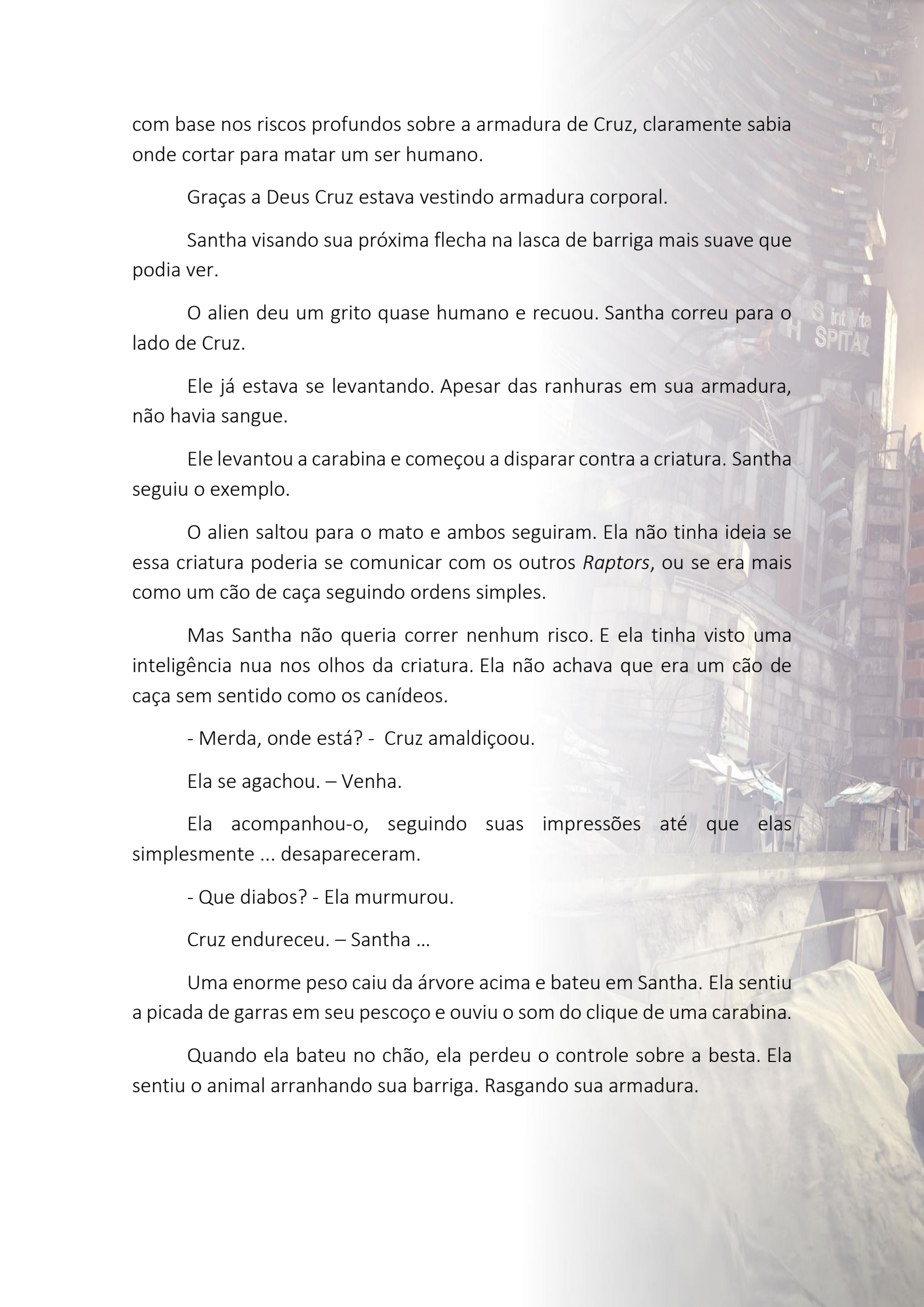
Em seguida, ela apontou para sua cabeça.

Desta vez a flecha bateu, mas ela poderia dizer que não havia penetrado o suficiente para fazer muito dano.

A criatura bateu em sua cabeça e arreganhou os dentes afiados. Deus, a maldita coisa era rápida, e aquelas garras não parecia que iam fazer um estrago mínimo.

Santha se aproximou, viu Cruz lutando debaixo da criatura.

Seu olhar vermelho acendeu-se e assistiu a abordagem de Santha. Estava provavelmente se perguntando por que ela não estava correndo e gritando. Ele tinha caçado humanos antes, ela tinha certeza disso. Levou Cruz primeiro porque ele percebeu que era a maior ameaça e,



com base nos riscos profundos sobre a armadura de Cruz, claramente sabia onde cortar para matar um ser humano.

Graças a Deus Cruz estava vestindo armadura corporal.

Santha visando sua próxima flecha na lasca de barriga mais suave que podia ver.

O alien deu um grito quase humano e recuou. Santha correu para o lado de Cruz.

Ele já estava se levantando. Apesar das ranhuras em sua armadura, não havia sangue.

Ele levantou a carabina e começou a disparar contra a criatura. Santha seguiu o exemplo.

O alien saltou para o mato e ambos seguiram. Ela não tinha ideia se essa criatura poderia se comunicar com os outros *Raptors*, ou se era mais como um cão de caça seguindo ordens simples.

Mas Santha não queria correr nenhum risco. E ela tinha visto uma inteligência nua nos olhos da criatura. Ela não achava que era um cão de caça sem sentido como os canídeos.

- Merda, onde está? - Cruz amaldiçoou.

Ela se agachou. – Venha.

Ela acompanhou-o, seguindo suas impressões até que elas simplesmente ... desapareceram.

- Que diabos? - Ela murmurou.

Cruz endureceu. – Santha ...

Uma enorme peso caiu da árvore acima e bateu em Santha. Ela sentiu a picada de garras em seu pescoço e ouviu o som do clique de uma carabina.

Quando ela bateu no chão, ela perdeu o controle sobre a besta. Ela sentiu o animal arranhando sua barriga. Rasgando sua armadura.

CAPÍTULO OITO

A carabina de Cruz soou mortalmente alto. Santha deslizou a mão no cinto e puxou a faca de combate que Cruz lhe dera.

Ela estendeu a mão e esfaqueou a criatura em sua barriga.

Ele soltou um grito, se agarrando cada vez mais frenético.

Droga, por que não iria morrer? Pela primeira vez em muito tempo, Santha sentiu uma necessidade feroz de sobreviver. Ela puxou a faca e afundou-o no pescoço do alienígena.

Sua boca se abriu, seus dentes terríveis apenas a polegadas de seu rosto.

Ela sentiu respingo de sangue quente sobre ela. O alien caiu para frente, derrubando o ar fora dela.

- Santha! - Cruz estava ali, levantando a criatura dela. Ele a puxou para seus pés. - Este sangue é seu? Onde você está ferida?

- Não é meu. - Ela tentou recuperar o fôlego e acalmar seu coração acelerado.

Ele estava acariciando-a para baixo, um olhar selvagem em seus olhos castanhos.

Droga, não havia aquele brilho quente novamente. O homem estava virando uma fera. Ela cobriu suas bochechas. - Cruz. Estou bem.

Finalmente o seu olhar encontrou o dela, a intensidade primal recuando. - Você tem certeza?

- Positivo. - Ela inclinou-se e beijou-o.

Quando ela se afastou, um tipo diferente de calor a estava aquecendo. Se o fogo brilhando em seus olhos era qualquer coisa perto, ele sentia o mesmo.

Sua mão enrolando em sua trança. - Quando voltarmos para a base ...

Ela lambeu os lábios. - Sim?

Ele empurrou-a para frente. - Eu estou te fodendo. Duro.

- Não se eu foder você em primeiro lugar. - Ela virou-se para pegar a sua besta e bateu levemente em sua bochecha. A adrenalina e medo trovejando em seu sangue virou para pura luxúria em um flash.

Quando ela voltou, Cruz estava olhando para ela, aqueles olhos escuros queimando. Tinha certeza de que algumas sessões suadas entre eles iria queimar esse arco de calor entre eles.

Ele soltou o ar em algumas respirações. - Você é o inferno para a minha concentração. - Ele puxou uma pequena câmera de seu cinto. - Precisamos tirar algumas fotos desta ... coisa. Caso o geek do esquadrão queira dar uma olhada.

Ele chutou o alien, descobrindo aquelas garras ferozes. Deus, eles tiveram a sorte de não os terem desfeito em fitas.

Depois que ele terminou as fotos, ele tocou seu fone de ouvido. - Elle, você tem um drone na faixa para que eu possa lhe enviar algumas imagens?

- Sim. Vocês dois estão bem? Eu não podia ver com o que você estava lutando.

- Estamos bem. Estou carregando imagens da criatura. Algum tipo desconhecido de alienígena. E não é agradável e fofo.

- Elas estão chegando. - Uma ingestão rápida de Elle de ar veio alta sobre a linha. - Você tem sorte de estar vivo! Nós vamos começar a analisar isso. Seja cuidadoso.

Cruz olhou para Santha. - Vamos sair desta grama alta. Eu não quero correr novamente para esses.

Santha assumiu a liderança novamente e logo eles deixaram o parque e estavam de volta entre os edifícios. Um vento tinha pego, soprando mechas de seu cabelo em volta do rosto. Pelo menos ele estava secando o sangue espalhado por todo seu corpo.

- Não. - Ela apontou para uma linha do que já tinha sido lojas. - Vê o telhado? É plano e há unidades de ar condicionado que podemos usar para

nos proteger. Por outro lado dessa linha de edifícios é a escola onde os *Raptors* assumiram como sua base.

Cruz observou o telhado. - Não é muito alto para subir. Há uma caçamba de lixo no final podemos usar para nos levantar.

Eles trabalharam juntos. Ela subiu na caçamba de lixo e ele seguiu com um salto ágil e flexível de seu braço musculoso. De lá, ele se ajoelhou e segurou as mãos. Ela pressionou a inicialização para suas mãos e com uma elevação fácil, ela voou e agarrou a borda do telhado. Ela puxou-se mais e se agachou. Um segundo depois, Cruz puxou-se sobre a borda.

Curvados, correram através do telhado para uma das grandes unidades de ar condicionado, industriais. Eles pressionaram as costas para o metal, em seguida, olharam ao redor.

Abaixo, a escola estava cheia de *Raptors*.

Por força do hábito, Santha abaixou um pouco mais. Os aliens tinham luzes configuradas, iluminando o quintal inteiro. Alguns *Raptors* estavam claramente em guarda, segurando armas. Outros estavam levando suprimentos para dentro do prédio principal. Uma porta lateral foi mantida aberta.

- Bom ponto de vista. - Cruz estabeleceu-se no chão ao lado dela, seu olhar afiado avaliando seus inimigos. - Os bastardos parecem bem instalados, não é?

- Nós vamos encontrar uma maneira de nos livrar deles. - ela murmurou.

Um músculo saltou em sua mandíbula, mas ele balançou a cabeça.

Santha ficou chocada com suas palavras. Ela só nunca se preocupava com vingança. Quando ela começou a se preocupar a levar esses bastardos para fora?

Abaixo, os *Raptors* agitaram, os guardas ficando atentos.

Um grunhido gutural de um motor ecoou pelas ruas.

- Alguém está vindo. - Santha arqueou o pescoço para dar uma olhada melhor.

Um dos transportes *Raptor* entrou em vista, suas luzes espetaram na noite. Foi seguido por duas camionetes, e Santha fechou a cara. Agora parecia que os *raptors* estavam usando veículos humanos, também.

Os soldados *Raptors* no quintal formaram duas linhas ásperas. Uma figura alta saiu do veículo da frente.

Santha mordeu o lábio com força suficiente para picar. A comandante.

Rapidamente, Santha pressionou-se para baixo em sua barriga e afundou mais perto da borda do telhado para uma melhor visualização.

- Santha! - Cruz mordeu fora em um sussurro selvagem.

Agachou-se pela borda, ela cuidadosamente olhou por cima. Um segundo depois, o grande corpo de Cruz moveu-se ao lado dela.

Ela manteve o olhar colado á comandante. Memórias a atingiram como balas: os gritos de Kareena quando um *raptor* chutou ela, seu sangue imerso no chão, a comandante assistindo impassível.

Santha tinha lutado para se mover, mas seu corpo não tinha obedecido. Ela gritou, mas ele tinha sido silencioso.

Lembrou-se dos grunhidos e a estranha língua gutural das *Raptors*. Em seguida, esse último vislumbre de sua irmã quando tinham arrastado o corpo sem vida de Kareena para longe.

Com um piscar de olhos, Santha bateu de volta ao presente. Ela ouviu a comandante soltar alguns guturais comandos para os *Raptors* abaixo antes de que ela subisse os degraus da frente e dentro do prédio.

A mão de Santha enrolou em um punho. - Precisamos chegar mais perto.

- Não. - Cruz disse entre dentes. – Apenas reconhecimento.

- Eu não vou entrar em confronto ...

Ele bufou. - Okay, certo. Entre bem no meio de sua base, mas não se envolva.

- Precisamos de uma prova de que os prisioneiros estão sendo mantidos dentro. Nós não podemos obtê-lo a partir daqui.

- Precisamos ser pacientes. Nem uma palavra no seu vocabulário, eu sei. Mas nós dois sabemos a razão que você quer ir lá não é por causa de recolher informação.

Santha trabalhou para manter o rosto composto. - Eu me importo sobre encontrar esses prisioneiros.

Seu rosto estava definido. - Eu nunca disse que não o fez. Mas você tem vivido e respirado vingança por um ano. Eu sei que você quer a comandante morta.

Ela não respondeu. Ela não gostava que ela era tão transparente. Droga, ela poderia equilibrar sua necessidade de encontrar os prisioneiros com o desejo de ver a comandante morta.

A voz de Elle veio através do fone de ouvido. - Cruz, General Holmes gostaria de uma atualização.

- Entendido, Elle. - Cruz virou-se para o lado para bloquear o vento do seu fone de ouvido.

Uma ideia agarrou Santha e seus músculos tensos. Ela olhou para a porta do lado aberto, depois para os *Raptors* agora indo para perto dos veículos. Cruz ainda estava falando em voz baixa.

Ele a mataria por isso.

Santha fechou os olhos por um segundo e forçou-se a pensar em Kareena. Seu sorriso, seu senso de humor espirituoso, seu sangue espalhado no chão.

Santha rastejou para trás, movendo-se com toda a discrição que a sua formação tinha perfurado dentro dela e um ano vivendo se escondendo tinha lhe dado.

Com um olhar encharcado de culpa olhou para as costas largas de Cruz, ela deslizou sobre a borda do telhado.

- Entendi, Elle. Vamos informar em breve.

- Fique seguro, Cruz. - Elle respondeu.

Cruz virou-se para atualizar Santha e percebeu que ela não estava mais ao seu lado. Seu intestino apertou e ele examinou o telhado.

Mas ele já sabia.

Ficando baixo, ele espiou por cima da borda ...

A tempo de vê-la deslizar invisível para a porta aberta para a base *raptor*.

- Puta que pariu! - Suas mãos se fecharam em punhos, seus músculos esticando. Ele deveria ter sabido que ela iria tentar um golpe como esse.

Ele deveria avisar ... mas ele sabia que Holmes iria proibi-lo de segui-la. E Elle iria ver no instante que Cruz se movesse para dentro. Ele hesitou por meio segundo, então tocou seu fone de ouvido, desativando seus comunicadores.

Droga para o inferno, quando ele encontrasse Santha, ele estava indo para amarrá-la. De preferência, a sua cama.

Agachado, ele se mudou ao longo do comprimento do edifício e caiu sobre a borda direita no ponto mais distante dos *Raptors*.

Segundos depois, ele estava se movendo em toda a área aberta para a porta, usando qualquer coisa que pudesse como cobertura.

Ele fez uma pausa a cerca de quatro metros da porta, escondido atrás de uma pilha de caixas. Ele ouviu o raspar de uma bota e se abaixou. A respiração ruidosa do guarda *raptor* passando deixou Cruz tenso. Ele deslizou a faca gladius de combate para fora e ficou tenso, pronto para matar, se fosse preciso.

Ele não podia atrair qualquer outra atenção *raptor*. Não apenas para se proteger, mas para proteger Santha. Se os *Raptors* o visse, eles vão fechar e ela estaria presa dentro.

Ou pior, capturada.

Outro raspar de uma bota.

E, em seguida, o guarda seguiu em frente.

Cruz relaxou uma fração, mas a adrenalina subiu e ele precisava dela para entrar e puxar Santha fora de lá.

Depois de verificar que os *raptores* estavam focados em outro lugar, ele correu para fora de trás do seu esconderijo e através da porta.

Dentro havia um corredor vazio. Ele trouxe a carabina e se mudou para a frente.

Ele veio para a primeira porta e verificou o quarto. Sala de aula. Mesas e cadeiras sentadas ordenadamente em filas. Mas vazia.

Ele continuou se movendo. *Onde diabos você está, Santha?*

Os próximos dois quartos estavam vazios de pessoas ou aliens, mas cheio de suprimentos e itens de interesse que os *Raptors* foram estocando.

Quando Cruz se movia mais pelo corredor, ele pensou ter ouvido o murmúrio distante de vozes, mas ele não conseguia distinguir os sons.

Na próxima porta, viu uma sala de estar. Os *raptors* tinham empurrado junto algumas cadeiras e mesas. Uma espécie de animal havia se tornado uma refeição e os restos de carne crua e ossos escolhidos estavam sobre uma mesa. Cruz fez uma careta e estava prestes a virar quando ele pegou um lampejo de movimento com o canto do olho. Ele balançou a carabina ao redor, dedo no gatilho.

Santha apareceu das sombras, braços levantados.

Cruz amaldiçoou e baixou a arma. - Que porra você acha que está fazendo?

- Ver se os prisioneiros estão aqui. Vendo o que a comandante está fazendo aqui.

Ele balançou sua cabeça. - Isso foi imprudente, Santha. Nenhum plano, nenhum aviso. Você vai nos matar.

- Você não tinha que vir. E eu tenho sobrevivido tanto tempo fazendo coisas exatamente como esta.

- Pura sorte.

- Dane-se.

Ele agarrou a nuca dela. - Eu me importo, Santha. Se acostume com isso.

Um arrepio passou por ela e o fogo vazou de seus olhos. - Eu sei. Eu sinto muito.

- Desculpe não colou. Você vai ter que fazer muito melhor do que isso para eu te perdoar.

Seus olhos se estreitaram. - Você está me chantageando em dar-lhe sexo?

- Eu não disse nada sobre sexo.

Ela bufou. - Não, você apenas deixou isso fortemente explícito.

- Eu não disse absolutamente nada. - ele mordeu fora. - Quando nós fizermos sexo, vai ser porque nós dois queremos. Entendeu?

Ela inclinou a cabeça.

Ele chupou uma respiração profunda. - Qualquer sinal dos prisioneiros?

Seu rosto estava áspero. - Não. Mas eu encontrei algo estranho. - Ela acenou para ele para outra porta.

Dentro havia um grande e arredondado ... bem, ele não tinha certeza do que eles eram. Eles tinham o tamanho de camas de solteiro, mas tinha uma tampa de cúpula como feita a partir de uma substância laranja translúcida. Eles estavam com nervuras com o que parecia ... veias.

- Acho que este é o lugar onde os *Raptors* dormem. - Santha sussurrou, aproximando-se do casulo mais próximo. - Eles são como uma cama cruzada com um ovo. - Ela estendeu a mão.

- Não toque nisso!

Ela parou a pouco da substância orgânica. De repente, a tampa da cúpula moveu, abrindo com um silvo silencioso.

Santha tropeçou para trás. Cruz levantou a arma.

O compartimento estava vazio.

Ambos estudaram. Havia um espaço interior que se encaixaria um *Raptor*.

Cruz levantou a câmera e tirou algumas imagens. - Vamos. Estamos aqui agora, então vamos dar uma olhada rápida ao redor.

Mudaram-se pelos corredores, encontrando mais casulos de vida para os *Raptors*, mais suprimentos, salas de aula vazias.

Não havia prisioneiros humanos.

Ele viu o rosto de Santha tornando cada vez mais sombrio.

- Eles têm que estar aqui. - disse ela.

Ele olhou no seu relógio. - Não podemos ficar muito mais tempo.

- Temos que continuar pesquisando o edifício. Os ...

Passos pesados soaram ao virar da esquina, pelo corredor.

Merda. Cruz olhou ao redor. Não havia muitos lugares para se esconder. Ele agarrou o braço de Santha e pediu para ela voltar pelo corredor.

Mais passos. Que vinham no sentido oposto. Ele parou. Droga, eles estavam presos entre *Raptors* que se aproximam.

Ele puxou a faca e fez um gesto para ela ficar atrás dele.

Então ele saltou ao virar da esquina do corredor.

O *raptor* caminhando em direção a eles recuou, assustado, e deixou cair a arma. Cruz bateu nele.

O alien não desceu. Ele era um grande bastardo. Quando seu olhar pousou em Cruz, o vermelho nos olhos dele queimava.

Cruz reverteu seu controle sobre o cabo da faca e mergulhou a lâmina para o lado do pescoço do alienígena. Cruz trabalhou a faca, bloqueando o punho balançando do *raptor* com o outro braço.

O *raptor* nem sequer teve a chance de fazer um barulho. Ele morreu em um instante e Cruz montou seu corpo no chão.

- Vamos! - Ela sussurrou freneticamente. - Mais estão vindo.

O tambor de botas era como um cronometro marcando para baixo o tempo todo. Cruz pegou o *raptor* morto sob as axilas e o arrastou pelo corredor. - Temos que encontrar um lugar para esconder esse cara.

- Ah ... há sangue no chão.

- Limpe-o melhor que puder. Não é como se eles estão mantendo o local arrumado. - O chão estava imundo.

Ela franziu o nariz, mas rapidamente usou suas botas para manchar o sangue para as outras manchas de sujeira.

- Eles estão vindo! - Ela olhou para o corredor.

- Rápido, há um armário de zelador.

Juntos, eles tiveram a porta aberta e com algumas manobras desajeitadas, pegou o corpo pesado do *raptor* morto dentro do armário. O espaço acabou por ser mais como uma pequena sala cheia de prateleiras de produtos de limpeza, vassouras, esfregões e um limpador de chão industrial.

Santha tinha apenas fechado a porta quando ouviram o barulho de botas e os sons guturais de *Raptors* falando.

Cruz silenciosamente baixou o corpo no chão, toda a sua atenção voltada para a ameaça exterior. Se eles tivessem que lutar seu caminho para fora, este pequeno quarto não lhe daria qualquer vantagem.

Mas o som dos *Raptors* rapidamente desapareceu.

Os ombros de Santha relaxaram. - Eles foram embora.

- Mas eles estavam procurando por alguém. Eles sabem que estamos aqui. E uma vez que eles percebem que têm um guarda faltando, eles estarão de volta. - Cruz estudou seu esconderijo.

Ele arrastou o corpo raptor contra uma prateleira para mantê-lo escondido de uma pesquisa superficial.

Santha enfiou as mãos nos quadris. - O que deveríamos fazer?

Um gemido baixo encheu a sala.

Cruz olhou para o *raptor*. Ainda estava silencioso.

Outro grito estrangulado, baixo e lamentável.

- Que diabos? - Santha sussurrou, levantando sua besta.

Ele olhou em volta e viu uma grande grelha de ventilação. Quando o gemido começou de novo, ele percebeu que o som estava filtrando por lá.

Ele apontou, e com um aceno de cabeça, Santha seguiu-o.

Eles se abaixaram e olhou através das ripas do respiradouro.

O intestino de Cruz apertou e uma maldição explosiva escapou de sua boca.

Santha apertou um punho fechado aos lábios. - Meu Deus.



CAPÍTULO NOVE

O cérebro de Santha não podia calcular o que ela estava vendo.

Através das aberturas estreitas na ventilação, ela podia ver várias camas estreitas alinhadas contra a parede na sala escura.

Em cada cama estava um ser humano ... que está servindo para testes experimentais.

Mais próximo a ela e Cruz, ela viu um homem ligado a tantos tubos orgânicos como fosse visível. O sangue correu para fora de alguns tubos, e outros fluidos de várias cores foram correndo para ele. Ele se debatia debilmente e gemendo.

Na próxima cama estava uma mulher com o peito aberto rachado e seu peito estava separado por garras de ossos de aparência estranha. Ela estava chorando.

Ao lado dela estava outra mulher, seu estômago de grávida distendido para um tamanho anormalmente grande. Ela parecia inconsciente, mas seu corpo estava se contraindo espasmodicamente.

A fila de camas continuou, desaparecendo na escuridão. Segurando o que sabia como muitas outras pessoas.

Bile subiu na garganta de Santha. Eram ratos de laboratório. O que diabos os *raptores* estavam fazendo aqui.

Ela engoliu em seco, tentando não ficar doente. - Temos que tirá-los daqui.

Ela não tinha percebido que ela tinha falado até as grandes mãos do Cruz entrelaçaram com as dela, segurando-a no lugar. - Nós vamos tirá-los. Mas não podemos fazer isso sozinhos.

Algo em sua voz a alertou. A borda escura que nunca tinha ouvido antes. Olhando para seu rosto, ela viu uma raiva tão preta e letal que a assustava.

- Isso o lembra de seu primo. - disse ela.

Um músculo saltou no maxilar de Cruz e deu um breve aceno de cabeça.

- Eu não quero deixá-los aqui mais um minuto. - Santha sussurrou.

Suas mãos apertaram as dela. - Nem eu. Mas precisamos de mão de obra e uma equipe médica para ajudá-los.

Tudo o que ele disse era verdade, mas rasgou-a. Por deixar assim alguém ... ela deixou escapar um longo suspiro, instável. - Nós voltamos à base, obtemos reforços e fazemos planos de recuperação ... - ela olhou em seus olhos escuros - ... então vamos voltar aqui e levá-los para fora.

- Você tem razão, *mi reina*. - Ele apertou uma mão para a grade, flexionando seus músculos. - Nós voltaremos.

Santha estava prestes a puxar para trás quando ouviu um pequeno grito apenas do outro lado da grade. Assustada, ela se afastou, então lentamente se inclinou para frente novamente.

Um olho verde olhou para ela.

Santha engasgou. Era uma menina. Cerca de dez anos de idade.

Ela usava uma camisola rasgada suja e seu rosto estava manchado de sujeira. Metade de sua cabeça havia sido raspada, a outra metade estava coberta de uma nuvem de cabelos escuros emaranhados.

O coração de Santha ficou uma libra pesada no seu peito. A menina a fez lembrar de uma Kareena mais jovem com seu cabelo escuro e olhos verdes.

- Querida, você está bem? - Santha sussurrou.

- Que diabos? - Cruz se agachou. Quando ele viu a menina, ele pressionou um punho na parede e parecia que ele queria bater os tijolos para baixo.

A menina simplesmente piscou para Santha, sua expressão vazia.

Ela tinha que estar em estado de choque. Além da falta de cabelo e a sujeira cobrindo-a, ela parecia bem.

- Nós estamos indo para tirar você daí. - Santha não poderia salvar sua irmã, mas ela com certeza poderia salvar essa menina. Santha testou a força da grelha através da ventilação. Se ela só pudesse tira-la ...

Mais uma vez, Cruz agarrou a mão dela. – Santha ...

- Eu não vou deixá-la! - Um sussurro furioso.

- Não podemos sair daqui se ela está com a gente.

- Ela se parece com Kareena quando era uma menina. - Santha mordeu o lábio. - Eu não posso deixá-la.

Ele suspirou e pressionou a palma da mão para a parede, com a cabeça soltando. - Nós poderíamos ser mortos ou capturados, poderíamos levá-la a ser morta tentando escapar. E nós não seríamos capazes de voltar para os outros. Além disso, ela pode precisar de cuidados médicos, não podemos dar a ela.

- Ela parece bem, Cruz. - Santha puxou a grade novamente. Ela precisava de algo para obter os parafusos fora. - Agora me ajude, caramba.

De algum lugar no laboratório, houve o som de uma porta se abrindo e as vozes de *Raptors*.

A menina choramingou, seus olhos ficando grandes.

- Eu estou a tirando de lá! - Santha puxou os itens no seu cinto. Tinha que haver algo que iria funcionar.

Então, a garota virou. O coração de Santha caiu de joelhos, um soluço capturou em seu peito.

O lado raspado da cabeça dela estava coberto de pequenos círculos redondos. Cada um era um furo em seu crânio. Alguns tinham minúsculos fios salientes deles.

Os braços de Santha caiu para os lados e ela fechou os olhos. Eles não podia arriscar levá-la para fora, onde Deus sabia o que poderia entrar em suas feridas abertas.

O braço de Cruz enrolado em torno dos ombros de Santha. - Vamos voltar para ela. Nós não vai deixá-la.

As vozes de *Raptors* estavam ficando mais altas. Com um olhar assustado para eles, a menina saiu correndo.

- Temos que ir. - Cruz puxou Santha longe do respiradouro.

Na porta para a sala de armazenamento, ele segurou seus ombros. - Eu preciso de você de volta no jogo para que possamos sair daqui.

Ela assentiu com a cabeça estupidamente, mas imagens daquele laboratório *raptor* permaneceu em sua visão, queimando em seu cérebro.

- Santha. - Ele a balançou um pouco. - Foco.

- Ok, droga, eu estou focada. - Ela atraiu um grande fôlego. - Nós vamos sair. Em seguida, voltamos.

Ele assentiu. - Eu prometo.

- OK.

Santha se focou em sair da base *raptor*. Ela não podia deixar que seus pensamentos se perdessem naquilo que tinha visto, com aquela garotinha.

Mudaram-se rapidamente através dos corredores. Três vezes, eles tiveram que entrar em salas do lado para se esconder quando as tropas *raptor* passavam.

Não pense sobre o laboratório.

Eles conseguiram esgueirar-se para fora do prédio sem ser vistos. Eles correram para fora da escola e atrás de um prédio vizinho que costumava ser um restaurante.

Não pense sobre o laboratório.

Movendo-se para uma corrida, eles se dirigiram de volta para o Darkswift. Impiedosamente, Santha sufocou os pensamentos da menina e como ela tinha sido violada.

- Vamos contornar o parque. - Cruz murmurou. - Eu não quero correr em mais um daqueles monstros de penas.

Santha assentiu.

Demorou um pouco mais, mas eles foram em torno da grama longa. Ela se forçou a ficar alerta para qualquer sinal de *Raptors* ou outras criaturas alienígenas. Mas tudo o que podia ouvir eram os ecos desses gemidos humanos de dor.

Eles chegaram ao *Darkswift*. Santha saltou dentro e Cruz ligou o motor. O teto se encaixou.

- Elle, estamos nos preparando para a decolagem.

- Cruz! Onde você esteve? Marcus e Holmes têm vindo a deixar todo mundo á beira da loucura.

- Nós ... tivemos um pouco de dificuldade. Nós podemos confirmar que os prisioneiros humanos estão no local.

Ele assobiou em uma respiração. - OK. Boa. As outras equipes de reconhecimento não encontraram nada.

O *Darkswift* elevou-se no ar. Santha observava o chão abaixo ficam cada vez menor, em seguida, eles atiraram para a frente. Momentos depois, eles estavam indo para o oeste.

Longe da base *raptor*.

Longe dos seres humanos que precisavam de sua ajuda.

Santha se inclinou para frente até que sua testa descansou no console. A chama impotente de raiva e tristeza queimando por ela.

Pela primeira vez, ela estava feliz que Kareena tinha morrido. Ela nunca, nunca iria querer que a sua irmã acabasse como aquela menina.

Abrindo os olhos, Santha virou a cabeça para olhar para o homem ao seu lado. O display lançava um brilho verde sobre suas feições duras.

E pela primeira vez em uma eternidade, ela estava feliz que ela não estava sozinha.

- Você tem que estar brincando comigo. - As palavras explodiram de Marcus.

Holmes estava perto, o rosto sombrio.

Cruz tinha acabado de dar todos os detalhes de sua missão de reconhecimento e experimentação dos *Raptors*.

Ele havia carregado as imagens que ele tinha tomado para o computador e elas brilharam na tela. Ao lado dele, ele sentiu Santha tensa.

O rosto da menina era como a de um fantasma na luz escura do laboratório. Mas era o suficiente para ver os horrores acontecendo por trás dela e do trauma refletido no branco dos olhos verdes da menina.

Marcus amaldiçoou um pouco mais e Gabe, Shaw e Claudia se juntaram a ele. As lágrimas brilhavam nos olhos de Elle e Holmes parecia pronto para bater em alguém.

- Cristo. - Roth murmurou. O líder do Esquadrão Nove tinha os braços cruzados sobre o peito largo e seu olhar colado a tela.

Olhando para o rosto da garota levou Cruz de volta para um outro tempo, quando ele tinha visto uma sala cheia de horrores e crianças sendo feridas. As emoções irregulares eram uma tempestade em seu intestino.

Mas era com Santha que ele estava mais preocupado.

Ela apenas disse uma palavra no caminho de volta para a base, nem mesmo quando eles estavam dentro do *Darkswift*. Seu rosto estava assustadoramente em branco, mas ele sentiu a tensão derramando dela. Algo escuro e feio estava se formando dentro dela, alimentando-se de sua sede de vingança.

Ele estava com medo de que ela se pusesse em perigo uma vez mais.

Cruz metade ouviu quando os outros rolaram através das imagens e pararam para discutir o alien com que lutou no parque.

- Parece um *velociraptor*. - Disse Elle tocando nos controles computadorizados.

Mais imagens apareceram, mostrando um esqueleto de dinossauro de um animal que parecia semelhante ao que os atacaram.

- Aqui está uma tradução do que eles pensaram que o *velociraptor* teria parecido.

Cruz endireitou. - Merda. Isso é estranhamente similar.- Um dinossauro com penas, com enormes garras em suas patas traseiras. A versão *raptor* era um pouco maior.

- Quantos mais desses estão lá? - Perguntou Holmes.

- Impossível saber. - disse Elle.

- O que vamos chamá-lo? – Isso veio de Shaw.

- De *velox*. - disse Elle. - *Velociraptor* foi nomeado a partir de *velox* palavra latina, que significa rápido ou velocidade.

- Bem, era malditamente rápido. - disse Santha. - *Velox* funciona.

Droga, Cruz realmente não gostou do rosto calmo que ela estava colocando.

- Tudo bem. - disse Holmes. - Nós vamos planejar uma missão de resgate. Mas eu quero um plano hermético. O que quer que seja que os *Raptors* estão fazendo, eles não vão querer perder os seus objetos de teste. Nós temos que ter cada movimento planejado, com um plano B e um plano C traçado, no caso das coisas irem mal.

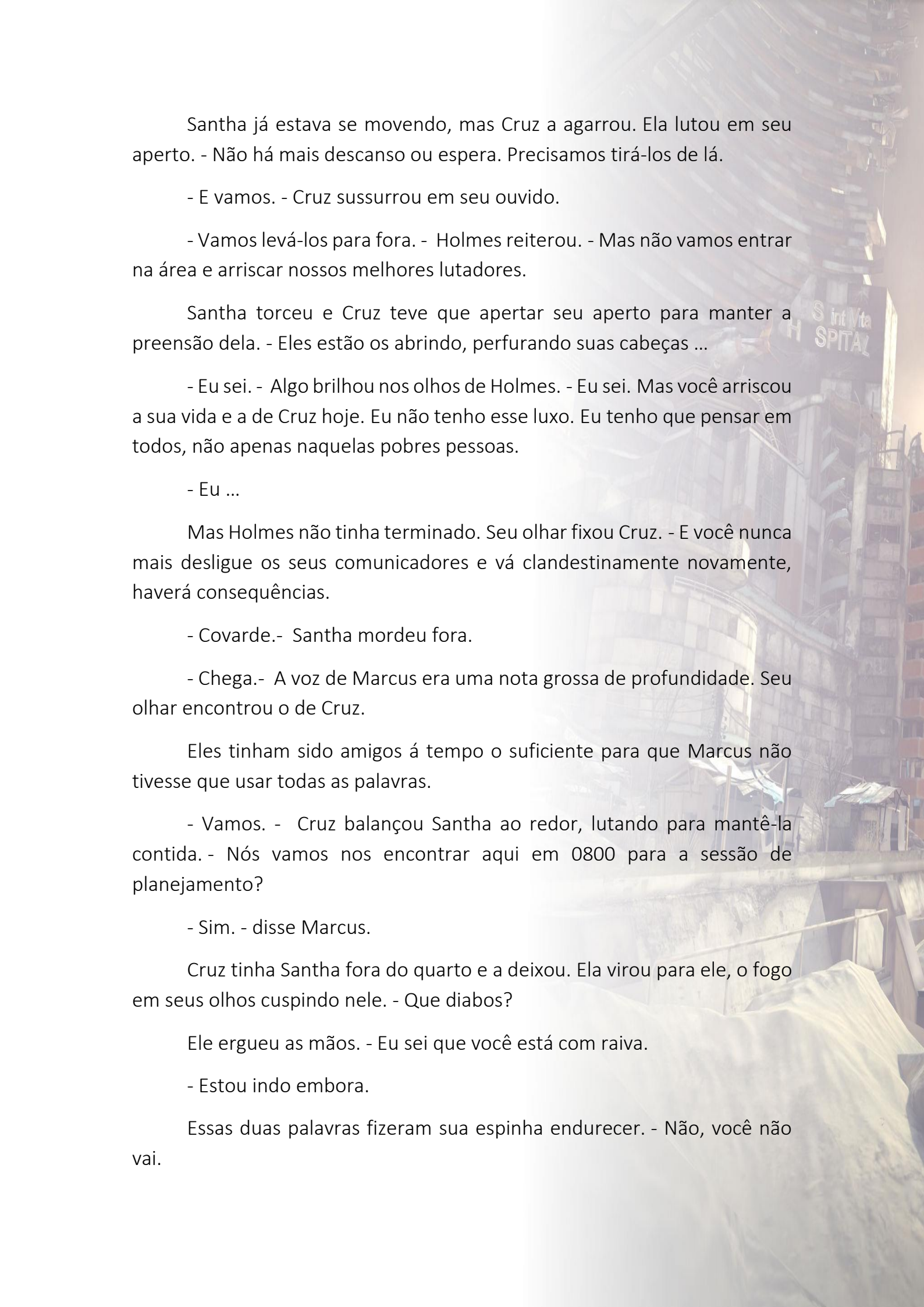
- Vamos precisar de dois esquadrões lá. - disse Marcus.

- Além de uma equipe médica. - acrescentou Elle.

- Vamos precisar dos melhores. - Marcus olhou para a tela, com os braços musculosos cruzados. – *Hell Squad* e Esquadrão Nove.

- Inferno, sim. - disse Roth.

- Nove estão fora trabalhando em defesas da base. - disse Holmes. - E Steele, sua equipe e Roth foram para fora no reconhecimento. Eu preciso que todos descansem um pouco, em seguida, na parte da manhã vamos começar a planejar.



Santha já estava se movendo, mas Cruz a agarrou. Ela lutou em seu aperto. - Não há mais descanso ou espera. Precisamos tirá-los de lá.

- E vamos. - Cruz sussurrou em seu ouvido.

- Vamos levá-los para fora. - Holmes reiterou. - Mas não vamos entrar na área e arriscar nossos melhores lutadores.

Santha torceu e Cruz teve que apertar seu aperto para manter a apreensão dela. - Eles estão os abrindo, perfurando suas cabeças ...

- Eu sei. - Algo brilhou nos olhos de Holmes. - Eu sei. Mas você arriscou a sua vida e a de Cruz hoje. Eu não tenho esse luxo. Eu tenho que pensar em todos, não apenas naquelas pobres pessoas.

- Eu ...

Mas Holmes não tinha terminado. Seu olhar fixou Cruz. - E você nunca mais desligue os seus comunicadores e vá clandestinamente novamente, haverá consequências.

- Covarde.- Santha mordeu fora.

- Chega.- A voz de Marcus era uma nota grossa de profundidade. Seu olhar encontrou o de Cruz.

Eles tinham sido amigos á tempo o suficiente para que Marcus não tivesse que usar todas as palavras.

- Vamos. - Cruz balançou Santha ao redor, lutando para mantê-la contida. - Nós vamos nos encontrar aqui em 0800 para a sessão de planejamento?

- Sim. - disse Marcus.

Cruz tinha Santha fora do quarto e a deixou. Ela virou para ele, o fogo em seus olhos cuspidando nele. - Que diabos?

Ele ergueu as mãos. - Eu sei que você está com raiva.

- Estou indo embora.

Essas duas palavras fizeram sua espinha endurecer. - Não, você não vai.

- Você não pode me dar ordens, Ramos, eu ...

- Vamos. - Ele agarrou seu braço e rebocou-a para baixo do túnel.

Ela o surpreendeu por não lutar com ele. Mas uma terrível tensão irradiava dela. Ela ou ia quebrar ou explodir.

Havia um lugar que ele ia quando ele precisava queimar a escuridão.

Ele a levou para o ginásio.

Alguns soldados estavam usando as esteiras e todos levantaram a mão em saudação, olhares curiosos rastreando a forma de Santha. Cruz acenou para eles e puxou-a para uma porta do outro lado do ginásio. Ele cutucou dentro, fechou a porta atrás deles, e trancou-a.

Ela estudou o espaço coberto de tapetes de borracha e rodeado de espelhos com um olhar estreito aberto. - O que é isso?

- Sala de treino privada. - Cruz tirou as suas botas e, em seguida, puxou a camisa sobre a cabeça. Ele saiu para as esteiras, observou o olhar de Santha rastreando sobre o peito e tatuagens. - Vamos. - Ele fez um gesto de - venha aqui - com a mão.

- Você quer lutar? - Ela levantou uma sobrancelha escura, mas uma luz tinha aparecido em seus olhos.

- Eu quero que você trabalhe com essa tensão antes de quebrar.

Santha tirou os sapatos, em seguida, mudou-se para as esteiras, circulando ele. - Eu estou irritada.

- Eu entendi.

- Eu realmente quero chutar alguns traseiros *raptor*.

Ele assistiu seu movimento o tempo todo, o corpo flexível dela. - Eu também. Mas, por agora, nós estamos de castigo até que possamos recarregar e elaborar um plano.

- Eu poderia sair. - disse ela novamente.

Cruz flexionou suas mãos. - Você poderia tentar.

Seus olhos verdes se voltaram para fendas. Ela afundou em uma posição de combate, joelhos soltos, braços levantados. - Você precisa de um lembrete de que você não está no comando, soldado.

Ele sorriu, antecipação lambendo suas entranhas. – Venha.



CAPÍTULO DEZ

Santha lançou-se em Cruz.

Ela estava alimentada por todas as emoções reprimidas girando dentro dela, comendo-a. Ela apontou um chute na cabeça dele. Ele bloqueou e se abaixou ao lado.

Ela caiu, girando quando ela foi, alinhando seu próximo chute. Ele era claramente mais forte do que ela, então ela precisava usar sua velocidade para sua vantagem.

Ela desembarcou um golpe no braço, ficou satisfeita ao ouvir um grunhido, então ela mirou um chute lateral no joelho.

Mas ele era mais rápido do que tinha imaginado. Ele se esquivou fora de seu alcance, agarrou seu tornozelo e torceu.

Santha girou com o movimento e se empurrou livre. Em seguida, ela entrou com um soco, fintou e abaixou-se para tirar seus pés do chão.

Ele estava pronto embora. Ele se inclinou e agarrou-a pela camiseta.

Ela enfiou os braços para cima e quebrou. Quando ele chegou para ela novamente, ela deixa ele agarrar o braço dela. Em seguida, ela agarrou seu pulso grosso e usou a sua força para puxá-lo sobre sua cabeça.

Por um segundo, ela não achava que seu grande corpo ia ceder, mas então ele foi, caindo em um rolo e cambalhotas longe dela.

Santha saltou para trás em seus pés. Ela saltou um pouco, seus músculos quentes e seu sangue disparado. Ela queria pousar alguns golpes, levá-lo a dar-lhe um bom treino para que ela pudesse obter essa merda fora de seu sistema.

Ambos se moveram ao mesmo tempo. Ela lançou em uma combinação de movimentos e pontapés, que ele bloqueou e se abaixou. Eles puxaram para trás, os dois respirando pesadamente. Antes que ele pudesse se recuperar, ela deu dois passos e saltou no ar. Seu chute bateu seu ombro,

deixando-o um passo para trás. Ela seguiu com um soco difícil de seu intestino.

Maldição, o homem parecia que era feito de pedra. Ela apontou mais um golpe para seu lado, mas ele bloqueou com o antebraço e ela deu um passo atrás.

Ela franziu o cenho para ele. Ele só estava bloqueando ela, não atacando. - Vamos, soldado. Certamente você tem mais do que isso.

Eles circularam entre si e Santha acertou-o com mais chutes e socos. Quando ela deu um passo atrás, aborrecimento era um brilho de fogo em suas veias.

- Luta, droga. Se eu queria um saco de pancadas, eu iria no ginásio.

Os olhos de Cruz despertaram. - Eu não vou te machucar.

- Vamos. - ela insistiu. - Luta comigo. - Ela correu de novo, e desta vez ela conectou seu pé com o queixo, tirando a cabeça para trás.

Ela recuou, ofegante.

Ele passou a mão sobre a boca, limpando uma mancha de sangue. - Eu não vou bater em você.

- Então por que diabos se incomodou em me trazer para aqui? - Ela atacou novamente, ela pousou o soco logo acima do rim esquerdo. Com uma maldição, ele se afastou.

- Você não está tentando. - ela cuspiu. - Lute!

Mas ele a deixou bater e chutar e nunca levantou um dedo contra ela. Santha sentiu como se estivesse lutando e ele estivesse dançando.

Toda a raiva e horror dentro dela morreu, voltando-se para uma emoção fundida que não podia nomear ... e agora tudo isso visava o homem na frente dela. Se ela pudesse limpá-lo, talvez ela pudesse pensar novamente, respirar novamente.

Tempo para algo diferente. Ela saltou para ele, usando toda a sua força e colidiu com o peito.

Ele não estava esperando sua mudança de tática e ele desceu, Santha desembarcou em cima dele. Ela prendeu os braços para baixo com seus joelhos.

- Se você não vai me dar o que eu quero, então eu vou levá-lo. - disse ela.

Ele olhou-a. - Você realmente quer que eu bata em torno de você?

Ela não se permitiu pensar. Ela se inclinou e mordeu seu lábio inferior, afundando seus dentes, roubando uma pitada de seu gosto, sexy.

O grande corpo de Cruz estava ainda sob ela, em seguida, sua boca estava na dela, forçando os lábios abertos. Ela apertou as mãos de cada lado de sua cabeça e beijou-o de volta. Não foi um beijo fácil, nada suave ou amoroso sobre isso. Era duro, áspero e perfeito. Sua língua acariciou a dela e ela acariciou para trás, gemendo em sua boca. Tão bom. Ela sempre soube que quando ela finalmente tivesse Cruz, seria melhor do que qualquer coisa que ela teve antes.

Ela recuou, ouviu seu grunhido de protesto, mas quando ela agarrou o decote de sua camiseta cinza e, em seguida, puxou-a sobre a cabeça e os braços, seu rosto mudou. Ele tinha um brilho de fome ultrapassando aqueles olhos líquidos.

A tinta preta ao redor de seus bíceps duro e ombro a chamou como uma sirene. Ela passou a língua sobre o projeto em seu braço, traçando a tinta.

Ele gemeu. Sua mão mergulhou em seu cabelo.

- Quando você conseguiu isso? - Ela perguntou.

Ele arrancou a fixação em seu cabelo e ele caiu em torno deles.

- Depois que entrei para a Marinha. É só tinta, mas foi a minha maneira de recuperar-me.

- Eu gosto disso. - Ela beliscou o projeto em seu ombro.

Ele empurrou seus quadris e enviou-os a rolar. Eles rasgaram as roupas um do outro. Ela rasgou a calça e ele fez um rápido trabalho em sua camisa. Um golpe de sua mão grande e o tinha rasgado.

Eles rolaram novamente e desta vez ele estava em cima dela. Ele afundou entre seus quadris e ela sentiu a escova dura de seu pênis contra ela. Ele a beijou, a força dele empurrando a cabeça de volta para o tapete.

Cruz não seria um amante fácil. Ele não iria ser domado ou seguir ordens.

E caramba, ela o queria. Cada polegada teimosa, alfa-macho dele.

Porra Cruz iria levar o pensamento de sua cabeça e não deixar nada exceto o rugido de desejo. Mas ela não iria apenas rolar e deixá-lo fazer o que ele queria.

Ela levantou os quadris e obrigou-o a rolar até que ela estava em cima novamente. Suas mãos atacaram o cinto e zíper. Em seguida, ela estava puxando as calças para além e aprofundando sob o algodão preto de seus boxers.

Oh Deus. A dureza quente encheu as suas mãos. Seu pênis era longo e grosso, pulsando contra sua pele. Ela sentiria cada polegada dele quando ele a enchesse.

Santha explorou seu pênis, traçando uma veia grossa e acariciando a cabeça arredondada. Ela amou seu longo gemido.

- Porra, Santha. - Os músculos do pescoço tensos. - Você vai ser o meu fim.

- Oh não, soldado. - Ela bombeou-o com a mão. - É apenas o começo.

Relutante, ela o soltou e se levantou. Levou três segundos para dançar fora de suas calças e calcinhas. Ela ficou acima dele completamente nua. Ela não tinha curvas ou suavidade feminina. Ela sabia que tinha arestas duras e sua massa muscular era dura. Mas os seios, embora não fossem grandes, eram altos e firmes e suas longas pernas eram alvo de muitos elogios.

Como se ele lesse a sua mente, ele deslizou as mãos para cima em suas panturrilhas, os calos nos dedos raspando sobre sua pele. - Santha.

Apenas o nome dela. Uma palavra. E ainda o sotaque sexy de sua voz expressou que ele gostou do que viu.

E o seu pau duro disse a ela a mesma coisa.

Ela caiu de joelhos, deixando seu pênis debaixo dela, e afundou em um impulso firme.

- Foda-se. - Seus quadris empinaram-se, deixando-o mais firmemente dentro dela.

Deus, doeu mais do que ela esperava. Ela ainda ficou por um segundo, com as mãos enroladas em seu peito duro. Ela estava cheia dele, esticada até ao limite. - Estou um pouco ... fora de prática.

- *Mi reina.* - Ele segurou seu rosto. - Tome um segundo, se acostume comigo. - Uma de suas mãos deslizaram para baixo, traçando sobre o peito, sacudindo o mamilo, desenhando um círculo em torno de seu umbigo. Em seguida, ele deslizou entre suas pernas.

No primeiro toque de seus dedos contra seu clitóris, ela empurrou. Ela moveu os quadris, querendo mais do seu toque. Ele esfregou um círculo liso sobre o nó e ela mordeu o lábio com as sensações.

Seu olhar voou para o dele. Ela viu algo em seus olhos e ela pensou que poderia ser satisfação.

- Mova-se, agora. - ele sussurrou. – Me leve, *mi reina.*

Santha levantou os quadris até que apenas a cabeça dura dele permaneceu dentro dela, então ela bateu novamente. Ele gemeu e ela apertou suas mãos plana contra seu peito e começou balançando em um ritmo selvagem.

Ela queria purgar a escuridão dentro dela.

Agora, tudo o que ela sentia era a tempestade de desejo e não havia espaço para mais nada, além de Cruz.

Dios, ela estava tão fodidamente bonita.

Cruz assistiu, hipnotizado, como Santha se movia acima dele. Seus seios balançavam um pouco e ele deixou um aviso mental para ele mesmo

passar mais tempo com eles mais tarde. Ele queria explorar a forma firme deles e provar os mamilos rosa escuro.

Ele agarrou seus quadris, a ajudando a montar mais rápido. Seu pênis se mudou profundamente dentro dela, e ela era como uma luva quente, apertada em torno dele.

Elettricidade patinou por sua espinha e ele sentiu seu corpo apertar. Ele a queria há meses, tinha sido incapaz de pensar em mais alguém além dela. E agora ele estava dentro dela, observando as expressões fascinantes voando em seu rosto marcante.

Ela se moveu mais rápido e ele deslizou a mão para baixo entre suas longas coxas. Ele descobriu que estava liso, em seu clitóris e esfregou-a com força. Ela gritou e ele sabia que sua libertação estava se construindo. Ele não podia esperar para vê-la passar por cima. Com outro grito inarticulado, ela começou a dirigir-se para ele mais rápido e de forma mais agressiva.

Cruz passou os dedos no inferior, e sentiu que seu pênis dividia sua boceta. Tão, porra sexy. Ele voltou para seu clitóris. Droga, ele não podia esperar para tê-la espalhada por baixo dele, a boca sobre ela, observando-a se contorcer enquanto ele lambia e chupava.

- Cruz! – As costas de Santha arquearam. Sua libertação bateu nela e ela gritou seu nome.

Ele cerrou os dentes, queria segurar enquanto podia. Quando ela finalmente caiu para a frente sobre ele em uma expansão, ele rolou, fixando-a debaixo dele.

- Agora é a minha vez. - Ele puxou uma de suas coxas para cima e para fora e ele afundou mais profundamente dentro dela. Ela gemeu, com os olhos meio abertos, observando-o com uma intensidade sexy.

O último minúsculo fio de seu controle estalou e ele martelou dentro dela. Ela era quente e tão malditamente molhada. Ele nunca tinha sentido nada tão bom. Ele empurrou uma e outra vez até que ele começou a perder seu ritmo, a sua libertação iminente uma bola quente na base de sua espinha.

Com mais um impulso, ele se apresentou profundamente dentro dela. Com um gemido, ele a inundou com a sua libertação.

O orgasmo se foi, finalmente, quando ele desceu, ele não estava certo de que poderia manter-se por mais.

Não querendo esmagá-la, ele deslizou para o lado, caindo sobre o tapete de costas. Ele jogou um braço sobre os olhos.

- Eu não posso me mover. - disse Santha.

Ele conseguiu virar a cabeça. Então, ele sorriu. Dane-se se isso não era um inferno de uma bela vista. Uma longa, magra e nua Santha esparramada em abandono na esteira, suas pernas abertas e um braço acima da cabeça. Suas bochechas estavam coradas e seus olhos estavam sonolentos. Ele supôs que ele não parecia muito diferente. - Não posso me mover, também.

Ela arrastou uma respiração profunda. - Será que eu desgastei o grande e mau soldado?

Ele bufou. - Me destruiu.

- Eu não me importaria com um abraço pós-foda embora. Se está tudo bem com você.

Ele grunhiu e deslizou até ela. Ele levantou-se sobre o cotovelo e pairou sobre ela. - Primeiro, isso foi mais do que apenas uma foda.

Ela engoliu em seco. - Cruz ...

- Não, Santha, fique quieta. - Ele puxou-a em seus braços e deitou-se com ela se aconchegando apertada ao seu lado. Merda, ele não se importava de se aconchegar com uma mulher bonita, mas nunca tinha sido tão bom. - Não estrague o momento analisando demais. - Ele acariciou seus cabelos, que tinha um pouco de cheiro pós sexo.

- Ok. - ela murmurou, apertou o rosto em seu ombro.

Quando sentiu a boca movendo-se sobre suas tatuagens, ele prometeu a si mesmo que ele ia conseguir mais. Talvez ele obteria o seu nome com tinta em seu peito.

Ele emaranhou sua mão em seu cabelo. - Quero dizer isso. Não foi apenas uma foda. Se eu tiver que fazer amor com você todos os dias pelo o próximo ano para provar isso a você, eu vou.

Ela bufou uma risada. - Como é nobre de sua parte fazer esse sacrifício.

Ele sorriu contra seu cabelo. - Sim, sou eu, nobre. - Lá dentro, ele se perguntou por que diabos ele não estava apavorado. Ele nunca tinha feito amor com uma mulher. Ele fodia, ele tinha relações sexuais, sexo bom, sexo quente, sexo explosivo ... mas não o, tipo amoroso cheio de emoção. Ele limpou a garganta. - Eu deveria ter mencionado isso antes, mas eu tenho um implante contraceptivo. Todos os soldados o fazem. E eu não estive com ninguém desde o meu último check-up, que passou com distinção.

- Você é nobre. - Ela sorriu. - Obrigado por me avisar. E eu não sei o que isso ... - Ela acenou com a mão entre eles. - ... é, mas por enquanto ele não precisa de um nome. - Ela lentamente passou a mão para baixo do centro do peito.

Milagrosamente, ele sentiu o fogo passar pelas as suas terminações nervosas e se concentrar em seu pau.

Ela mordeu seu ombro. - Eu acho que você deveria me mostrar novamente a diferença entre foder e o que acabamos de fazer.

Cruz levantou-se, estendeu a mão e puxou-a para cima. Ele agarrou suas roupas que estavam espalhadas por todo o tapete.

Ela observou-o. - Onde estamos indo?

- Voltando para os meus aposentos. Eu vou fazer amor com você na minha cama. - Oh, sim, ele não podia esperar para vê-la em *sua* cama, em *seus* lençóis.

Ela lambeu os lábios. - OK.

- E depois disso, eu vou te foder no chuveiro. Duro, áspero e rápido.- Ele sorriu. - Então você vai saber a diferença.

CAPÍTULO ONZE

Oh Deus, ela ia vir.

As palmas das mãos de Santha estavam pressionadas na telha dura do chuveiro. Atrás dela, as mãos duras de Cruz cavaram suas nádegas quando ele bateu seu pênis dentro dela. Ela jogou a cabeça para trás, sentiu um ardente, nó quente amarrar abaixo em sua barriga. Ele era tão grande, seu pau grosso corria contra todas as suas terminações nervosas, estirando-a com um prazer e dor que era viciante.

- Foda-se, esta é a melhor vista que eu já vi em muito tempo. - Uma das mãos dele deslizou sobre a parte inferior das costas. - Você está tão malditamente linda. Eu amo essa sua pele dourada.

Ninguém nunca a tinha chamado linda. Santha sempre era a forte, a única atlética.

- Eu estou indo para vir, Santha. - Cruz rosnou as palavras. - Mas você tem que vir em primeiro lugar.

Ela estava tão perto, patinando ao longo da borda. Mas, mesmo enquanto seus pesados golpes balançou dentro dela, ela não conseguia passar por cima.

Ele agarrou seus quadris, suas estocadas se voltando mais ásperas. - Venha para mim, Santha. Vem no meu pau. Deixe-me sentir você me ordenhar.

Ela fez um ruído em sua garganta. - Eu não posso.

- Você pode. - Ele bateu a mão contra a sua bunda. - Toque-se.

Incapaz de ignorar seus comandos de voz e a voz suja, ela deslizou uma mão entre as pernas dela, indo mais e mais até que ela sentiu a raiz espessa de onde ele estava entrando dentro e fora de seu corpo. Deus, era tão sexy sentir-se estender ao redor dele. Então ela deslizou os dedos até que ela encontrou seu clitóris, inchado e quente, e oh, tão sensível.

Ela esfregou o dedo contra a pequena protuberância, e um som choramíngado escapou dela. Ela continuou esfregando, imaginando como Cruz era enquanto martelava dentro dela.

- Essa é minha garota. - ele murmurou. - Eu posso te sentir apertar em torno de mim. Deixe que ele venha, *mi reina*.

Outro gemido e outro duro impulso de Cruz e seu orgasmo bateu nela como uma avalanche. Seus gemidos ecoaram no chuveiro e segundos depois, ela ouviu o gemido de Cruz quando ele se esvaziou dentro dela.

As pernas de Santha cederam, mas ele estava lá, segurando-a. Ela o deixou levantá-la em seus braços. Deus, era tão sexy. Ninguém nunca a tinha levado ao redor, ela era muito alta e pesada para a maioria dos homens. Mas ele não parecia ter um problema. Bem, com todos aqueles músculos rígidos, amarrados, ela não deveria estar surpreendida.

Ele desligou o chuveiro e a deixou em seus pés fora da tenda, antes de envolvê-la em uma toalha. Ele bateu outra toalha sobre o peito, então engatou ao redor de seus quadris. Depois disso, ele puxou-a para o seu quarto, sentou-se à beira de uma poltrona e puxou-a para ficar entre suas coxas abertas. Tomando a toalha, ele começou a trabalhar em seca-la.

Ele era irritantemente completo. Ela realmente achou que seria impossível sentir desejo após o orgasmo que ele tinha acabado de dar. Mas a sensação do tecido deslizante entre as pernas e as mãos quentes correndo sobre a pele, provocou uma agitação fraca em sua barriga.

Ele tomou o seu tempo ao secar suas pernas, seu olhar rastreando sobre suas coxas. Ele deslizou sobre sua barriga plana e, em seguida, ele parou em seus seios, esfregando a toalha sobre seus mamilos até que eles se apertaram em picos duros.

Ela gemeu. - Como você está fazendo isso comigo?

- Esta é a parte 'não porra', Santha. - Ele se inclinou para frente e substituiu a toalha com a boca. Ele chupou o mamilo e gentilmente passou a mordiscá-los com os dentes.

Ela pegou suas mãos em seu cabelo, em parte para sentir a seda dele e em parte para encontrar uma âncora.

- Eu não pego fogo assim. - Sua voz estava ofegante. - Sexo é apenas diversão fácil, não essa ... essa ... – Chama que consome.

- Bom. Gosto de saber que só eu posso fazer isso com você.- Satisfação masculina definiu sua voz.

Uma risada escapou dela. - Homem arrogante.

- Pode apostar. - Ele deu um beijo entre seus seios, em seguida, colocou a toalha ao redor dela. - Vamos, eu tenho planos para esse seu corpo bonito.

Deus. Ela não iria durar essa noite. Ele a faria derreter em uma poça de luxúria.

Ele deu seu sorriso sexy. - Comida, Santha. Eu estou indo para alimentá-la.

Seus ombros se afundaram. - Oh.

Ele agarrou suas mãos e puxou-a para a mesa perto de uma pequena quitinete. Ele agarrou seu cabelo com uma mão e deu um suave, puxão provocando. - Não se preocupe. Depois de comer, eu vou ter você de novo na minha cama, minha mesa, no chão. Talvez não nessa ordem, mas independentemente disso, você vai perder a contagem de todos os orgasmos que você vai ter.

Sua respiração ficou presa em seu peito. Yep, poça de luxúria.

Cruz acordou na escuridão. Levou apenas um segundo para perceber que ele estava sozinho na cama.

A única luz em seu quarto escuro era o brilho de seu relógio, lançando sobre o mobiliário simples nas sombras. O estreito beliche ao lado dele estava vazio e ele lembrava claramente o prazer de adormecer com Santha em seus braços. Ele virou de lado e examinou o quarto.

Viu a sombra dela no sofá.

Ele se levantou, nu, e caminhou até ela.

Ela estava sentada, envolta em um lençol, seu rosto pressionado para o joelho erguido.

- A cama fica vazia sem você, *mi reina*.

- Eu não quis acordá-lo. - Ela disse calmamente.

Ele se sentou ao lado dela. - Você está pensando no laboratório.

- O que mais? - Ela soltou uma respiração. - Toda vez que eu fecho meus olhos, é tudo o que posso pensar. Aquela menina ... - Santha sacudiu a cabeça. - Isso me deixa com tanta raiva. Eu quero matar todos os aliens bastardos que pensam que têm o direito de vir aqui e tomar algo que não é deles. E, em seguida, para piorar, eles pensam que podem fazer ... essas atrocidades com o nosso povo.

- Nós vamos tirá-los de lá.

- Nós dois sabemos que eles nunca mais serão o mesmo. - Ela deu um abano vicioso de sua cabeça. - Eu quero matar todos os *raptor* no planeta. Mas eu vou começar com a comandante.

Ele olhou para o rosto sombrio. - Não vai trazer sua irmã de volta.

- Eu sei disso, Cruz. Mas vai ajudar. - O olhar dela encontrou o seu. - Tem que ajudar.

Ele viu que ela precisava acreditar nisso. Como ele tinha que acreditar que a luta, protegendo o que restou da humanidade, ajudava a expiar o seu passado.

- Nós vamos tirá-los e vamos matar a comandante. - Ele pegou a mão dela e quando os dedos entrelaçaram com os dele, ele sentiu como se tivesse ganho um prêmio.

Eles se sentaram em silêncio por um momento, camuflados pelas sombras e escuridão dos seus pensamentos.

- Às vezes eu não sei mais quem eu sou.

O vazio em sua voz o fez doer. - Você é Santha Kade. - Ele deslizou o braço sobre os ombros dela e colocou-a perto de seu lado. - E você é minha. - Ele inclinou a cabeça para trás e a beijou.

Esse beijo não era uma batalha. Não era alimentado pelo desejo ou dor ou raiva.

Foi lento, suave, macio.

Ele se afastou e a ouviu suspirar. Então ele sentiu algo profundo na barriga, algo que não sentia há muito tempo. Seguindo seu instinto, ele se levantou e pegou seu violão surrado de onde ele encostou na parede.

Ele sentou-se, dedilhou um pouco, em seguida, fechou os olhos e tocou. A canção o fez pensar em Santha. De sexo, de força e coragem ... de amor por uma mulher. Uma mulher especial em específico. Ele sentiu algo dentro dele, algo que podia apertar e ferir, facilmente.

Quando ele terminou, ele levantou a cabeça.

Ela estava olhando para ele. - Isso foi incrível. Você toca tão bem.

Ele deu de ombros e definiu a guitarra de lado. - Eu não senti a música por meses. Você deve ser a minha musa inspiradora.- Ele se levantou e puxou-a com ele. - E você já inspirou outra coisa. - Ele beliscou em seus lábios. - Volte para a cama.

Ela foi com ele sem palavras. Ela o seguiu na cama, deixando cair o lençol a deixando nua. Ele nunca se cansava de seu corpo ou as expressões em seu rosto quando ele a tocava, ou dos pequenos sons que ela fazia quando ela vinha.

Ele rolou debaixo dele e começou a acariciá-la, lenta e constante. Fazendo amor, não rasgando as roupas um do outro, não correndo. Ele correu os lábios sobre as pálpebras, as maçãs do rosto, queixo. Ele adorou-a e mostrou a ela o quanto mais havia para viver.

Quando ele deslizou dentro dela e começou a se mover, ele sentiu seu coração batendo no ritmo dele. Ele tinha a intenção de mostrar a ela o que o amor pode ser ... e acabou levando o próprio mergulho.

- Os *Hawks* vão sair daqui com os esquadrões.- Marcus ficou no meio da Área de Operações com um mapa de projeção gigante no ar na frente dele. Ele acenou com a mão enluvada e marcou o local. - Roth, sua equipe vai pousar aqui ... - um outro movimento da mão e uma marca vermelha brilhante apareceu - ... e vêm por aqui em direção á base por trás.

Roth concordou. – Entendi.

Santha estudou o homem. Mesmo em sua postura relaxada, encostado na parede, ela reconheceu um guerreiro. Seu rosto era forte mostrava uma intensidade, e ele tinha o corpo de um lutador.

- *Hell Squad* deverá vir por aqui. - Marcus moveu as mãos no ar, traçando um caminho que conduzia pela frente da base *raptor*. - Vamos ir direto para o laboratório. - Seu olhar se moveu sobre eles, Santha incluído.

Suas mãos se fecharam em punhos. *Nós estamos indo, espere.*

Uma mulher abriu caminho para o quarto. Santha instantaneamente reconheceu a Doutora Emerson.

Ela enfiou as mãos nos quadris, enfatizando suas curvas bem embaladas. - Eu vou contigo.

Gabe ficou de pé. - Não. É muito perigoso.

A médica se endireitou. - Eu estou ciente disso, mas essas pessoas precisam de mim ...

- Você é muito valiosa.

Santha não achava que ela tinha ouvido o Gabe normalmente silencioso dizer tantas palavras de uma só vez antes.

A boca de Emerson firmou em uma linha dura. - Essas pessoas foram feridas. Movê-los sem uma avaliação médica poderia matá-los. *Isso é perigoso.*

O olhar de Marcus mudou entre os dois. - Da última vez que verifiquei, eu estava no comando desta equipe. - Ele espetou Gabe com um olhar. - Isso

significa que eu dou as ordens. - Ele virou-se para encarar a médica. - E Doutora, isso significa que eu decido quem vai em uma missão.

- Marcus ...

Ele levantou uma mão para a cortar. - Eu concordo com você.- Ele olhou para Gabe. - A doutora está vindo.

O rosto de Gabe virou duro como granito, mas ele caiu para trás em sua cadeira e cruzou os braços.

Emerson deu um passo adiante até que a projeção, lançando sombras sobre o rosto. - Eu vou ter uma equipe médica em modo de espera. Se há muitos feridos para eu lidar, podemos chamá-los. Quando for seguro, é claro.

Marcus assentiu.

Roth pigarreou. - Você não preencheu o seu local do pelotão que está vazio.

Gabe ficou imóvel como uma estátua. Santha sabia que ele deve estar pensando em seu irmão e seu coração caiu pelo o homem duro, em silêncio. Ele não parecia estar precisando de simpatia, mas perder Kareena significava que ela sabia que tipo de dor que deixava por dentro. E pelo que Cruz tinha dito a ela, Gabe e seu irmão gêmeo tinham sido chegados.

Marcus fez uma careta. - Não. Nenhum dos nossos recrutas que sobreviveram passaram no teste.

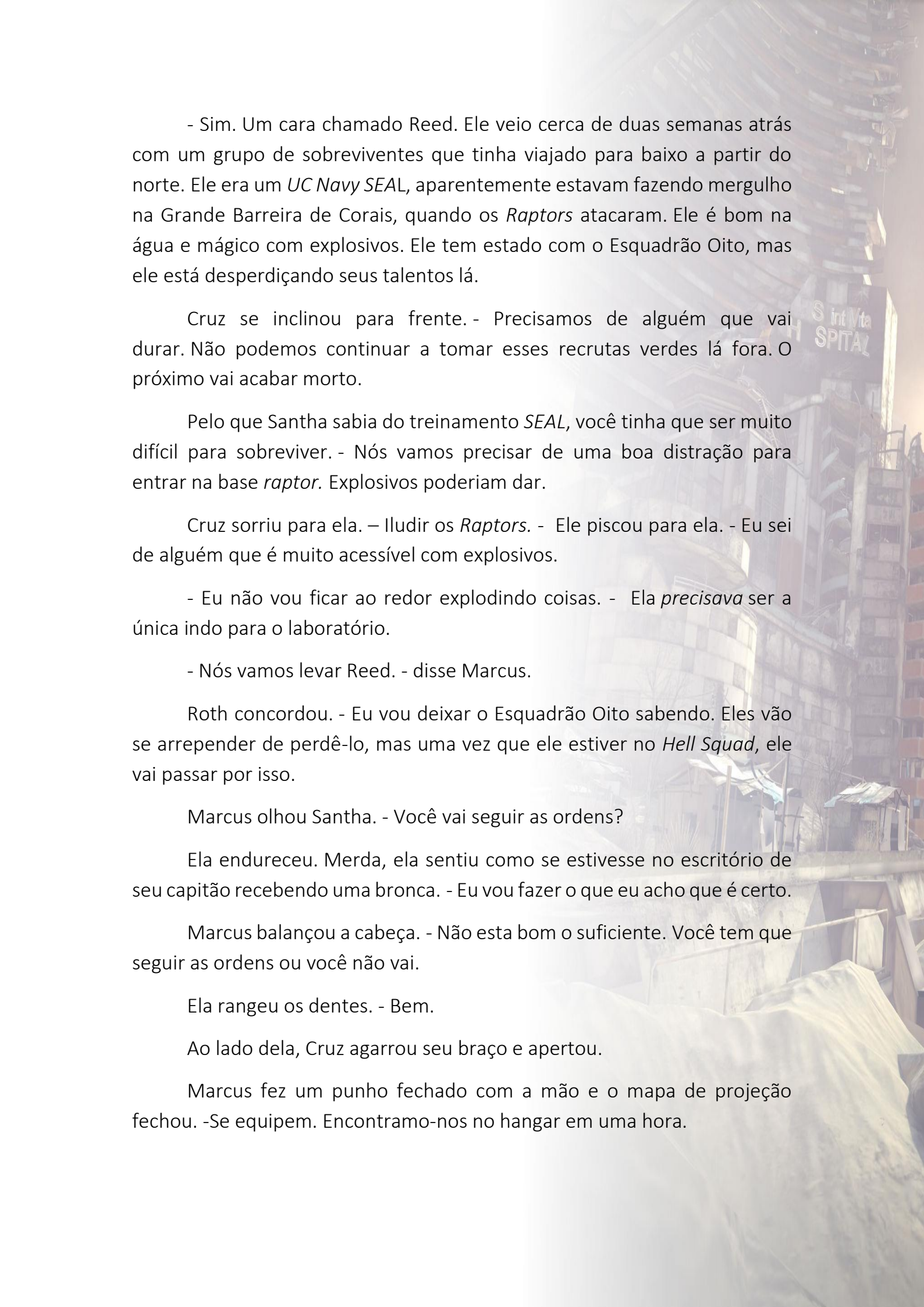
Claudia bufou na parte de trás, onde ela estava largada em uma cadeira. - Eles todos foram atingidos, ou eles fogem logo que chegamos de volta à base. - Ela sorriu. - Não é possível imaginar o porquê.

- Pode ser a sua personalidade espinhosa os assustando. - disse Shaw ao lado de Claudia.

A mulher fez uma careta para o atirador. - Foda-se, Shaw.

- Esse é o seu desejo, Frost.

- Chega. - Marcus disse, seu olhar em Roth. - Você tem alguém em mente?



- Sim. Um cara chamado Reed. Ele veio cerca de duas semanas atrás com um grupo de sobreviventes que tinha viajado para baixo a partir do norte. Ele era um *UC Navy SEAL*, aparentemente estavam fazendo mergulho na Grande Barreira de Corais, quando os *Raptors* atacaram. Ele é bom na água e mágico com explosivos. Ele tem estado com o Esquadrão Oito, mas ele está desperdiçando seus talentos lá.

Cruz se inclinou para frente. - Precisamos de alguém que vai durar. Não podemos continuar a tomar esses recrutas verdes lá fora. O próximo vai acabar morto.

Pelo que Santha sabia do treinamento *SEAL*, você tinha que ser muito difícil para sobreviver. - Nós vamos precisar de uma boa distração para entrar na base *raptor*. Explosivos poderiam dar.

Cruz sorriu para ela. — Iludir os *Raptors*. - Ele piscou para ela. - Eu sei de alguém que é muito acessível com explosivos.

- Eu não vou ficar ao redor explodindo coisas. - Ela *precisava* ser a única indo para o laboratório.

- Nós vamos levar Reed. - disse Marcus.

Roth concordou. - Eu vou deixar o Esquadrão Oito sabendo. Eles vão se arrepender de perdê-lo, mas uma vez que ele estiver no *Hell Squad*, ele vai passar por isso.

Marcus olhou Santha. - Você vai seguir as ordens?

Ela endureceu. Merda, ela sentiu como se estivesse no escritório de seu capitão recebendo uma bronca. - Eu vou fazer o que eu acho que é certo.

Marcus balançou a cabeça. - Não está bom o suficiente. Você tem que seguir as ordens ou você não vai.

Ela rangeu os dentes. - Bem.

Ao lado dela, Cruz agarrou seu braço e apertou.

Marcus fez um punho fechado com a mão e o mapa de projeção fechou. -Se equipem. Encontramo-nos no hangar em uma hora.

CAPÍTULO DOZE

Cruz sentiu a vibração familiar do *Hawk* sob seus pés. Ele agarrou uma argola cima e viu o resto do *Hell Squad* passar por seus rituais antes da missão.

Claudia verificava as suas armas, três vezes. Shaw estava limpando seu rifle sniper. Gabe sentado, quieto e silencioso, na parte de trás do helicóptero. Marcus estava perto da cabine, conversando em voz baixa com o piloto. Cruz sabia que seu líder destemido estaria correndo cenários em sua cabeça, mapeando cada passo da missão.

Doutora Emerson também estava a bordo. Ela parecia estar vestida de maneira errada com a armadura e não no seu jaleco de costume. Ela usava uma mochila preta simplificada, que continha seus suprimentos médicos. Seu rosto estava definido e parecia pronta para qualquer coisa.

Santha estava ao seu lado do helicóptero, olhando pela janela para a cidade em ruínas abaixo. Ela ficou em silêncio, mas ele sentiu o nervosismo irradiando dela.

Ela estava pronta para esta missão.

Havia também uma nova adição ao elenco.

Reed MacKinnon era alto e tinha a compilação magra de um nadador. Cruz adivinhou a partir da pele bronzeada do homem e cabelo castanho descorado pelo sol que gostava do ar livre. Até agora, ele não disse muito, mas ele parecia relaxado e concentrado de uma só vez. Um bom sinal. Ele também trouxe sua própria carabina modificada chamada de *Kaus*, com um lançador de mísseis leve anexado.

Cruz se aproximou de Santha e seguiu seu olhar para fora da janela. A cidade devastada espalhava-se tanto quanto ele podia ver. Era muito fácil de ver apenas morte e destruição. Lamentavam o que foi perdido e sabiam que nada voltaria a ser o mesmo. Muitos haviam morrido. Muito do que uma vez tinha sido a vida – normal - nunca mais voltaria.

Isso era o que ele tinha visto nos últimos meses, tudo o que ele tinha sido capaz de ver.

Mas agora havia manchas de verde vibrante abaixo, onde a vida vegetal estava florescendo. Um bando de aves subiram e mergulhou com o vento.

A vida estava lutando para sobreviver.

Seu olhar mudou-se para o rosto composto de Santha, com suas altas maçãs do rosto e lábios exuberantes. Era o que ele queria para ela. Ela poderia ter sua vingança, ver se o sangue da comandante *Raptor* poderia preencher esse escancarado buraco dentro dela, mas Cruz queria que ela vivesse.

Ele a tinha agora. A tinha saboreado. Ela estava em seu sangue.

Ela virou a cabeça e pegou seu olhar. Ela sorriu para ele.

Algo em seu peito afrouxou.

- Vamos aterrissar em três minutos. - Marcus chamou. - Todo mundo se prepare.

- Pronta? - Cruz perguntou a ela.

- Pronta.

Eles pousaram no telhado de um edifício de escritórios não muito longe da escola. Marcus abriu a porta do *Hawk*. – *Hell Squad*, vamos a isso.

Momentos depois, o *Hell Squad* estava batendo para baixo as escadas e indo na direção da base *raptor*.

Eles se mudaram para uma corrida leve. Gabe estava pronto na frente, sua arma em mãos, e Claudia estava na traseira. A equipe garantiu que Emerson estava protegida no centro. Cruz manteve metade de sua atenção sobre Reed. O homem segurou a *Kaus* com facilidade praticada e mudou-se com uma confiança fluída. Por enquanto, tudo bem.

Eles chegaram a um edifício a várias centenas de metros de onde Cruz e Santha tinha usado em sua missão de reconhecimento. A equipe moveu-se para a posição no telhado, e Marcus abaixou e levantou o binóculos.

Em seguida, ele soltou uma série de maldições.

Cruz tinha estado com Marcus tempo suficiente para saber que isso significava um grande problema. - O que é isso?

- Os *Raptors* estão se movendo para fora. Eles está carregando suprimentos para esses veículos malditos deles.

- O quê? - Santha pegou seu próprio binóculos e focou nos edifícios escolares.

Ela não disse nada, mas a tensão em sua mandíbula falou por ela.

Ela baixou o binóculos. - Temos que ir. Agora.

- Nós não sabemos se os prisioneiros ainda estão lá. - Marcus amaldiçoou. - Eles podem os ter movido já.

Merda, Cruz sabia que era uma situação ruim. Eles poderiam entrar, arriscar a equipe, e não encontrar nada. Ou eles poderiam entrar e resgatar os seres humanos, e ainda arriscar a equipe por deixar se cair diretamente em um vespeiro de atividade *raptor*.

Mas ele conhecia Marcus.

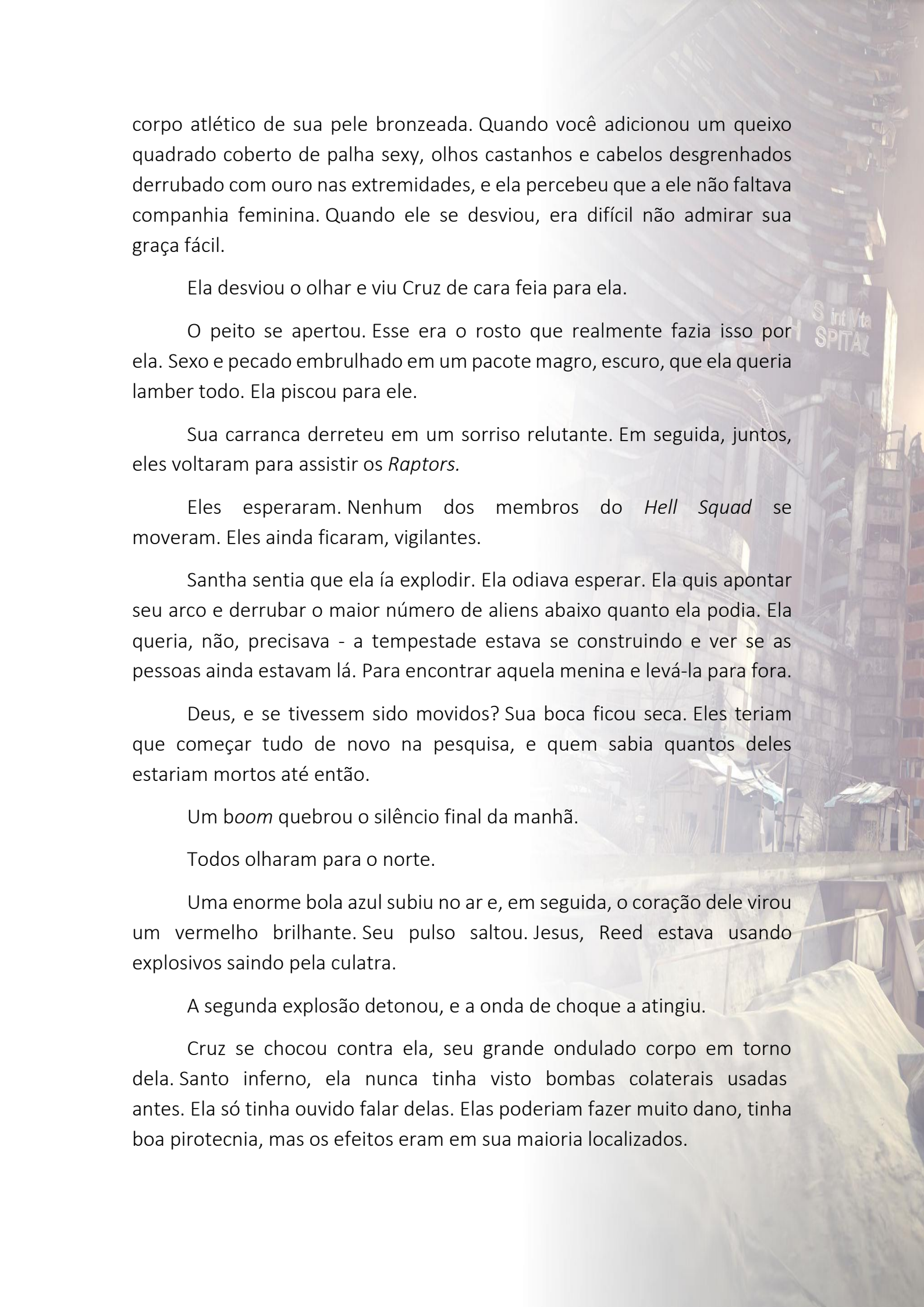
- Eles ainda estão lá. - disse Santha. - Eles têm que estar. Nós *temos* que ir.

Um músculo saltou no maxilar de Marcus. - Nós entramos.

Santha tentou manter suas mãos de se contrair em sua besta, enquanto observava os *Raptors* continuarem a carregar suprimentos.

- Reed, você está pronto? - disse Marcus. - Precisamos de uma boa diversão.

- Você vai ter uma.- O homem alto pegou o olhar de Santha e lhe deu um pequeno aceno de cabeça. Ele tinha um corpo robusto de um homem que gostava de andar no meio da natureza carimbado em cima dele, de seu



corpo atlético de sua pele bronzeada. Quando você adicionou um queixo quadrado coberto de palha sexy, olhos castanhos e cabelos desgrehados derrubado com ouro nas extremidades, e ela percebeu que a ele não faltava companhia feminina. Quando ele se desviou, era difícil não admirar sua graça fácil.

Ela desviou o olhar e viu Cruz de cara feia para ela.

O peito se apertou. Esse era o rosto que realmente fazia isso por ela. Sexo e pecado embrulhado em um pacote magro, escuro, que ela queria lambar todo. Ela piscou para ele.

Sua carranca derreteu em um sorriso relutante. Em seguida, juntos, eles voltaram para assistir os *Raptors*.

Eles esperaram. Nenhum dos membros do *Hell Squad* se moveram. Eles ainda ficaram, vigilantes.

Santha sentia que ela ia explodir. Ela odiava esperar. Ela quis apontar seu arco e derrubar o maior número de aliens abaixo quanto ela podia. Ela queria, não, precisava - a tempestade estava se construindo e ver se as pessoas ainda estavam lá. Para encontrar aquela menina e levá-la para fora.

Deus, e se tivessem sido movidos? Sua boca ficou seca. Eles teriam que começar tudo de novo na pesquisa, e quem sabia quantos deles estariam mortos até então.

Um *boom* quebrou o silêncio final da manhã.

Todos olharam para o norte.

Uma enorme bola azul subiu no ar e, em seguida, o coração dele virou um vermelho brilhante. Seu pulso saltou. Jesus, Reed estava usando explosivos saindo pela culatra.

A segunda explosão detonou, e a onda de choque a atingiu.

Cruz se chocou contra ela, seu grande ondulado corpo em torno dela. Santo inferno, ela nunca tinha visto bombas colaterais usadas antes. Ela só tinha ouvido falar delas. Elas poderiam fazer muito dano, tinha boa pirotecnia, mas os efeitos eram em sua maioria localizados.

Que era por que todos eles não tinham sido explodidos em pedaços minúsculos.

Santha mal prendeu a respiração quando outra enorme explosão sacudiu-os. Esta foi uma carga padrão. O solo sob eles vibrou, e uma nuvem de fumaça negra subiu no ar.

Os *Raptors* no quintal abaixo explodiram em um frenesi caótico. Um dos *Raptors* parecia estar gritando ordens, e de repente mais de dois terços dos aliens dirigiu-se na direção das explosões de Reed.

- O cara é *bom*. - Shaw murmurou nas proximidades.

Santha estudou os *raptors* restantes. Ainda havia um grande número deles, mas teria que dar. Ela teve chances piores antes.

Cruz tocou seu ombro e ela sentiu a queimadura da mão, mesmo através de sua armadura emprestada. Um boa sorte em silêncio.

- Emerson, você fica para trás até eu sinalizar a você. - Marcus fixou os olhos na doutora.

- Entendi.

- *Hell Squad*. - Marcus disse. - Hora de fazer o que sabemos fazer de melhor. Prontos para irem para o inferno?

- O inferno, sim! - Toda a equipe respondeu. - O diabo precisa de sua bunda chutada!

A equipe entrou em ação.

Santha ficou para trás ao lado de Shaw. Seu rifle sniper era como uma extensão dele quando ele trabalhou para derrubar tantos *Raptors* quanto podia.

A besta de Santha cantou em suas mãos quando ela enviou flecha após flecha para os *Raptors* abaixo.

O resto da equipe cobriu o quintal. Marcus e Cruz trabalharam em conjunto, não parando enquanto disparavam as suas carabinas. Claudia tinha uma espingarda térmica que explodia quando ela disparou, e Gabe estava quente em seus saltos com sua arma.

Eles atingiram a onda que se aproximava de *Raptors*.

Santha assistiu Cruz bater em um enorme *raptor*. Seu coração estava batendo em tempo duplo, mas ela manteve a calma e pegou mais dois *Raptors* tentando chegar até ele. Cruz puxou contra o alien antes de colocar a sua arma para cima. A cabeça do *raptor* explodiu e seu corpo caiu no chão.

Ela soltou a respiração que ela estava segurando.

Marcus era ... brutal. Seu rosto manchado de sangue era intenso quando ele tirou *raptor* depois de *raptor*. Gabe era simplesmente assustador. Ele mudou para duas facas de combate e ele se moveu tão rápido que as lâminas eram pouco visíveis. Ele cortou e esfaqueou tudo em seu caminho. Nenhum homem poderia se mover tão rápido.

Claudia mudou-se com uma elegância que Santha não tinha esperado a partir da mulher dura. Ela apertou uma bota para a barriga de um *raptor* e ele caiu para trás. Ela levantou a espingarda e não mostrou misericórdia.

Logo, os *Raptors* restantes estavam puxando para trás a sua linha de veículos e em um prédio do outro lado da escola para se reagrupar.

- Vamos passar. - A voz rouca de Marcus veio através do fone de ouvido de Santha claramente.

Em uníssono, ela e Shaw deslizaram sobre a borda do telhado para o chão abaixo. Shaw ajudou Emerson para baixo. Eles correram pela rua em frente da escola coberta de corpos, juntando-se aos outros.

Santha subiu perto de Cruz e correu um olho avaliativo sobre ele. Ele apertou um dedo com luva para sua bochecha, em seguida, apontou para o edifício. Como um grupo, a equipe subiu os degraus e para dentro do prédio.

Dentro, demorou um segundo para a visão se ajustar a partir do pleno sol para a luz fraca. Santha pendurou a besta em suas costas e tirou suas pistolas á laser.

Marcus ergueu um punho e, como um, o grupo parou em suas trilhas. Esperou. Ouvindo.

Tudo estava silencioso.

Santha engoliu. Não havia gemidos ou gritos. Nada.

Eles se moviam rapidamente, passando pelos quartos.

- Muito fodidamente tranquilo. - disse Cruz.

- Geralmente significa que uma onda de merda está chegando. - Shaw murmurou. - Assim como nós gostamos.

Mudaram-se pelo longo corredor, principal.

Um barulho. Um som coçando.

Eles pararam.

- Que diabos é isso? - O rosto de Claudia foi pressionado a seu alcance quando ela virou a carabina ao redor.

- Tenho certeza de que estamos prestes a descobrir. - Marcus rosnou.

À frente, fora da escuridão, veio um grunhido.

E o som de garras em madeira.

No segundo seguinte, o salão estava cheio de canídeos. Alguns estavam correndo na direção deles, outros estavam se esgueirando ao longo do teto, seus olhares vermelhos treinados no *Hell Squad*.

- Aqui cachorrinho, cachorrinho. - Shaw disse suavemente, alinhando seu rifle.

Ele derrubou três canídeos em rápida sucessão. Santha jogou uma granada preenchida com seu spray anti-canídeo. Quando explodiu, pulverizou os alienígenas com uma névoa fina da mistura de óleo de cedro. Quando os animais de chumbo começaram uivando de dor, ela balançou suas pistolas-se e atirou neles.

Mas, mais correu e saltou para a equipe.

Marcus e Cruz trabalharam ombro a ombro, cortando os alienígenas tipo cão com fogo laser. Atrás deles, Claudia e Gabe tinha mudado para facas. Eles fatiavam e cortavam.

Quando Santha continuou atirando, ela entendeu como a equipe tinha conseguido seu nome. Em breve, todos ficaram em um salão manchado de sangue, rodeado por corpos de dezenas de canídeos.

- Eu odeio essas coisas. - Gabe deu a um animal um pontapé antes de limpar a faca em sua pele.

- Vamos lá. - disse Marcus. - Vamos para o laboratório e, em seguida, sair daqui.

Levou mais alguns minutos e chegaram à porta que dava para o laboratório. Santha engoliu o grande nó na garganta. Não havia nenhum barulho de trás da porta.

Cruz abriu.

Na primeira, Santha pensou que o laboratório estava vazio.

Mas então viu as formas dos corpos deitados calmos e quietos em suas camas. *Não não!*

Ela correu para dentro.

- Santha! - Cruz estava bem atrás dela, verificando o espaço para ameaças. O restante da equipe correu atrás deles.

Ela alcançou a primeira cama. Um homem na casa dos trinta anos ali, com os olhos fechados. Mas seu peito estava se movendo. Seus ombros caíram. Ele estava vivo.

Então ela viu o tubo que saía de seu braço para algum tipo de saco em um carrinho ao lado dele. Estava cheio de uma lama amarela que estava trabalhando lentamente seu caminho dentro dele.

- Doutora? - Disse Marcus.

Emerson avançou e verificou os sinais vitais do homem. - Ele está vivo. Mal. - Ela levantou o scanner médico, em seguida, xingou em voz baixa. - Veneno. - Ela arrancou o tubo. - Eles estão sendo sacrificados. Vá, pegue os tubos para fora!

A equipe mudou rápido, cada um puxando os tubos dos pacientes.

Santha moveu ao lado de um menino em sua adolescência. Ela puxou o tubo de seu braço ... e o fim de tudo mudou. Ela engasgou. Era parte orgânica e o final tinha uma boca como um sanguessuga, que enrugava como se estivesse procurando algo para sugar. Ela caiu no chão e bateu nele.

O menino estava assustadoramente pálido. Seus olhos estavam abertos, e ele olhava fixamente para o teto.

Seu coração pesado, ela correu junto, puxando para fora mais tubos.

A última cama tinha um corpo que era menor do que o resto. O coração de Santha bateu em seu peito. - Ah não.

Era a menina que tinha visto antes. Seus olhos estavam fechados e ela estava tão, tão imóvel. Santha puxou o tubo para fora do seu braço e apertou a mão ao rosto da menina.

Frio. Muito frio.

- Doutora? Doutora, você pode me ajudar!

Emerson correu, e quando ela verificou pelos os sinais vitais, a menina se moveu, seus olhos abrindo. Eles estavam cobertos de uma película branca leitosa.

- Ela está viva. Não tenho a menor ideia do dano que fizeram com seu cérebro, mas agora ela está em choque profundo. - Emerson colocou uma confortável touca plástica sobre a cabeça da menina. - Isso vai cobrir suas feridas até que eu possa tratá-la de volta na base.

- Vou levá-la. - Cruz apareceu e levantou a menina em seus braços. As entranhas de Santha aqueceram com a visão do grande, soldado musculoso delicadamente embalando a pequena menina, jovem.

Santha virou e viu o resto do esquadrão abrindo macas de íon que tinham trazido. Cada pequena caixa se abria para produzir uma rede com lona entre as extremidades. Usaram um elétrodo para produzir o impulso que manteve uma maca balançando no ar, sem a necessidade de um motor. Eram leves e fácil de manobrar com o mais leve empurrão.

- Oito pacientes mortos e dez ainda vivos. - Emerson disse, com o rosto sombrio.

Marcus assentiu e tocou seu fone de ouvido. - Encontramos os sobreviventes. Vamos sair agora?

- Entendido, Marcus. Você achou os cientistas?

Marcus olhou para a doutora Emerson. Ela estava verificando os pacientes finais que ainda estavam vivos.

- Nenhum sinal de Dr. Lonsdale. É provável que ele está morto.

Marcus amaldiçoou. - E a outra? Dra. Vasin?

- Sou eu. - disse uma voz calma, instável. Santha podia ouvir a luz de um sotaque russo.

Santha se virou e viu uma mulher tão dolorosamente magra que as maçãs do rosto e clavículas estavam fortemente pressionadas contra sua pele. Seu cabelo escuro tinha sido arrancado. Quando Marcus ajudou-a na maca, Santha observou as roupas surradas e uma atadura encharcada de sangue cobrindo o peito.

Doutora Emerson empurrou a mulher para baixo. - Só descanse. É Natalya, certo? Nós vamos tirar você daqui.

- Randall está morto?

- Não temos certeza. Mas ele não está aqui.

A mulher suspirou. - Ele não estava indo bem. Ele continuou segurando, esperando que sua esposa ainda estivesse viva. Mas os ... aliens removeram alguns dos seus órgãos ... - A mulher estremeceu.

- Basta ter calma agora. - disse Santha, tentando um tom suave.

A mulher estendeu a mão e agarrou o braço de Santha, apertando com uma força surpreendente. - Há outros.

Santha franziu a testa, uma sensação horrível crescendo dentro dela. - Outros?

- Outras cobaias humanas. - disse Dra. Vasin. - Eles estavam aqui, mas os alienígenas os moveram em outro lugar. Talvez Randall estava com eles. Algumas dessas pessoas aqui também falaram de outro laboratório. Um maior.

CAPÍTULO TREZE

Foda-se. Cruz não podia acreditar no que estava ouvindo. – Onde?

A cientista caiu para trás em sua maca, fraca de exaustão. - Eu não sei.

A menina agitou-se nos braços de Cruz. - Ponte quebrada. - Seu nariz amassado. - Cara assustadora.

Ela tinha falado! Cruz podia sentir a surpresa ao ouvir a voz da menina mas foi interrompido quando a voz de Elle soou em seu ouvido.

- Marcus, você tem *Raptors* vindo. Reed levou-os em uma perseguição alegre, mas eles só deixaram o local da explosão e estão voltando. Parece que eles foram unidos por outra equipe *raptor*.

- Ok, Elle. - Marcus segurou duas macas e começou a se mover em direção à porta. - Temos de ir. Agora.

Eles correram pelos corredores. Santha empurrou a maca de um homem à frente e arrastou atrás a da Dra. Vasin. Cruz segurava a menina nos braços.

Eles alcançaram a porta e saíram para o sol do meio-dia feroz.

Houve uma lufada de ar e um navio apareceu acima deles como um pássaro gigante de rapina.

Merda. - *Ptero!* - Cruz gritou.

Ele apertou seu aperto na pequena menina e viu quando o navio *raptor* girou no ar acima deles. No chão, *Raptors* derramavam no quintal.

Demasiados. Seu intestino virou rocha. Eram muitos.

De repente, algo voou para fora do telhado do prédio vizinho e bateu no *Ptero*. Uma explosão engolfou a nave alienígena e desviou bruscamente para a esquerda, voando antes de bater no prédio atrás deles com uma onda de rocha e metal.

À frente, Cruz viu Reed saltar fora do telhado de onde ele disparou o míssil, com a *Kaus* em cima do ombro.

Raptors estavam correndo em direção a eles, disparando suas armas.

Cruz empurrou a menina para Santha. - Puxe os pacientes de volta para trás. Se proteja. - Ele correu com seus companheiros de equipe para enfrentar o inimigo.

Ele não teve tempo para assistir se Santha tinha seguido ordens, mas ele sabia que ela faria qualquer coisa para manter as pessoas seguras. Ele arrancou a carabina de seu ombro e começou a disparar.

Não demorou muito para o *Hell Squad* ter eliminado os *Raptors*. Os alienígenas restantes abaixaram para se proteger ou correram.

Marcus acenou para a equipe se proteger atrás de uma Van capotada. - Precisamos de uma rota de fuga, Elle.

- Trabalhando nisso. Não podemos arriscar um pouso de *Hawk* na escola, então você precisa obter alguma distância entre você e os *Raptors*. Indo todos para oeste.

Cruz virou e olhou para o portão na vedação através de um pequeno campo de jogo. - Nós podemos fazer isso.

Marcus e Cruz correram até Santha. A menina estava em pé ao lado dela e Santha estava xingando. Um esticador tinha sido danificado pelo tiros e a Dra. Vasin tinha sido derrubada sobre o solo.

Santha raspou a mão sobre a cabeça. - Eu não posso corrigi-lo.

- Não se preocupe. - Um Reed todo musculoso pegou a cientista. - Vou levá-la.

- Tudo bem, *Hell Squad*. Agarrem em uma maca ou um paciente e vamos sair daqui. - Marcus assumiu a liderança, arrastando duas macas atrás dele.

Cruz agarrou a menina novamente e ela se agarrou a ele como cola. Eles estavam se movendo rapidamente, mas por trás deles, Cruz ouviu canídeos uivantes. Mais *raptores* estavam chegando.

Eles haviam deixado a escola e estavam se movendo pela rua quando à frente, uma equipe de *Raptors* saiu e bloqueou sua rota.

- Foda-se. - Cruz murmurou.

- Essa é uma palavra muito impertinente. - disse a menina.

Cruz piscou. Havia claramente nada de errado com sua audição. Ele limpou a garganta e focou na ameaça. - Opções?

A mandíbula de Marcus estava apertada. - Estamos fora com elas.

De repente, cinco *Darkswifts* voaram em sobrecarga, cada asa uma linha fina, uma sombra escura contra o céu.

Os lasers montados na frente dos planadores abriram fogo contra os *raptors* abaixo, cortando-os para baixo.

- Woo-hoo! - Shaw socou uma mão no ar.

- Pensei que vocês pudessem precisar de um pouco de ajuda. - A voz de Roth falou lentamente através do fone de ouvido.

Esquadrão Nove tinha chegado.

- Vamos, *Hell Squad*, vamos sair daqui. - Marcus acenou-os para frente.

Todos eles começaram a se mover novamente quando a forma distintiva de um *velox* saltou para fora de um edifício em frente.

- Merda. - Cruz murmurou.

- Isso é impertinente, também. - a menina murmurou.

- Você tem que se manter em movimento. - Santha cutucou a maca em direção a Cruz. - Toma-os e chegue ao *Hawk*. Eu vou segurar essa coisa.

- Não. - Droga, ela não podia fazer isso. Ele não iria ficar parado e vê-la morrer.

- Eu vou ajudar. - Claudia cutucou a maca em direção a Reed e parou, ombro a ombro com Santha. Ela olhou para a equipe. - Vá!

Santha olhou para Cruz. - Não se preocupe, soldado. - Ela deu um rápido beijo em seus lábios. - Você me deu uma razão muito boa para ficar por perto.

Ele saboreou o breve indício de seu gosto, então apertou os braços ao redor da menina. Droga, ele queria ficar e ajudar a combater. Mas ele tinha que levar estas pessoas para a segurança. Santha não o perdoaria se ele não o fizesse.

Mas ele não podia se mover. Parecia que nenhum da equipe podia. Como se eles estivessem hipnotizados, Cruz e o resto do *Hell Squad* assistiu ao avanço das duas mulheres. Ambas eram fortes, e enquanto Santha era mais alta e mais magra do que Claudia, ela era tudo solidez muscular e uma atitude ruim, ela não era menos mortal.

Ambas estavam segurando duas armas. As ondas de choque de Santha fez um som distintivo quando elas dispararam. Claudia era uma profissional em utilizar sua carabina e sua pistola à laser em conjunto.

Os lasers rasgaram a criatura, mas mal pareceu afetá-lo. Seus poderosos músculos agrupados, em seguida, ele soltou um grito agudo e correu para as mulheres.

Rápido como um raio, Santha e Claudia deixaram cair as suas armas e sacaram suas facas de combate.

O *velox* continuou chegando. Seus olhos vermelhos brilhavam com chamas com fome e raiva.

O estômago de Cruz ficou apertado, mas quando a criatura avançou, as mulheres se moviam juntas em uma dança letal.

- Puta merda. - disse Shaw junto a Cruz, os olhos arregalados. - Fodida poesia em movimento.

Elas eram. As mulheres trabalhavam juntas, usando uma a outra para distrair e atacar. Uma chamava o animal, enquanto a outra iria deslizar para cortar e esfaquear o baixo-ventre macio da criatura.

Sangue vertia para baixo dos lados do *velox* e Santha e Claudia nunca paravam de se mover.

- Temos que ir. - Disse Marcus, trazendo Cruz de volta à realidade.

Ele quis amaldiçoar, mas ele pensou que teria outra reprimenda da menina. Com um último olhar para a sua mulher, ele seguiu o resto de sua equipe.

Ele entrou na linha. - Em mais algumas centenas de metros, você verá uma área pavimentada com uma fonte. O *Hawk* pousará aí.

Eles empurraram para o *Hawk* a cada passo do caminho, Cruz pensou em Santha. Ela estava bem? Se eles a tivessem matado? Se tivesse conseguido bater nela?

Ela sobreviveu muito tempo sozinha, fazendo coisas muito perigosas. Ele sabia que ela estaria bem e ela chutaria a bunda dele por se preocupar tanto.

Não tornava isso mais fácil.

Eles viraram uma esquina e viu o *Hawk*. Quando se aproximaram, a porta lateral se abriu e Finn apareceu, acenando.

Eles carregaram os pacientes. Aqueles que estavam bem o suficiente para se sentar foram amarrados em assentos. Emerson se moveu entre as macas, trancando-os no lugar e verificando os ocupantes. A menina estava olhando de olhos vidrados e letárgica. Cruz estava começando a se preocupar por algo poder estar errado com ela. Ele tentou a colocar em um dos assentos no *Hawk*.

- Não. - Ela se agarrou a ele, com o rosto cheio de terror.

- Você está segura agora. Sente-se aqui e vamos decolar em breve.

Ela apertou os braços finos e pernas em torno dele e balançou a cabeça.

Cruz olhou para cima e viu que Reed estava tendo problemas semelhantes com a Dra. Vasin. A mulher estava agarrada a ele como se a sua sobrevivência dependia disso.

Merda. Cruz não queria que a menina entra-se em pânico ou ele podia machucá-la, então ele cedeu com um suspiro. Ele colocou a cabeça em seu ombro. - Tudo bem. Apenas espere, ok?

Outro aceno. Que fez algo brilhar quente em seu peito.

Em frente a ele, Reed estava sentado, segurando Dra. Vasin a ele.

Cruz moveu um pouco para que ele pudesse olhar para o relógio. Santha e Claudia ainda não estavam de volta.

Marcus estava no lado do *Hawk*, um braço agarrando a estrutura da porta acima da cabeça. Ele estava carrancudo.

Cruz sabia que não podiam correr o risco de estar aqui por muito tempo. Os *Raptors* iriam enviar reforços.

Onde diabos estavam Santha e Claudia?

- Nós precisamos ir, Marcus. - Finn chamou para fora do cockpit.

- Um minuto mais. - Marcus vociferou de volta. - Nós não deixamos ninguém para trás.

Cruz sabia que Marcus não deixaria as mulheres. Inferno, Cruz tinha visto ele desobedecer ordens diretas para se certificar de que eles nunca deixavam um homem para trás, mas, Cruz olhou para a menina, não podiam arriscar a vida dessas pessoas inocentes.

- Elas vão estar aqui. - disse Shaw por trás de Cruz.

Mas o atirador tinha um olhar preocupado no rosto.

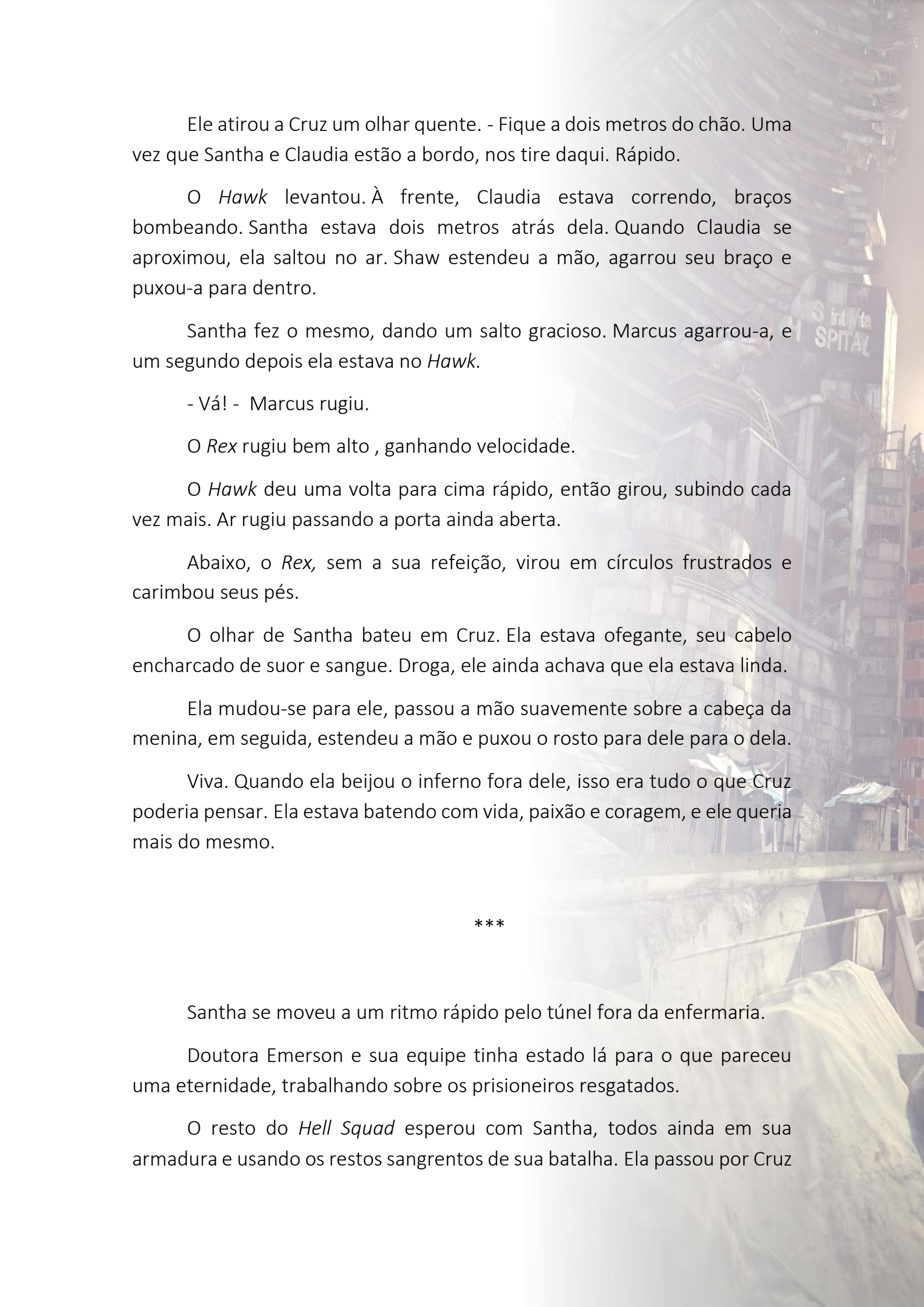
Só então, Santha e Claudia correram para fora de todo o edifício. O coração de Cruz bateu contra as costelas. Ambas estavam salpicadas de sangue, mas elas estavam vivas.

Então ele viu o que estava perseguindo-as.

O *Rex* era mais alto do que os edifícios à sua volta. Ele pisou para a rua em seus enormes pés com garras. Em seguida, ele arqueou o pescoço, deu um rugido ensurdecedor e mostrou os dentes afiados, que deixou seus braços arrepiados.

- Finn, decole. - Marcus gritou.

O que? Santha e Claudia ainda estavam a metros de distância. - Marcus ...



Ele atirou a Cruz um olhar quente. - Fique a dois metros do chão. Uma vez que Santha e Claudia estão a bordo, nos tire daqui. Rápido.

O *Hawk* levantou. À frente, Claudia estava correndo, braços bombeando. Santha estava dois metros atrás dela. Quando Claudia se aproximou, ela saltou no ar. Shaw estendeu a mão, agarrou seu braço e puxou-a para dentro.

Santha fez o mesmo, dando um salto gracioso. Marcus agarrou-a, e um segundo depois ela estava no *Hawk*.

- Vá! - Marcus rugiu.

O *Rex* rugiu bem alto, ganhando velocidade.

O *Hawk* deu uma volta para cima rápido, então girou, subindo cada vez mais. Ar rugiu passando a porta ainda aberta.

Abaixo, o *Rex*, sem a sua refeição, virou em círculos frustrados e carimbou seus pés.

O olhar de Santha bateu em Cruz. Ela estava ofegante, seu cabelo encharcado de suor e sangue. Droga, ele ainda achava que ela estava linda.

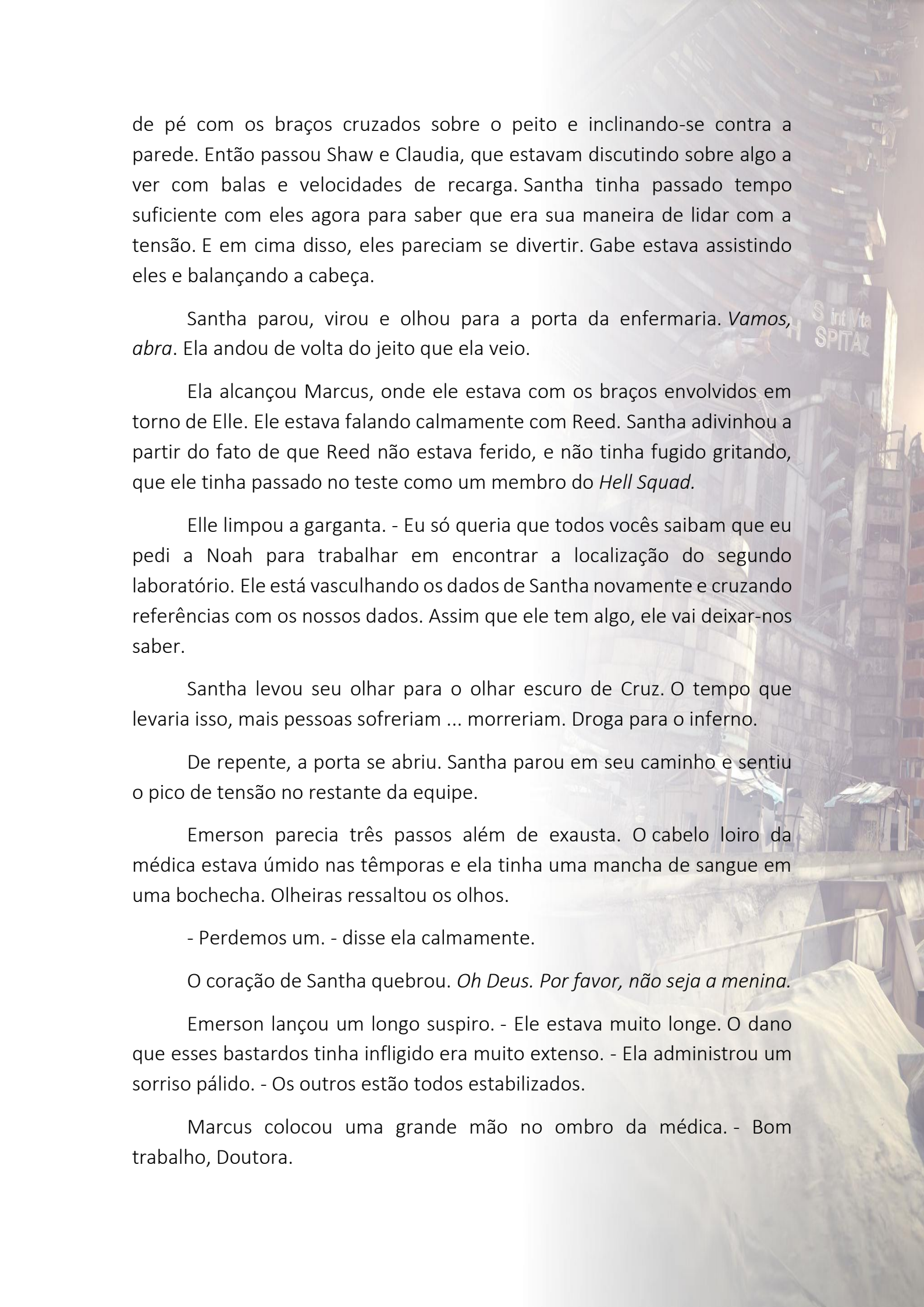
Ela mudou-se para ele, passou a mão suavemente sobre a cabeça da menina, em seguida, estendeu a mão e puxou o rosto para dele para o dela.

Viva. Quando ela beijou o inferno fora dele, isso era tudo o que Cruz poderia pensar. Ela estava batendo com vida, paixão e coragem, e ele queria mais do mesmo.

Santha se moveu a um ritmo rápido pelo túnel fora da enfermaria.

Doutora Emerson e sua equipe tinha estado lá para o que pareceu uma eternidade, trabalhando sobre os prisioneiros resgatados.

O resto do *Hell Squad* esperou com Santha, todos ainda em sua armadura e usando os restos sangrentos de sua batalha. Ela passou por Cruz



de pé com os braços cruzados sobre o peito e inclinando-se contra a parede. Então passou Shaw e Claudia, que estavam discutindo sobre algo a ver com balas e velocidades de recarga. Santha tinha passado tempo suficiente com eles agora para saber que era sua maneira de lidar com a tensão. E em cima disso, eles pareciam se divertir. Gabe estava assistindo eles e balançando a cabeça.

Santha parou, virou e olhou para a porta da enfermaria. *Vamos, abra.* Ela andou de volta do jeito que ela veio.

Ela alcançou Marcus, onde ele estava com os braços envolvidos em torno de Elle. Ele estava falando calmamente com Reed. Santha adivinhou a partir do fato de que Reed não estava ferido, e não tinha fugido gritando, que ele tinha passado no teste como um membro do *Hell Squad*.

Ele limpou a garganta. - Eu só queria que todos vocês saibam que eu pedi a Noah para trabalhar em encontrar a localização do segundo laboratório. Ele está vasculhando os dados de Santha novamente e cruzando referências com os nossos dados. Assim que ele tem algo, ele vai deixar-nos saber.

Santha levou seu olhar para o olhar escuro de Cruz. O tempo que levaria isso, mais pessoas sofreriam ... morreriam. Droga para o inferno.

De repente, a porta se abriu. Santha parou em seu caminho e sentiu o pico de tensão no restante da equipe.

Emerson parecia três passos além de exausta. O cabelo loiro da médica estava úmido nas têmporas e ela tinha uma mancha de sangue em uma bochecha. Olheiras ressaltou os olhos.

- Perdemos um. - disse ela calmamente.

O coração de Santha quebrou. *Oh Deus. Por favor, não seja a menina.*

Emerson lançou um longo suspiro. - Ele estava muito longe. O dano que esses bastardos tinha infligido era muito extenso. - Ela administrou um sorriso pálido. - Os outros estão todos estabilizados.

Marcus colocou uma grande mão no ombro da médica. - Bom trabalho, Doutora.

- Podemos vê-los? - Perguntou Reed.

- Sim. Mas mantenha as visitas rápidas. Muitos deles estão sedados.

Santha deu um passo à frente, ela sentiu o escovar do braço de Cruz quando ele se juntou a ela. - A menina?

O sorriso da médica se arregalou. – O nome dela é Bryony. Ela está comendo sorvete.

Santha riu. - Mesmo?

- Sim. Eu removi a fiação que os raptos deixaram nela, mas eu ainda preciso fazer mais exames para avaliar os danos.- A boca da Doutora Emerson apertou. - Por enquanto, ela parece bem. - O olhar da médica mudou-se para Cruz. - Ela gostaria de ver vocês dois.

Santha e Cruz embaralharam na enfermaria. A maioria dos pacientes estavam enfiados na linha de beliches, sedados e dormindo. Dra. Vasin se sentou em sua cama, os joelhos contra o peito e os braços finos envolvidos em torno delas.

Bryony, vestida com um vestido de enfermaria fresca, estava sentada num banco em uma mesa próxima, comendo sorvete tão rápido quanto podia, Santha estava preocupada que ela ia ficar com o cérebro congelado. A menina olhou para cima, viu-os, em seguida, deu-lhes um sorriso tímido.

- Como está se sentindo? - Perguntou Santha, querendo tocá-la, mas não querendo assustá-la.

- O sorvete é gostoso. - Ela colocou a colher para baixo e passou a mão auto-consciente sobre seu cabelo desigual.

Santha fez uma nota mental para ver sobre encontrar alguém que pudesse cortar por ela. Emerson tinha coberto os ferimentos na cabeça da menina com pequenas fitas medicas. Santha realmente esperava que os nano-medicamentos pudessem reparar o dano.

Cruz mexeu no nariz da menina. - Que bom que você está ficando melhor. Eu acho que você vai gostar daqui.

Bryony assentiu. - Há muitos sabores de sorvete. A médica disse que eu tenho que ficar aqui por enquanto. Até que ela me ponha boa. - A menina

inclinou a cabeça. - Você vai ficar comigo? - Seu olhar era tudo para Cruz neste momento.

Santha sufocou um sorriso. Ela mal podia culpar a menina por idolatrar o herói que era o homem grande, forte, que a salvou.

- Temos que ir. - Cruz colocou o queixo da menina para cima. - Eu tenho mais pessoas para ajudar.

Ela pensou por um segundo. - OK.

- Mas eu tenho alguns amigos, seus nomes são Leo e Claire. Eu pensei que eles poderiam visitá-la.

- Eles são velhos?

Os lábios de Cruz se curvaram. - Não como eu. Eles são apenas um pouco mais velhos do que você. - Ele torceu o nariz novamente. - Santha e eu vamos vir vê-la assim que voltarmos.

Os olhos verdes de Bryony nublaram. - Você está indo atrás deles? As outras pessoas que estão presas?

Santha assentiu. - Nós vamos. Mas primeiro temos de encontrá-los.

- Bom. - Bryony colocou os braços ao redor de seu meio. - É horrível como ... eles. - A última palavra saiu como um sussurro torturado.

Cruz tocou seu rosto. - Não sabemos onde o laboratório está, mas vamos trabalhar sem parar até encontrá-lo. - Era uma promessa que Cruz prometeu manter.

- Lembre-se, sob a ponte quebrada. - Bryony estremeceu. - Eu odiava aquele rosto assustador.

Desta vez, Santha tocou a menina, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. - Você não tem que se preocupar com nada assustador agora. Vamos vê-la quando voltarmos.

Juntos, Santha e Cruz saíram da enfermaria. Na saída, Santha viu Reed sentado ao lado da Dra. Vasin, murmurando baixinho para ela.

- Muitas pontes quebradas em uma cidade construída sobre um porto. - disse Cruz.

- Sim, mas nos dá um lugar para começar.
- Vamos tomar um banho rápido e depois dar a Elle e Noah uma ajuda.

Santha acenou para a sugestão de Cruz. Pelo menos eles estariam fazendo *algo*.



CAPÍTULO QUATORZE

Santha desceu pelo túnel em direção aos aposentos de Cruz. Ela estava frustrada, cansada e nervosa ao mesmo tempo.

Ela pairava sobre Noah e os ombros de Elle até Noah ameaçar tirar ela fisicamente fora de seu laboratório de informática se ela não os deixassem. Santha cheirou. Maldição, o homem era mal humorado. Ela só estava tentando ajudar a encontrar a localização do laboratório droga.

Cruz tinha desaparecido há uma hora. Santha se perguntou se ela poderia convencê-lo a outro jogo.

Ela alcançou a porta e apertou-lhe a palma da mão para o bloqueio. Ele disse a ela que ele pediu a Noah para programar a sua entrada. Ele apitou e a porta se abriu.

O cheiro que a atingiu fez o estômago apertar e deu água na boca. Ela cheirava especiarias que a fez pensar da família e melhores tempos. Açafrão, coentro e cominho.

Ela entrou. - O que está acontecendo?

Cruz olhou para cima de onde ele estava no minúsculo fogão na cozinha. Ele segurava uma colher grande em uma mão. - Eu fiz o jantar para nós.

Uma emoção não identificável se levantou e apertou em torno de sua garganta. Este homem, um soldado aguerrido, tinha feito sua refeição favorita. Uma que ela não tinha provado em mais de um ano. Ela apenas olhou para ele.

Ele trocou conscientemente sob seu escrutínio e acenou a colher. - Venha e experimente. Eu tive de pedir ao chef as especiarias. Eu não tinha certeza da quantidade exata então eu tive que improvisar um pouco. E eu consegui obter algum frango real.- Ele fez uma careta. - Eu não vou dizer o que eu tive que prometer ao velho Hamish em troca.

- Velho Hamish?

- Ele corre o jardim hidropônico e também mantém algumas galinhas. Protege-as como se elas pusessem ovos de ouro. Enfim, eu não queria estragar isso usando substituto de proteína.

Santha engoliu o nó na garganta e moveu-se ao lado dele. Na panela, pedaços suculentos de frango cozido no molho com uma variedade de legumes. - Cheira maravilhosamente.

- Como estão indo Noah e Elle?

Santha franziu o nariz. - Nada ainda. Eles estão correndo pesquisas e cruzando referências da informação ... mas eles disseram que vai levar tempo. – Tempo que nenhuma daquelas pessoas tinha.

Cruz agarrou seu ombro, apertou. - Nós vamos encontrá-lo. - Ele se afastou para agitar a panela. - Eu verifiquei Bryony. Ela estava dormindo.

Provavelmente o primeiro sono verdadeiro que ela teve em muito tempo. Santha tentou se concentrar na menina e os outros que tinham conseguido resgatar.

O auto-forno apitou. Cruz pegou um pano de cozinha e abriu-o. Ele puxou uma pequena bandeja de chapattis.

Agora ela estava realmente sem palavras.

Ele fez uma careta. - Eu não posso reivindicar o crédito para estes. O Chef fez depois que eu implorei lamentavelmente ... não poderia mesmo ter sido um pouco de mendicância.

- Cruz ...

Ele sorriu e cutucou para a mesa de dois lugares. – Sente.

Ela o fez, e assistiu ele servir a refeição. Ela tentou o curry com uma mistura inegável de trepidação e emoção, e, enquanto ele não poderia ter exatamente o mesmo gosto do de Kareena estava bom. O melhor curry que ela teve em muito tempo.

Santha estendeu a mão e agarrou sua mão. - Obrigado.

Cruz olhou para cima de sua refeição. - Você não tem de que. - Ele quebrou um pedaço de chapatti. - Você sabe, eu espero que você me faça tâmales em algum momento.

Ela balançou a cabeça enquanto ela tomou outro gole de curry. - Eu provavelmente vou matá-lo. Cozinhar não é a minha melhor habilidade.

Seus olhos aqueceram. - Bem, felizmente, você tem muitas outras habilidades para compensar isso.

Eles terminaram a refeição e Santha não conseguia se lembrar da última vez que se sentiu tão relaxada.

Então lembrou-se do laboratório e tensão se arrastou de volta como um ladrão de noite.

Cruz deve ter notado, porque ele se levantou e acenou com a cabeça em direção à pequena área de estar. - Vamos enrolar-nos no sofá.

Santha o viu caminhar para o espaço de lazer. Suas calças jeans abraçou o seu traseiro lindamente, e sua camiseta estava esticada sobre seus músculos. Ela sentiu um pingo de calor dentro dela. Ela não achava que ela poderia se cansar dele.

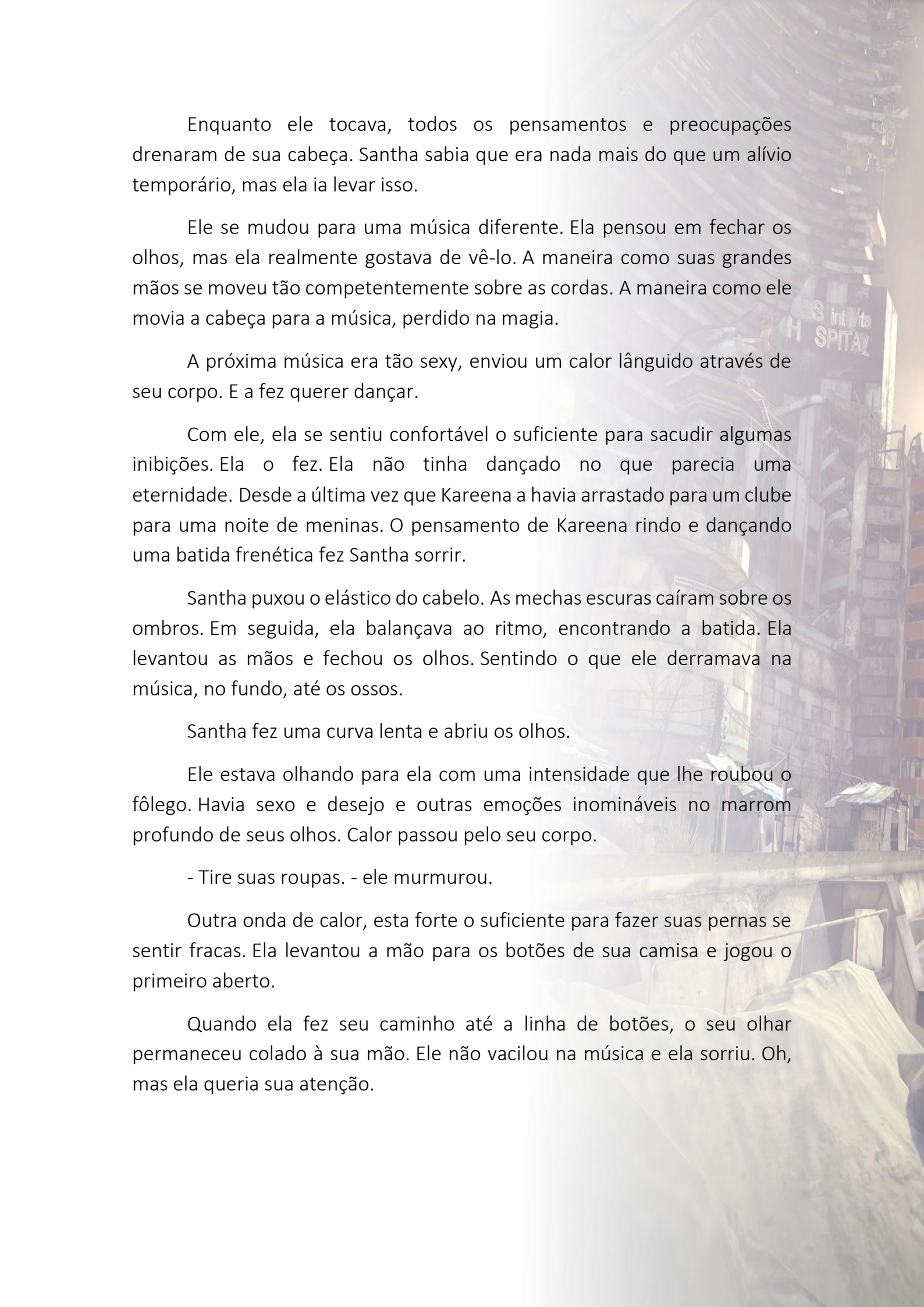
Quando ele pegou o violão a partir do canto, ela sorriu. - Você vai fazer uma serenata para mim?

Ele se estabeleceu na mesa de café na frente dela e posicionou o instrumento em seu colo. - Algo assim. - Seu olhar traçou sobre o rosto. - Minha musa parece estar de volta com uma vingança.

O pulso de Santha saltou.

Seu olhar quente espetou nela. - Eu sinto a música novamente. - Ele começou a dedilhar.

Santha sentiu a música lavar sobre ela. Ela assistiu, em transe, como ele se debruçou sobre o instrumento e fez música que causou arrepios em sua pele. Sua herança Latina estava evidente no som, evocando imagens de mulheres em saias coloridas, ou amantes sensuais em movimento uns contra os outros.



Enquanto ele tocava, todos os pensamentos e preocupações drenaram de sua cabeça. Santha sabia que era nada mais do que um alívio temporário, mas ela ia levar isso.

Ele se mudou para uma música diferente. Ela pensou em fechar os olhos, mas ela realmente gostava de vê-lo. A maneira como suas grandes mãos se moveu tão competentemente sobre as cordas. A maneira como ele movia a cabeça para a música, perdido na magia.

A próxima música era tão sexy, enviou um calor lânguido através de seu corpo. E a fez querer dançar.

Com ele, ela se sentiu confortável o suficiente para sacudir algumas inibições. Ela o fez. Ela não tinha dançado no que parecia uma eternidade. Desde a última vez que Kareena a havia arrastado para um clube para uma noite de meninas. O pensamento de Kareena rindo e dançando uma batida frenética fez Santha sorrir.

Santha puxou o elástico do cabelo. As mechas escuras caíram sobre os ombros. Em seguida, ela balançava ao ritmo, encontrando a batida. Ela levantou as mãos e fechou os olhos. Sentindo o que ele derramava na música, no fundo, até os ossos.

Santha fez uma curva lenta e abriu os olhos.

Ele estava olhando para ela com uma intensidade que lhe roubou o fôlego. Havia sexo e desejo e outras emoções inomináveis no marrom profundo de seus olhos. Calor passou pelo seu corpo.

- Tire suas roupas. - ele murmurou.

Outra onda de calor, esta forte o suficiente para fazer suas pernas se sentir fracas. Ela levantou a mão para os botões de sua camisa e jogou o primeiro aberto.

Quando ela fez seu caminho até a linha de botões, o seu olhar permaneceu colado à sua mão. Ele não vacilou na música e ela sorriu. Oh, mas ela queria sua atenção.

Ela encolheu os ombros e a camisa caiu no chão. Ela desabotoou a calça e chutou para fora. Quando ela estava lá em uma simples calcinha de algodão, preto, ela desejava que ela possuísse, algo mais sexy.

- *Mi reina.* - Mas sua voz e aqueles olhos a fez perceber que ele realmente não se importava com o que ela usava.

Ainda balançando ao som da música, ela soltou o sutiã e deixou-o cair no chão. Ela cobriu os seios e observou os olhos incendiar.

Deus, ela se sentia ... poderosa. Poderosa e desejada.

Ela deslizou seus polegares nos lados da calcinha dela, em seguida, inclinou-se e puxou-os para baixo em suas pernas. Então, completamente nua, ela retomou sua dança. Dançando para ele.

O rosto de Cruz parecia gritar o desejo em seus olhos como uma tempestade de fogo. - Você é tão porra sexy.

Ele continuou tocando e ela continuou dançando, a tensão ao redor apertando entre eles.

- Toque-se. - Sua voz era um rosnado baixo.

Mordendo o lábio, Santha deixou uma mão derivar para baixo em sua barriga. Ela deslizou os dedos entre as pernas dela e encontrou seu clitóris. - Oh.

Desta vez, os dedos se baralharam, atingindo uma nota ruim na guitarra.

Ele murmurou uma maldição e definiu o instrumento de lado. - Eu vou te comer agora. E eu não vou parar até vir na minha língua.

Sua parte inferior do corpo se contraiu. Ela o viu caminhar em sua direção, cada parte dela cheia de energia elétrica.

Ele a empurrou de volta para a poltrona, então ele se ajoelhou entre suas pernas. Suas mãos grandes empurraram em suas coxas, expondo-a para ele. Ele fez um zumbido e pressionou a boca para ela.

- Cruz! - Seus quadris empurraram para cima. A sensação era ... indescritível.

Ele trabalhou com força. Ele rodou com ela, chupando seu clitóris, sua língua apunhalando dentro dela, não deixando até que ela estava soluçando seu nome. Seu orgasmo caiu sobre ela, suas costas arqueando.

Então ele se levantou, rasgou as suas roupas e pegou-a.

Colocou-a no chão e dobrou-a para longe dele até que ela apertou as palmas das mãos no assento da cadeira. Quando sua mão curvou sobre sua nádega, ela empurrou de volta contra ele. - Sim.

Cruz bombeou contra ela com um duro impulso.

Um gemido escapou de sua garganta.

- Incline seus quadris. - ele rosnou. - Tome mais de mim.

Ela empurrou de volta contra ele, seus corpos batendo juntos. Era tão bom ser preenchida por ele. Era tão cru, tão real.

- Droga, *mi reina*, eu poderia foder sua boceta para sempre. - Sua voz gutural raspou sobre sua orelha.

Sua pele apertou, os mamilos duros como seixos. Ela sentiu seu lançamento vindo, crescendo a proporções assustadoras. - Mais duro.

Os dedos dele estavam em sua bunda e sua outra mão deslizou sobre sua barriga. Ele usou os dedos para espalha-la e encontrou seu clitóris. Ela se debatia contra ele.

- É isso, *Bella*. - Sua boca roçou o lado de seu pescoço. - Venha para mim agora.

E ela fez. Ela gritou tão alto que ela tinha certeza de que seus vizinhos estariam reclamando de manhã.

Um segundo depois, ele gemeu e seu pênis pulsou dentro dela. Ele enterrou o rosto contra o pescoço dela e rosnou o nome dela.

Droga, ele se sentia bem.

Quando Cruz se moveu em torno da minúscula cozinha, fazendo café da manhã e, deliberadamente, esfregando-se contra Santha em todas as oportunidades, ele se sentiu no topo do mundo do caralho.

Ele tinha feito amor com Santha até que eles tinham ficado esgotados e ele tinha dormido bem com ela envolta em seus braços. Perfeito.

E agora ela estava aqui, em seu espaço, e enquanto ela estava vestida com calças cargo e uma camiseta, seu cabelo estava despenteado e seu rosto relaxado. Ela estava mesmo cantarolando baixinho.

Ela colocou alguns ovos ligeiramente chamuscados em cima da mesa. - Café da manhã está servido.

Ele trouxe mais dois copos de bebida de proteína e levantou uma sobancelha para os ovos.

Ela sentou-se e deu de ombros. - Eu disse que não era uma cozinheira muito boa. - Ela mordiscou a beira de uma torrada. - Eu quero ir e ver Noah e Elle, para ver como eles estão indo.

Cruz assentiu. - Eles deveriam ter eliminado algumas das pontes em toda a cidade.

- Talvez eles têm um local?

Ele balançou sua cabeça. - Eles teriam nos chamado.

Os ombros de Santha cederam. - Você está certo. - Ela tomou uma mordida dos ovos. - Eu pensei que eu poderia ir e visitar Bryony. Eu quero ver se alguém pode cortar seu cabelo.

- Liberty. - disse ele. - Ela cuida de coisas assim. Sempre tem uma nuvem de cabelo loiro como se ela saísse de um salão de beleza.

Santha fez uma pausa e estudou-o com seus olhos o considerando. - Ela é uma boa ... amiga?

Merda. Os ovos em sua boca virou concreto. Liberty gostava de homens, especialmente os soldados. Ela era sexy e sem medo dele. Cruz tinha compartilhado os lençóis com ela uma vez. Ele engoliu em seco. - Ah ... tudo o que posso dizer é que eu só tenho olhos para você agora, *mi reina*.

Os olhos de Santha estreitaram e ela balançou a xícara num brinde para ele. - E não se esqueça disso, soldado. Eu sou bastante acessível com facas ... - um sorriso estreitou - ... e se você ficar esquecido, eu posso fazer uma visita a Srta. Nuvem de cabelo loiro ... e depois terminar com você.

Certo. Ele tomou um gole de sua bebida de proteína, então ele sorriu. - Porra, você é sexy quando é má.

Ela riu e pegou mais comida. - Vou rastrear essa Liberty e ver se ela vai fazer o cabelo de Bryony. E eu quero verificar e certificar-me de que Bryony dormiu bem. Ela estava falando sobre pontes quebradas e rostos assustadores ... - Santha parou, ela venceu a testa.

Quando ela parou, Cruz definiu o garfo. - O que é?

- Rosto assustador. Quando Bryony mencionou um cara assustador, eu pensei que ela estava apenas falando sobre os *Raptors*. Mas ela disse rosto. - Santha estalou os dedos. - *Luna Park!*

- Luna o quê?

- Você não conhece o local, assim você provavelmente não sabe sobre isso. Costumava haver um pequeno parque de diversões, histórico, no lado norte da *Harbour Bridge*. É realmente velho. E tem esse cara gigante na entrada.

Cruz se endireitou. - Precisamos dar uma olhada.

- Podemos obter um drone lá? Confirmar qualquer atividade *raptor*.

Ele assentiu. - Eu vou pegar Ele sobre ele.

Uma hora depois, Cruz ficou ao lado de Santha enquanto observavam Ele furiosamente batendo em seu computador e passando a tela, tomando as medidas necessárias para exibir o feed do drone. Lentamente mas seguramente, o resto do *Hell Squad* tinha chegado.

- Eu não sei por que todos vocês tem que estar aqui. - Noah resmungou, olhando para a multidão reunida.

- Engole isso, Kim. - disse Shaw. - Eu sei que você prefere falar com seus chips de computadores e discos rígidos, mas uma conversa ocasional com um ser humano real poderia ajudar a sua falta de personalidade.

Noah deu a Shaw um olhar fixo suave. - Você só está provando o meu ponto. Você de pé aqui carrancudo não vai fazer isso ir mais rápido. Você não tem algo para atirar ou lutar?

- Olhe você...

Ambos foram cortados quando a porta se abriu e General Holmes andou a passos largos. - Você encontrou alguma coisa.

- Um dos prisioneiros resgatados lembrou-se de algo que deduzimos ser a localização do laboratório *raptor*. - disse Marcus. - *Luna Park*.

Holmes olhou para Elle. - Você tem a confirmação?

- Estou correndo um programa para analisar o feed do drone da área.
- Elle bateu a tela. - Aqui estão os resultados.

Imagens encheram a tela.

Havia *Raptors* em todo o *Luna Park*. Em cada imagem, mas uma.

Santha engasgou. Ela se concentrou em uma imagem ligeiramente borrada de uma linha de seres humanos encadeados, sendo levados para um edifício.

- Vamos entrar. - disse Marcus em sua voz afiada.

A mandíbula de Holmes apertou. Ele abriu a boca ...

Santha cortou uma mão através do ar. - Sem descanso ou espera ou planejamento. Enquanto descansávamos a última vez, eles estavam matando as pessoas. Eles sabem que estamos sobre eles agora, então há uma boa chance de que eles vão começar a eutanásia de outros seres humanos também.

O general passou a mão pelo cabelo escuro.

Marcus cruzou os braços. - Nós vamos.

Holmes concordou. - Vão. Tire-os. E leve quaisquer recursos que você precise.

CAPÍTULO QUINZE

O passeio de *Hawk* estava silencioso e tenso. Todos do *Hell Squad* sentou-se em silêncio, refletindo sobre as possibilidades do que eles iriam encontrar no *Luna Park*. Doutora Emerson estava sentada em sua cadeira, com as mãos mexendo o scanner médico.

Santha acariciou sua besta. Hora de acabar com isso. Ela ajudaria a libertar todos os prisioneiros, e então ela estava indo atrás da Comandante.

A voz de Elle veio através de seus fones de ouvido. - Não há assinaturas *Raptor* no local *Luna Park*.

Várias pessoas amaldiçoaram e a mão de Santha apertou em sua arma.

- Há várias assinaturas humanas, embora. - Elle continuou.

Santha trocou um olhar com Cruz. - Armadilha?

- Poderia ser.

Marcus olhou para o chão por um segundo. - Não importa. Temos que ajudar essas pessoas. - Ele arqueou o pescoço para olhar para o cockpit. - Finn, não se incomode largando-nos muito longe. Se esta é uma armadilha, eles sabem que estamos chegando.

- Entendido, Marcus.

O *Hawk* deixou-os perto dos restos do lado norte da ponte do porto. A luz brilhante da tarde brilhava nas águas do porto. Quando se movimentou para o parque, as ruínas da ponte apareceram em cima. Uma vez, tinha sido um ícone da cidade, que se estendia sobre o porto como uma sólida cabine de metal. O centro da ponte foram levados para fora, deixando ela irregular, com o metal torcido.

Eles viraram e o rosto de Luna Park entrou em exibição. O rosto gigantesco era pelo menos dez metros de diâmetro, multi-colorido, com torres de acompanhamento. A sua boca enorme sorrindo era a entrada para

o parque. De alguma forma, a coisa toda tinha escapado dos danos durante a invasão *Raptor*.

- Bryony estava certa, é assustador. - disse Cruz, enquanto caminhavam pela boca.

Tudo estava quieto. Nenhum sinal de quaisquer *Raptors*. No interior, era uma larga avenida ladeada por edifícios coloridos feitos para parecer como tendas de circo e castelos. Deveria ter sido alegre e acolhedor, mas o parque tinha uma sensação estranha, assombrada. Os passeios estavam em silêncio, e as barracas e restaurantes que tinham uma vez vendido alimentos e bebidas estavam abandonados. Uma grande roda gigante era visível na distância para frente, embriagadamente inclinada para um lado.

- As assinaturas dos humanos estão no grande edifício com o telhado listrado amarelo e branco. É chamado *Big Top*. Era um centro cultural e sala de concertos. - disse Elle.

Santha avistou o grande edifício, com seu nome estampado acima das portas principais em um estilo de circo. Em algum momento durante o ano passado, a letra B tinha caído.

- Entendi. - Marcus murmurou. - Vamos entrar, *Hell Squad*.

Eles entraram pelas portas de vidro, Claudia e Gabe indo em primeiro lugar.

O foyer continha um grande bar, onde os hóspedes poderiam agarrar uma bebida e algo para comer antes de um concerto. Agora, todos os bancos de bar estavam espalhados pelo chão como estacas caídas.

Claudia acenou em direção às portas que dão para o auditório principal.

- Inferno. - Marcus murmurou.

Não havia *Raptors* dentro, mas o que Santha viu fez um redemoinho de náuseas rolar através de seu estômago.

Na área enorme, aberta, havia muito mais camas do que tinha havido no outro laboratório.

Cada cama estava cheia de corpos ligados a várias máquinas. Na parte de trás da sala, onde Santha imaginou onde tinham estado o palco, havia filas de pequenas gaiolas, empilhadas duas em duas contra a parede. Um gemido tranquilo encheu a sala.

- Doutora? - Disse Marcus.

Doutora Emerson empurrado para a frente. - Vou avaliar a condição de todos, ver como podemos levá-los. - Ela começou a trabalhar, determinação no conjunto de sua mandíbula. - Veja se você pode encontrar o Dr. Lonsdale.

A equipe se espalhou. Santha moveu-se para baixo da linha de camas, procurando os rostos pálidos. Ao mesmo tempo, ela fez o trabalho, desfazendo as tiras segurando alguns deles nas camas.

- Encontrei-o. - Gabe gritou da segunda fila de camas.

Santha puxou uma cinta que se recusou a ceder. A mulher na cama tinha os olhos abertos, e sua boca estava. Ela olhou, sem ver, para o teto.

- Droga, se solte. - Santha murmurou, puxando mais difícil.

- Aqui. - Cruz inclinou-se por trás e puxou a alça de fora.

- Obrigado. - Ela fechou os olhos por um segundo. - Isto é ...

- Eu sei. - Ele apertou a mão quente na nuca. - Nós vamos fazer o que pudermos para ajudá-los.

Santha deixou o olhar a deriva sobre as camas. Ela já sabia que um bom número deles não iria sobreviver, ou se o fizessem, eles nunca seriam os mesmos. Ela não precisava de um diploma médico para saber que algumas dessas pessoas haviam sido quebradas física e mentalmente.

- Merda. Caras, dê uma olhada nisso. - Era Shaw.

Santha e Cruz correram para o canto de trás, nas profundezas das sombras, onde o atirador estava. Ele tinha as mãos nos quadris, costas tensas.

- O que é isso? - Disse Marcus, caminhando para lá.

- Olha. - Shaw apontou.

Três grandes tanques estavam dispostos num agrupamento triangular. Três corpos boiavam no líquido turvo dentro, dois homens e uma mulher, ela o cabelo flutuando como alga loira em volta da cabeça.

- Que porra é essa? - Marcus mordeu fora. - Eles estão vivos?

Quando Santha se aproximou dos tanques, um dos homens mudou e ela recuou. - Eu acho que sim.

Ela olhou através do vidro. Que diabos estavam os *raptors* fazendo? A pele do homem estava manchada com manchas escuras. Então ela avistou algo de volta por trás dos tanques e engasgou.

- Fica pior. - Seu estômago virou. - Veja.

Uma pilha de cadáveres jaziam descartados no chão atrás dos tanques. No topo, um homem com o peito rachado aberto, e uma mulher com a maioria dos seus interiores do lado de fora de seu corpo.

- Merda. - Cruz murmurou.

- Bastardos. - Santha cuspiu.

Doutora Emerson subiu, sua mandíbula definida. - Eu não posso ajudá-los a todos. Não importa o que eu faça, mesmo com nano-medicamentos, o dano é muito extenso. - Ela balançou a cabeça. - O que foi feito ... Eu nunca vi coisas como esta.

- Nós *podemos* ajudá-los. - Marcus disse sombriamente. - Nós paramos sua miséria. - Seu olhar se voltou para os tanques. - Nós não vamos deixar ninguém aqui para aqueles filhos da puta alienígenas mexer. Seu sofrimento termina aqui.

Com isso, a equipe foi sobre a sua missão de resgate horrível. Aqueles que puderam ser salvos foram carregados em macas de íon. Aqueles que tinham ido longe demais foram sacrificados usando os remédios que a Doutora Emerson tinha trazido com ela.

Marcus assumiu a terrível tarefa de drenar os tanques e tirar as três pessoas de dentro. Mas assim que o fluido tinha ido embora, os homens e a mulher morreram.

- Eu estou por fora, mas eu acho que estão todos aqui. - disse a médica, fadiga arrastando os ombros para baixo.

Marcus assentiu. - Nós vamos continuar a carregar em macas e prepará-los para o transporte.

Cruz foi uma presença constante ao lado de Santha. E ela estava agradecida por sua força tranquila. Este lugar ... ele deixou seu sentimento cru.

Mas ele estava realmente tranquilo. - Você está bem? - Perguntou ela.

Ele balançou sua cabeça. - Não. Isto é...

Sim. Não havia palavras para descrever isto.

- Cruz? - Marcus chamou. - Eu preciso de uma mão por aqui.

- Indo. - Cruz tocou seu ombro, então correu para Marcus.

Foi então que Santha viu um movimento em uma das gaiolas na parede de trás. Ela franziu a testa e olhou através da escuridão. Ela pensou que elas estavam vazias.

Enquanto se aproximava, uma mão se estendeu entre as barras de metal. Uma, mão humana magra, com longos dedos e unhas irregulares.

Santha olhou através das barras e para as sombras. - Está tudo bem, estamos aqui para ajudá-la.

Um grunhido dura veio da gaiola. Ele enviou uma onda de arrepios sobre a pele de Santha. Ela se agachou. - Nós estamos indo para tirá-lo de lá.

- Muito ... tarde para mim. - A voz áspera era difícil de entender.

E era do sexo feminino.

- Deixe-me ajudar. - disse Santha.

A mulher mudou, aproximando-se das grades.

Levou o cérebro de Santha um segundo para perceber o que ela estava olhando. Meia face da mulher estava manchada com hematomas e manchas escuras, onde parecia que a pele tinha morrido. Seu olho estava inchado fechado.

Mas o outro lado do rosto dela era bonito, com pele bronzeada e um olho verde triste.

Um olho verde muito familiar.

O piso parecia como se tivesse sido arrancado de Santha, quando o mundo de repente havia sido jogado para o lado. Seu coração se apertou.

Não não não!

- Kareena?

A angústia na voz de Santha bateu a cabeça de Cruz ao redor. Ele correu em direção a ela. Ela estava em pé perto das gaiolas na parte de trás da sala grande.

Então ele viu a mulher pressionada contra as grades.

Uma mulher com a mesma cor dos olhos de Santha.

Ah, porra . - Santha?

- É Kareena. Temos que ajudá-la. - O rosto geralmente composto de Santha era uma máscara de horror e dor. – Dra. Emerson!- Ela gritou o nome da médica. - Por favor, por favor me ajude.

Cruz passou um braço em torno de Santha, sentindo a tensão que atravessava ela. Ele acenou para a médica. Ela veio, segurando scanner médico.

- Santha? - A mulher mudou na gaiola. A voz rouca soou hesitante, confusa. - É você?

- Sim.

A mulher estremeceu, então ela rosnou para a abordagem de Emerson. - Fique para atrás.

- Kareena, esta senhora é uma médica, ela está aqui para ajudar. - Santha se afastou de Cruz e se agachou perto da gaiola.

Emerson atirou a Cruz um olhar preocupado, então olhou para Santha. - Você conhece ela?

O peito de Santha estremeceu. - Ela é minha irmã. Kareena.

Simpatia cintilou sobre o rosto da médica. Ela se inclinou mais perto. - Kareena. Este é um scanner médico. Eu estou indo para executá-lo em cima de você, ok?

Kareena não respondeu, mas ela se aproximou das grades. Santha gemeu e Cruz amaldiçoou. Kareena tinha uma linha feia, maltrapilha de pontos que iam de seu umbigo até o pescoço.

As luzes do scanner piscou, então ele tocou.

Cruz observou o rosto de Emerson. Viu a forma como ela analisou o scanner profissional. Não é um bom sinal. Nada bom.

Ela se afastou e acenou para Cruz e Santha para se aproximar. - Eu não posso fazer sentido de todos os resultados da verificação. Eles ... removeram a maioria de seus órgãos e substituiu-os ... Eu não sei com o que. O que quer que eles fizeram com ela ... não é reversível.

- Não. - Santha sussurrou, os olhos arregalados.

- Eu não sei o que podemos fazer.- A médica suspirou. - Ela está morrendo.

- Não sabe como isso é. - A voz gutural de Kareena tinha todos eles girando para encará-la. Suas mãos agarraram as barras da jaula. - Ele queima como ácido, como uma batida com raiva dentro de mim. - Então o rosto dela caiu, seu olho cheio de miséria. - Isso dói. Isso está me comendo viva. - Ela estendeu a mão através da gaiola. - Ajuda-me, Santha.

Santha instantaneamente agarrou a mão de sua irmã. - Eu vou. Eu vou tirar você e vamos encontrar uma maneira de deixa-la melhor.- Seus dedos agarraram Kareena.

Kareena fez um soluço asfixiado. - Deus, eu senti sua falta.

- Eu senti sua falta também. - Uma lágrima correu pelo rosto de Santha. - Eu sinto muito. Se eu soubesse que você estava viva ...

- Está tudo bem. Diga-me, você está segura? Você não está sozinha.

- Eu estive. Venho lutando contra estes bastardos alienígenas.

- Por favor, eu quero que você cuide de si mesma. Você sempre foi horrível nisso.

Santha deu uma risada soluçando. - Eu estou aprendendo. Mas eu tive um pouco de ajuda.

O olho de Kareena jogou sobre o ombro de Santha e pousou em Cruz. - Quem é ele?

Santha não precisava de olhar ao redor. - O nome dele é Cruz.

Ele deu um passo para frente e apoiou as mãos nos ombros de Santha. - Eu sou dela. - Ele sentiu o leve tremor em suas mãos.

- Bom. — Alívio brilhou nos olhos verdes de Kareena. - Bom. Ela precisa de alguém para cuidar dela. Ela sempre trabalhou muito duro, assumindo muitos riscos. - O olhar da mulher queimando nos de Cruz. - Ela vai precisar de você agora, mais do que nunca. - Seu olhar era suplicante.

Foda-se. Ele entendeu o que a irmã de Santha estava dizendo a ele. *Droga todos iam para o inferno.*

- Deixe-me tirá-la. - disse Santha.

- Não. - A voz de Kareena se transformou em um rosnado de novo e seu aperto no braço de Santha apertou. Suas longas, unhas irregulares cortaram na pele de Santha.

Quando Santha vaiou de dor, Cruz avançou e agarrou o cotovelo de Kareena. Ele exerceu pressão suficiente para que ela solta-se e puxou o braço para trás dentro da gaiola.

Santha pressionou seu braço sangrando em seu peito, olhando para sua irmã em horror.

- É tarde demais para mim, Santha.

- Não. Venho lutando para vingar sua morte, agora eu vou lutar para salvá-la. Aconteça o que acontecer.

Kareena veio perto das barras de novo e suspirou. - Ouça-me, Santha. Ouça. Eu quero que você coloque toda essa paixão e amor que você tem em você em outra coisa. Nele. - Ela balançou a cabeça na direção de Cruz. - Por causa da maneira como ele olha para você ... toda mulher merece um homem que olha para ela dessa maneira.

- Kareena ...

- Escute, Santha. Preciso da tua ajuda. Uma última vez.

Santha endureceu. - Não ...

- Uma última vez, Santha. Você sempre foi a mais forte.

- Não. - A voz de Santha era um sussurro estrangulado. Sem se importar com os arranhões em seu braço, ela estendeu a mão para Kareena novamente, enrolando os dedos sobre sua irmã nas barras de metal.

Isso cortou Cruz. Deus, ele lutaria contra qualquer alien, qualquer inimigo para salvá-la, mas aquilo era uma coisa da qual ele não podia protegê-la.

Mas ele ainda poderia assumir a tarefa difícil.

- Eu preciso de você. - Kareena disse calmamente. - Por favor.

Santha ficou silenciosa por um segundo. - Cruz, você pode esperar por mim com os outros?

Sua mandíbula apertou. - Por que você não me deixa fazer isso?

- Não. Apenas ... se eu sei que você está esperando por mim, isso vai ajudar.

Foi a coisa mais difícil que já teve que fazer. Para virar e ir para longe dela quando ele sabia que isso estava rasgando seu interior.

Ele se moveu para Marcus e a equipe. Cada passo sentiu como se estivesse andando pela lama. Seus amigos ficaram em silêncio, vigilantes. O resto dos pacientes esperando, carregados em macas e prontos para evacuação.

- Cruz, se você ou Santha precisar de alguma coisa, é só pedir. - disse Marcus.

Cruz assentiu. Mas ele sabia que não havia nada que pudesse fazer isso melhor para Santha.

Momentos depois, ela caminhou em direção a ele.

Seu rosto estava em branco mas seus olhos estavam cheios de uma miséria sugadora de alma. Suas mãos tremiam, e em uma prendia a faca ainda revestida em sangue.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Cruz assistiu Santha caminhar até ele. A faca caiu no chão e jogou os braços ao redor dele. Ele puxou-a em seu peito e ela apertou o rosto contra ele. Ela estava tremendo.

- Ela me agradeceu. - As mãos de Santha agarraram a armadura de Cruz. - Minha irmãzinha me agradeceu, enquanto eu a matei.

- Você ajudou. - Cruz segurou o rosto pálido de Santha e forçou-a a olhar para ele. - Ela estava sofrendo, Santha. Você deu-lhe a paz.

- Eu ... quero acreditar nisso.

Ele pressionou a testa contra a dela. - Eu sinto muito, *mi reina*. Se eu pudesse mudar isso, eu iria.

- Por que se preocupar lutando quando não podemos salvar as pessoas que amamos? - Suas palavras duras saiu em um sussurro ainda mais duro.

- Hey. - Ele odiava o tom derrotado em sua voz. - Olhe ao redor dessas outras pessoas. Nós salvamos elas. E ... você me salvou. A partir do momento que pus os olhos em você, algo ligou dentro de mim. Antes disso, eu não tinha certeza pelo o que eu estava lutando.

O olhar dela estava em seu rosto. – Cruz ...

- Você é a porra da minha razão, Santha. Eu preciso de você.

O som de um pigarro fez os dois olhar para cima.

Marcus estava ali. - Sinto muito sobre sua irmã.

Santha ingeriu. - Obrigado.

- Eu sei que é difícil, Santha, mas eu tenho que pedir-lhe para colocá-lo de lado por agora. Precisamos tirar essas pessoas daqui.

Santha passou a mão em seu rosto e assentiu. - OK.

Cruz deu-lhe um aperto duro. - Vamos sair. - Quanto mais rápido eles voltassem para a base o mais rápido poderia ajudá-la a passar por isso.

A equipe se apressou para fora, empurrando e puxando as macas junto com eles. Marcus já havia sinalizado para Elle enviar os *Hawks* para a evacuação.

Cruz sentiu uma sensação de coceira que sempre tinha quando algo de ruim estava indo em seu caminho. Ele manteve um olho nos telhados, observando qualquer sinal de *Raptors*.

- Elle, quaisquer assinaturas *raptor* na tela? - Perguntou.

- Nada, Cruz.

Isso não o fazia se sentir melhor. Os aliens tinham que saber que iam tentar resgatar essas pessoas. Por que apenas deixá-los entrar assim, desimpedidos?

O prurido aumentou com cada segundo que andavam. Sim, alguma coisa estava realmente mal.

Três *Hawks* dispararam, pousando em uma área plana perto de uma montanha-russa destruída pela metade. Todos eles trabalharam para carregar os pacientes para os helicópteros. Eles encheram os dois primeiros helicópteros com pacientes que ficaram sob a cuidadosa atenção dos membros da equipe médica de Emerson. Apenas dois pacientes foram com *Hell Squad* e Emerson no último *Hawk*.

Logo, os *Hawks* estavam se movimentando para o outro lado da cidade, se dirigindo para a base.

- Eu quero a comandante morta.

A voz de Santha atraiu o olhar de Cruz. Ela sentou-se curvada na cadeira ao lado dele, uma mão acariciando seu besta.

- Nós vamos encontrá-la. Fazê-la pagar.

Santha assentiu. Mas seus olhos verdes estavam tão vazios que fez o estômago de Cruz apertar.

Ela precisava de tempo para lamentar, mas ele com certeza não ia deixá-la fazer isso sozinha.

Ele daria a ela uma razão para viver. Mesmo se ela não queria uma.

Santha olhou pela janela. A cidade em ruínas abaixo apenas um borrão em sua visão.

Ela estava tentando não pensar, não sentir.

Mas o rosto de Kareena estava queimado em seu cérebro. Não é a sua linda irmã, sorrindo que tinha conhecido toda a sua vida, mas a torturada, com o seu rosto rasgado, aquela que os *Raptors* tinham deixado naquela cela.

Deus. Santha apertou os olhos fechados. Quanto tempo levaria até que ela não pensasse mais em correr a faca em sua irmã? Ouvindo palavras calmas de Kareena agradecendo a ela.

De repente, os alarmes soaram do cockpit.

- Foda-se. - Finn exclamou. – Se segurem *Hell Squad*, temos dois *Pteros* entrando. Eu estou indo para tentar retirá-los dos outros dois *Hawks*.

Santha arrancou em seu equipamento e ao lado dela Cruz, fez o mesmo.

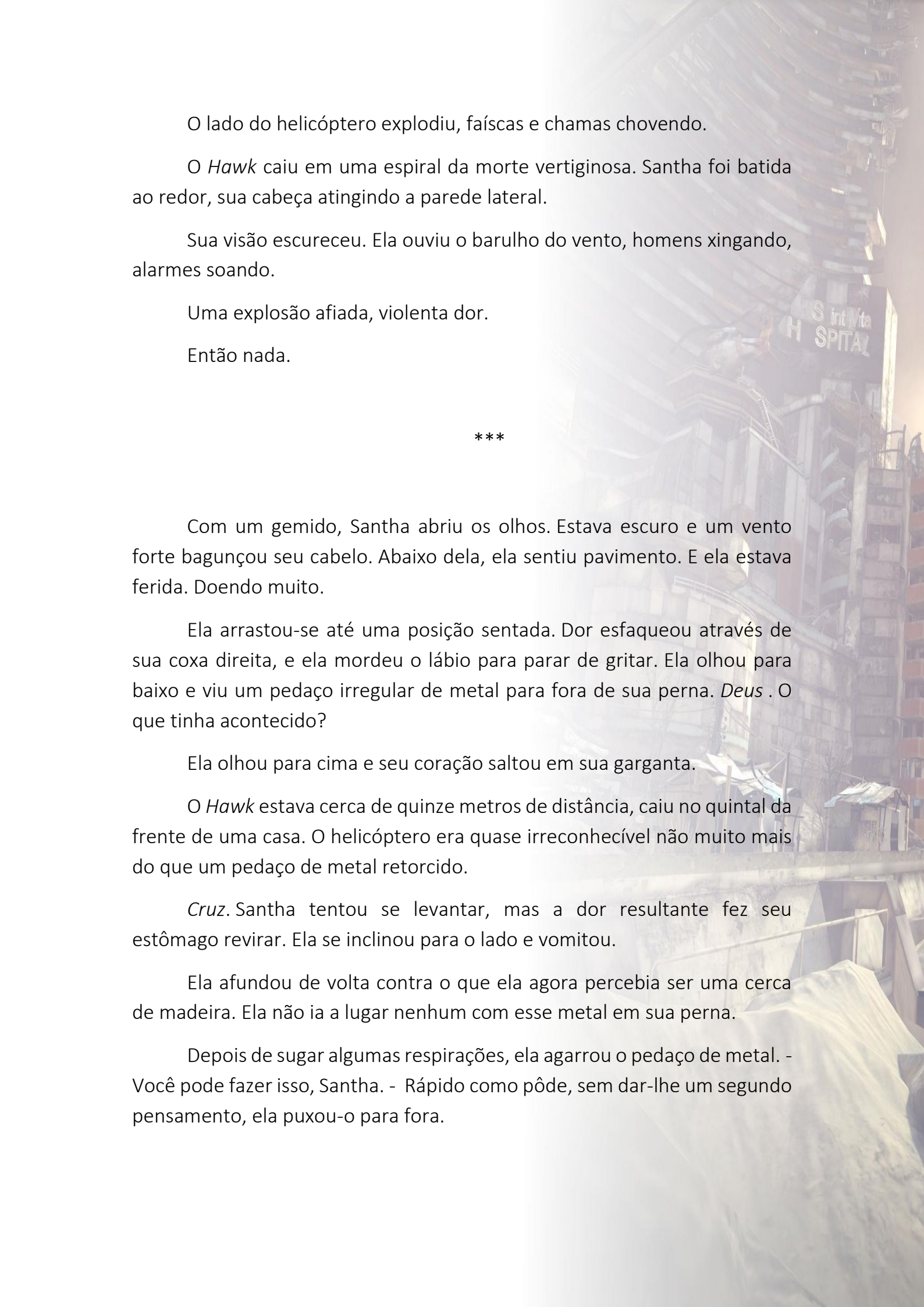
- Eu sabia que era muito fácil. - ele resmungou.

O *Hawk* estremeceu e um olhar pela janela do lado mostrou veneno verde cruzando o céu.

- Mísseis. - Finn gritou.

O *Hawk* desviou duramente para a direita, jogando Santha contra o ombro de Cruz com força suficiente para roubar o fôlego.

Ela o ouviu murmurar e ao redor deles o resto do *Hell Squad* estavam xingando e se preparando.



O lado do helicóptero explodiu, faíscas e chamas chovendo.

O *Hawk* caiu em uma espiral da morte vertiginosa. Santha foi batida ao redor, sua cabeça atingindo a parede lateral.

Sua visão escureceu. Ela ouviu o barulho do vento, homens xingando, alarmes soando.

Uma explosão afiada, violenta dor.

Então nada.

Com um gemido, Santha abriu os olhos. Estava escuro e um vento forte bagunçou seu cabelo. Abaixo dela, ela sentiu pavimento. E ela estava ferida. Doendo muito.

Ela arrastou-se até uma posição sentada. Dor esfaqueou através de sua coxa direita, e ela mordeu o lábio para parar de gritar. Ela olhou para baixo e viu um pedaço irregular de metal para fora de sua perna. *Deus*. O que tinha acontecido?

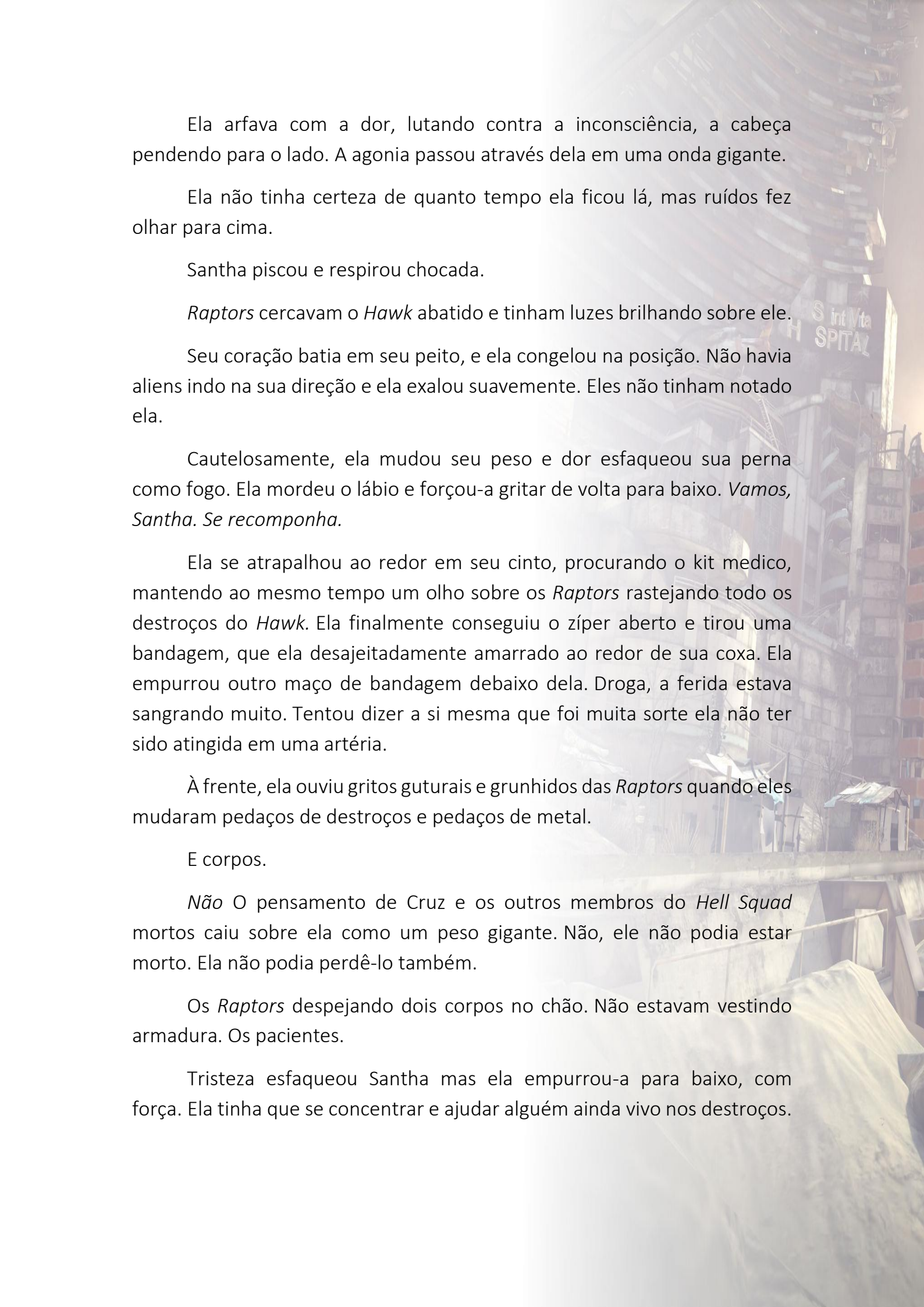
Ela olhou para cima e seu coração saltou em sua garganta.

O *Hawk* estava cerca de quinze metros de distância, caiu no quintal da frente de uma casa. O helicóptero era quase irreconhecível não muito mais do que um pedaço de metal retorcido.

Cruz. Santha tentou se levantar, mas a dor resultante fez seu estômago revirar. Ela se inclinou para o lado e vomitou.

Ela afundou de volta contra o que ela agora percebia ser uma cerca de madeira. Ela não ia a lugar nenhum com esse metal em sua perna.

Depois de sugar algumas respirações, ela agarrou o pedaço de metal. - Você pode fazer isso, Santha. - Rápido como pôde, sem dar-lhe um segundo pensamento, ela puxou-o para fora.



Ela arfava com a dor, lutando contra a inconsciência, a cabeça pendendo para o lado. A agonia passou através dela em uma onda gigante.

Ela não tinha certeza de quanto tempo ela ficou lá, mas ruídos fez olhar para cima.

Santha piscou e respirou chocada.

Raptors cercavam o *Hawk* abatido e tinham luzes brilhando sobre ele.

Seu coração batia em seu peito, e ela congelou na posição. Não havia aliens indo na sua direção e ela exalou suavemente. Eles não tinham notado ela.

Cautelosamente, ela mudou seu peso e dor esfaqueou sua perna como fogo. Ela mordeu o lábio e forçou-a gritar de volta para baixo. *Vamos, Santha. Se recomponha.*

Ela se atrapalhou ao redor em seu cinto, procurando o kit medico, mantendo ao mesmo tempo um olho sobre os *Raptors* rastejando todo os destroços do *Hawk*. Ela finalmente conseguiu o zíper aberto e tirou uma bandagem, que ela desajeitadamente amarrado ao redor de sua coxa. Ela empurrou outro maço de bandagem debaixo dela. Droga, a ferida estava sangrando muito. Tentou dizer a si mesma que foi muita sorte ela não ter sido atingida em uma artéria.

À frente, ela ouviu gritos guturais e grunhidos das *Raptors* quando eles mudaram pedaços de destroços e pedaços de metal.

E corpos.

Não O pensamento de Cruz e os outros membros do *Hell Squad* mortos caiu sobre ela como um peso gigante. Não, ele não podia estar morto. Ela não podia perdê-lo também.

Os *Raptors* despejando dois corpos no chão. Não estavam vestindo armadura. Os pacientes.

Tristeza esfaqueou Santha mas ela empurrou-a para baixo, com força. Ela tinha que se concentrar e ajudar alguém ainda vivo nos destroços.

Mais dois *Raptors* arrastaram para longe do *Hawk*, um corpo grande entre eles. Eles jogaram o homem no chão e ele gemeu. *Marcus*. E ele ainda estava vivo.

Por agora.

- Foda-se! - Movimento violento dos destroços chamou sua atenção.

Cruz! Ela observou três *Raptors* que lutavam para contê-lo. Metade de seu rosto estava coberto de sangue, mas a forma como ele estava lutando sugeriu que ele não foi ferido.

Eles o abandonaram perto de Marcus, e um dos alienígenas puxou sua arma fora de seu ombro e apontou-a para Cruz.

Terror era como uma pedra na garganta de Santha. Ela começou a arrastar-se em direção a eles.

Ela não queria morrer aqui, na terra, e deixar os *Raptors* torturar a irmã de alguém ou matar um homem bom. Ela iria lutar até que ela não poderia mais lutar.

E ela não queria fazê-lo sem Cruz ao seu lado. O homem a tinha empurrado e empurrado até que ele estava tão profundamente sob a pele dela e sabia que nunca iria tirá-lo. Ela não queria tirá-lo.

Ela desenhrou sua faca de combate. Ela tinha terminado o sofrimento de sua irmã e agora levaria a vida desses bastardos alienígenas.

Os *Raptors* arrastaram para fora mais corpos. Shaw cuspiendo palavrões e uma Claudia inconsciente e Gabe.

- Vamos matar todos vocês, bastardos. - Shaw gritou.

Quando um *raptor* cutucou o corpo de Claudia com a bota, Shaw chutou para ele. – Fique longe dela.

Cruz estava sentado, observando os *Raptors* em torno deles. Mesmo à distância, Santha podia ver seu poderoso corpo.

Seu pulso saltou. *Não, você não se arme em herói, apenas espere por mim.*

Mas ele se lançou contra eles, golpeando como uma víbora. Ele esfaqueou dois antes de o resto estar sobre ele.

Raptors estavam socando e chutando ele, esmurrando seu corpo.

Marcus e Shaw mudou-se para ajudar, mas eles estavam em menor número, e rapidamente foram subjugados.

Santha empurrou para seus pés, agarrando a cerca para ajudá-la a ficar. Sua perna gritou de dor e não podia levar muito peso. O exoesqueleto em sua armadura teve um monte do seu peso, então ela sabia que a lesão era ruim. Ela puxou a besta.

Ela começou a avançar, a perna direita arrastando no chão. Ela visou o maior *raptor* batendo Cruz e disparou.

Ela já estava visando o segundo antes do primeiro cair.

Os outros *Raptors* giraram, e a viram. Eles deixaram um Cruz gemendo e correram para ela, levantando suas armas. Empurrando através de sua dor, ela afundou para baixo e esfaqueou os *Raptors* mais próximos, cortando os pontos fracos em sua armadura. Mais dois tropeçaram para trás.

O resto estavam quase nela quando Cruz apareceu da escuridão. Ele puxou uma arma do corpo do *Raptor* mais próximo, com objetivo, descarregando seu próprio veneno neles.

Shaw apareceu e agrediu o outro *raptor* com os punhos. Marcus emergiu das sombras, ainda parecendo atordoado, mas ele tirou outro com chutes brutais.

Em pouco tempo, todos os *Raptors* foram para baixo.

Os homens ali, respirando ofegantes. Santha sentiu uma onda de tontura, mas ela só tinha olhos para Cruz.

Ele estava vivo. Isso era tudo o que importava.

Dois *Pteros* brilhavam em cima, o brilho das luzes cegando sobre eles.

- Precisamos encontrar abrigo. - Marcus gritou.

Shaw pegou Claudia, e Marcus soltou Gabe por cima do ombro.

Cruz passou um braço em torno de Santha, ajudando-a mancando para a frente. - E quanto aos outros? Reed, Finn, a Doutora?

A mandíbula de Marcus apertou – Bem ...

Fogo *Raptor* atravessou a noite.

- Vá! - Marcus gritou. - Vamos voltar para eles.

Juntos, eles alcançaram as ruínas de uma casa de dois andares que parecia que tinha sido uma vez uma casa de família confortável. Quando eles caíram pela porta da frente, Santha teve um vislumbre de fotos penduradas tortas nas paredes. Os pais sorridentes, mãos sobre os ombros de dois rapazes adolescentes. Ela se perguntou se algum deles tinha sobrevivido.

- Aqui. - Marcus abriu caminho para a cozinha. - Os aparelhos nos darão mais proteção contra o fogo de qualquer arma.

- Merda, você está sangrando. - Cruz ajudou Santha para o chão e ela se inclinou contra a parede.

Ele agarrou sua coxa, suas grandes mãos gentis. - Isto é mau.

- Já tive piores.

Seu rosto parecia além de sombrio, e revestido em sangue, sua boa aparência estava escondida. Agora ele simplesmente parecia assustador, como algo de um filme de terror. Engraçado que seu coração ainda batia duramente apenas olhando para ele. Ele estava vivo e isso era tudo que importava.

Enquanto estudava sua ferida, ele pressionou o tecido grosso.

- Ai!

- Ela ainda está sangrando. - A outra mão segurou seu rosto. - Quando eu acordei e não podia encontrá-la ...

Ela colocou a mão sobre a dele. - Estou bem. Eu fui jogada para longe dos destroços.

Foi só então que Santha percebeu uma voz metálica gritando para ela. Ela franziu a testa, confusa. De onde o som estava vindo? Então, ela

percebeu que seu fone de ouvido tinha sido danificado, mas que a voz de Elle ainda passava mas mal.

A mulher parecia frenética.

Santha tocou sua orelha. - Elle?

Cruz assistiu a cabeça de Marcus movendo-se ao redor.

- Os *Raptors* levaram os nossos fones de ouvido. - Marcus rosnou.

Santha puxou o dela para fora e entregou-o.

O líder do *Hell Squad* empurrou-o em seu ouvido. - Elle? Bebê?

O grande homem ficou em silêncio por um momento e Cruz observou-o fechar os olhos por um segundo.

- Estou bem. Nós conseguimos sair do acidente. Estamos escondidos.

- Pausa. - Eu sei. Eu sei. Acalme-se.

Cruz não podia acreditar que tinha feito isso. Ele tinha estado tão preocupado em encontrar Santha que ele mal tinha pensado em mais nada. Então ela veio para fora da escuridão, chovendo setas da besta como uma rainha guerreira vingadora.

Sua rainha.

Ele colocou uma atadura médica sobre sua ferida. O corte estava recortado e feio, mas o sangramento estava finalmente abrandando. Ele terminou de refazer a sua bandagem.

- Eu vou dar-lhe uma injeção. É apenas leve, mas vai dominar a dor.

Ela assentiu com a cabeça. - Eu não vou dizer não. - Ele apertou a injeção para sua coxa.

- Ok, Elle, eu entendi. - disse Marcus. - Vamos ficar até que a ajuda chegue, eu quero ... Elle? Elle? - Ele bateu um punho na parede. - *Raptors* interromperam o sinal.

- O que ela disse? - Perguntou Cruz.

- Ajuda está a caminho. Mas com todas os *Pteros* no ar, e o aumento da presença dos *Raptors*, eles não podem enviar *Hawks*.

- Eles estão vindo através do chão? - Shaw sentou-se, com a cabeça contra a parede. - Isso vai demorar pelo menos uma hora. - Ele lançou um olhar preocupado para baixo, para Claudia. Ela estava deitada de lado, com a cabeça apoiada em sua coxa. Ela não tinha recuperado a consciência. - Ela está ferida.

- Nós vamos levá-la de volta à base. - Cruz escondeu sua própria preocupação. - Ela é dura.

Gabe gemeu e lentamente veio. - Que diabos?

- Ei, como você está se sentindo? - Marcus se agachou perto do outro homem. - Tomou uma pancada na cabeça.

Gabe esfregou sua têmpora. - Porra. Parece que eu estive bebendo a noite toda.

Marcus estudou os olhos do homem. - Você vai conseguir isso quando voltarmos.

- Sim.- Então Gabe olhou em volta, tendo os seus arredores, e endureceu. - Onde está a Doutora? Onde está Emerson?

A equipe toda trocou olhares

Gabe ficou de pé, cambaleou e agarrou a parede para ficar de pé. - Onde diabos ela está?

- Ninguém a viu. - disse Marcus. - Finn e Reed estão faltando também. Eles ainda podem estar no *Hawk*.

Ele não disse as palavras, mas Cruz sabia que todo o mundo queria saber se eles apenas teriam corpos para recuperar.

Algo selvagem brilhou nos olhos de Gabe. Algo que Cruz nunca tinha visto antes no homem contido, intenso.

- Eu vou procurar por ela ... - Ele fez um movimento em direção ao corredor.

Marcus bloqueou seu caminho. - Levante-se, Gabe. Você sai lá, você está apenas cometendo suicídio.

- Nós vamos encontrá-la.- Cruz pegou o olhar escuro de Gabe. - E Reed e Finn. Você tem que sobreviver, a fim de encontrá-la.

A boca de Gabe torceu mas ele assentiu. - Os pacientes?

- Mortos. - Santha disse calmamente. - Eu vi os *Raptors* arrastar os corpos para fora.

A equipe estava tranquila.

Gabe se moveu em direção à janela. - Porra. Marcus, os reforços alienígenas chegaram.

Hell Squad lotou perto da janela. Veículos *Raptor* estavam puxando para cima e *Raptors* encheram a rua. Por cima das suas cabeças, os *pteros* circulavam como pássaros famintos.

- Precisamos avançar. - A voz de Gabe era urgente quando ele virou.

Cruz fez uma careta. Ele não viu nada para justificar a urgência. Mas ele sabia que Gabe tinha habilidades de seu tempo em um experimento militar secreto. Não que ele nunca falou sobre isso.

- O que? O que você viu? - Perguntou Marcus.

- Nas sombras, eles estão compondo um explosivo. - O rosto de Gabe parecia letal. - Eles vão nos explodir fora daqui.

CAPÍTULO DEZESSETE

- Todo mundo, nós temos que ir. - Marcus gritou.

Cruz amaldiçoou em voz baixa e ajudou Santha. Ele viu a dor refletida em seus olhos. Ela estava mordendo o lábio com força suficiente que estava sangrando.

- A dor ainda é ruim?

- Eu posso lidar com isso. - Ela jogou a cabeça para trás. - Vamos.

Marcus foi para Shaw e Claudia. - Vou levá-la.

- Eu tenho ela. - disse Shaw.

- Eu preciso de você em uma arma.

Shaw concordou com relutância, e pegou a carabina que Marcus tinha conseguido agarrar.

Eles estavam prestes a sair para fora da porta de trás quando se abriu. Shaw saltou para frente, arma em punho.

Reed empurrou através da abertura, um braço em torno de um Finn coxeando, cuja cabeça e cara estavam cobertas com sangue. Ele estava segurando seu braço esquerdo ao peito.

- Graças a foda. Vocês estão bem? - Perguntou Marcus.

Reed concordou. - Há alguns cortes e contusões. Finn aqui tem um braço quebrado.

- Mas minhas pernas estão funcionando bem. - O piloto murmurou.

- Emerson? Qualquer um viu Emerson? - Perguntou Gabe.

Os dois homens balançaram a cabeça. Reed amaldiçoou. - Achei que ela estava com vocês.

- Temos que ir. - Marcus apontou para a porta. - Estamos prestes a levar um bombardeio.

- Merda. - Reed voltou para a porta. - Viemos por um longo caminho, então eu sei uma saída. Usem os edifícios e árvores porque os *Pteros* estão iluminando o lugar. - Ele apontou. - Neste quintal de trás tem um beco. Atravessamos a pista, então vá até a casa ao lado. Eles tem um parque. Há um rio com uma ponte pendendo intacta, que é muito estreita para veículos.

- Assim, qualquer *Raptors* teria que perseguir a pé. - Marcus assentiu. - Boa.-

- O rio não é muito profundo, para que eles pudessem atravessá-lo em veículos. Mas vai atrasá-los.

Eles saíram. Cruz fez o seu melhor para tirar o máximo do peso de Santha que pôde, mas seus suspiros duros e os pequenos contratempos em sua respiração lhe disse que estava em agonia.

Eles correram de árvore em árvore no quintal, parando quando um *Ptero* lançou um holofote no gramado. Uma vez que a escuridão caiu novamente, todos eles correram para o muro de volta.

Cruz empurrou a porta, do outro lado da pista, em seguida, seguiu os outros em outra casa abandonada. Esta não tinha sobrevivido incólume. O telhado na sala tinha cedido, e todas as paredes tinham grandes fendas através delas.

Eles estavam todos na sala quando uma explosão atingiu.

Cruz girou e através das janelas da frente quebradas, viu que a primeira casa que tinham se abrigado tinha sido atingida por um morteiro. Chamas vermelhas subiram para o céu noturno.

- Mantenham-se em movimento. - disse Marcus.

Outra explosão, esta grande o suficiente para sacudir o chão debaixo deles.

- Eles não estão brincando.- Santha murmurou.

Hell Squad correu pela casa às escuras e fora da porta traseira. Eles cruzaram o pequeno pátio, pisando canteiros de mato, e parando em um pequeno parque.

O rio brilhava à frente sob o luar.

Eram uns bons cinquenta metros de distância.

Através do campo vazio.

Cruz reforçou seu domínio sobre Santha. - Nenhuma cobertura.

O *Ptero* zuniu passando, a sua luz balançando em um padrão de pesquisa entre-cruzando.

- Nós não temos uma opção melhor. - Marcus olhou para trás quando outra explosão sacudiu a noite.

Reed apontou um pouco para a esquerda. - A ponte é por aqui.

- Não há outra maneira.- Shaw levantou a arma. - Vão. Vou cobrir vocês e apanhar qualquer *Raptor* que aparecer em nosso caminho.

Marcus trocou o peso de Claudia e assentiu. - Sem perigos embora. Você segue assim que chegar perto da ponte.

- É isso aí, chefe. - Seu olhar vagou pelo rosto de Claudia. - Você apenas se concentre em obter todos fora daqui.

- Não banque o herói, Shaw. Todo mundo prefere você como o playboy.

- Foda-se você, Marcus.

Marcus lhe deu um sorriso apertado, então se virou para o campo. - Vamos.

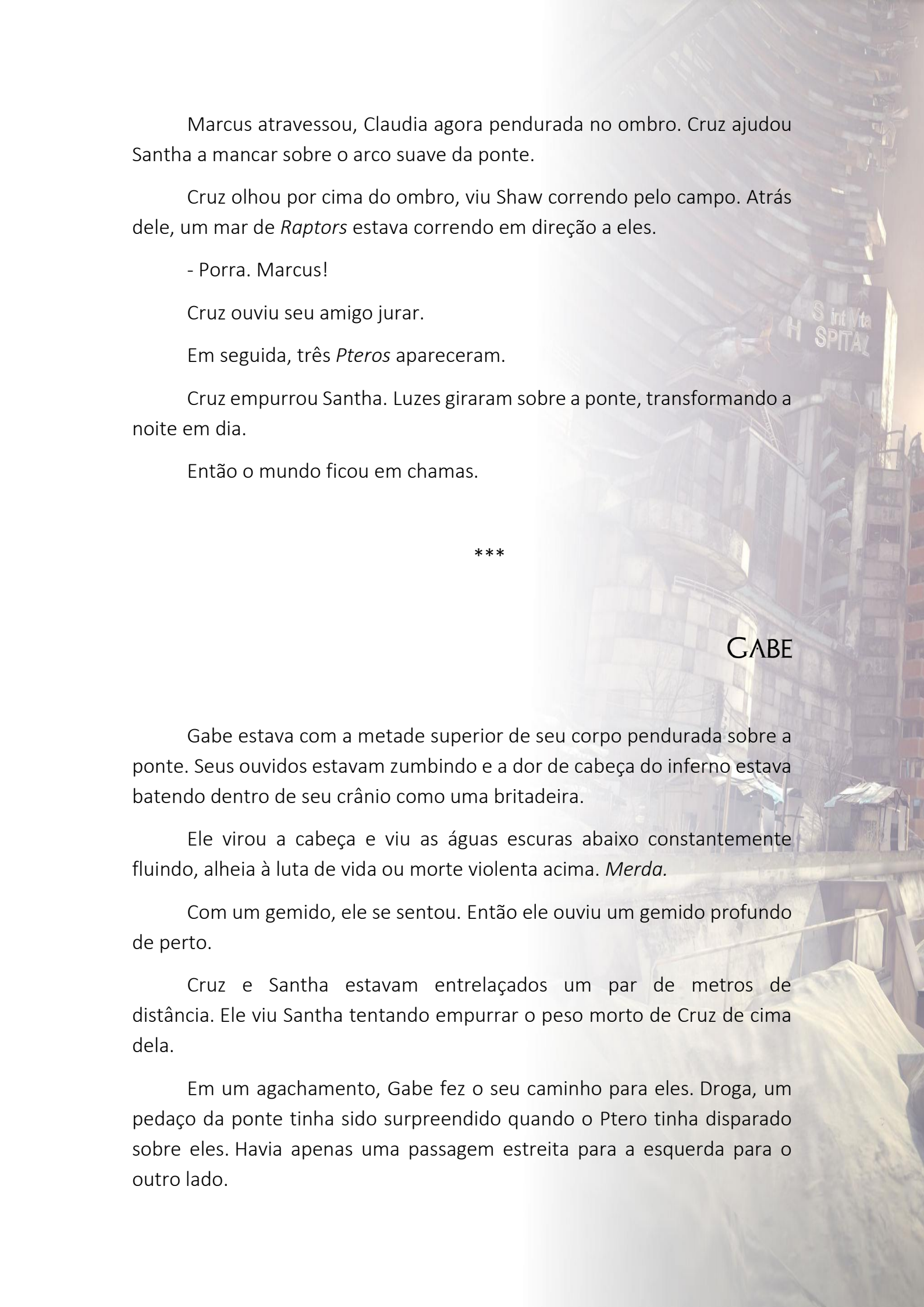
A grama era longa o suficiente para prejudicá-los, enredando em torno de seus joelhos, diminuindo seu ritmo. Cruz varreu a área, observando qualquer movimento. Ele decidiu não mencionar a possibilidade de um *velox* aparecer. Eles tinham o suficiente para se preocupar.

- A ponte ... - disse Santha.

O som de armas de fogo gritou durante a noite.

- Rápido. - Marcus gritou.

Reed e Finn atingiram a ponte em primeiro lugar, seguidos por Gabe. Gabe girou e levantou a arma. Agachou-se na borda para cobri-los.



Marcus atravessou, Claudia agora pendurada no ombro. Cruz ajudou Santha a mancar sobre o arco suave da ponte.

Cruz olhou por cima do ombro, viu Shaw correndo pelo campo. Atrás dele, um mar de *Raptors* estava correndo em direção a eles.

- Porra. Marcus!

Cruz ouviu seu amigo jurar.

Em seguida, três *Pteros* apareceram.

Cruz empurrou Santha. Luzes giraram sobre a ponte, transformando a noite em dia.

Então o mundo ficou em chamas.

GABE

Gabe estava com a metade superior de seu corpo pendurada sobre a ponte. Seus ouvidos estavam zumbindo e a dor de cabeça do inferno estava batendo dentro de seu crânio como uma britadeira.

Ele virou a cabeça e viu as águas escuras abaixo constantemente fluindo, alheia à luta de vida ou morte violenta acima. *Merda.*

Com um gemido, ele se sentou. Então ele ouviu um gemido profundo de perto.

Cruz e Santha estavam entrelaçados um par de metros de distância. Ele viu Santha tentando empurrar o peso morto de Cruz de cima dela.

Em um agachamento, Gabe fez o seu caminho para eles. Droga, um pedaço da ponte tinha sido surpreendido quando o Ptero tinha disparado sobre eles. Havia apenas uma passagem estreita para a esquerda para o outro lado.

Santha tinha conseguido Cruz de cima dela e estava de joelhos ao seu lado, com o rosto em concha em suas mãos.

- Cruz? Cruz, você pode me ouvir?

Gabe se ajoelhou. Jesus, Cruz estava sangrando muito do seu lado. Alguns pontos de sua armadura tinha se soltado na explosão. - Ele está bem?

- Eu não sei. - Ela bateu o rosto, não muito gentilmente. - Cruz, caramba, eu preciso de você para viver. Você não vai morrer agora.

Ele gemeu novamente, mas não abriu os olhos.

Gritos fez Gabe e Santha olhar para cima.

Shaw tinha ido para a ponte e estava agachado. A mandíbula de Gabe apertou. *Raptors* estavam indo em seu caminho.

Droga, ele precisava ir e ajudar Shaw. Virando a cabeça, viu Marcus ajudando Reed com Claudia e Finn do outro lado da ponte.

- Vamos, eu vou levar Cruz para o outro lado. - Gabe pegou seu companheiro de equipe e soltou-o sobre seu ombro.

Santha passou a mão no cabelo de Cruz em uma carícia rápida. - Fique bem. Eu vou ter a certeza que saímos daqui.

Algo naquele pequeno gesto fez doer o peito de Gabe. Era tão ... íntimo. Ele sabia que Cruz estava completamente excitado com Santha, mas parecia que era mais do que apenas sexo para ambos.

Ele lançou um olhar rápido na direção dos *Raptors* e pensou em Emerson. Onde ela estava? Seu coração era um martelo duro contra suas costelas. Ela ainda está viva?

O que acontecesse, ele com certeza não estava saindo daqui sem ela.

- Gabe?

Com um aceno de cabeça, ele acenou para Santha. Juntos, foram cuidadosamente através da faixa estreita deixada no meio da ponte e, em seguida, correram para Marcus.

- Cruz está ferido. - disse Santha.

- Coloque-o aqui. - disse Marcus.

- Eu preciso ir e ajudar Shaw. - Gabe estudou as árvores além da ponte. - Essa área de árvores pesadas parece a melhor opção para algum abrigo.

Marcus assentiu, mas seus olhos azuis eram sombrios. Ambos sabiam que esperar até que a ajuda chegasse seria difícil.

Santha lançou mais uma olhada a Cruz, em seguida, enfrentou Gabe. - Estou indo para ajudá-lo.

Droga, ele gostava dela.

Eles não perderam tempo indo para Shaw. Ambos se ajoelharam e começaram a disparar.

- Belo tiro, *mi reina*. - disse Shaw. Ele tinha uma queimadura em seu rosto que o fez parecer vindo de um filme de terror.

- Só Cruz me chama assim.- Ela avistou outro *Raptor* vindo e o matou.

- E Cruz vai chutar o seu traseiro se ele o ouve chamá-la assim. - acrescentou Gabe.

Eles continuaram atirando, mas mais e mais *Raptors* continuaram chegando.

Mas, curiosamente, a maioria manteve-se em volta da ponte e não se envolveram. Eles estavam formando um perímetro.

- O que diabos você está esperando? - Shaw gritou. – Bichas!

Gabe manteve o disparo. Isso não era apenas sobre a sua sobrevivência mais. Era sobre a sobrevivência de todo ser humano.

E era sobre Emerson.

Gabe apertou o cerco contra a massa de emoções conflitantes dentro dele.

Três veículos *raptor* rosnaram à vista, rugindo sobre a grama. Eles pararam atrás da linha de soldados de *Raptors*.

Gabe parou de disparar. Santha baixou pistolas. Shaw manteve sua carabina engatilhada mas também parou de atirar.

- E agora? - Gabe murmurou.

Um *raptor* alto e magro saiu do veículo da frente.

Santha endureceu. - A comandante.

Gabe sentiu a tensão irradiando de Santha. Todos eles assistiram como o líder alienígena chegou a cabeça da linha de *Raptors*.

- Eu ... tenho algo ... de vocês.- O inglês da comandante era lento e hesitante, mas era bastante fácil de entender.

Outra *raptor* empurrou para a frente, empurrando algo à sua frente.

Emerson foi forçada sobre seus joelhos na frente da comandante.

Todo o ar saiu correndo dos pulmões de Gabe com a visão. Sua cabeça pendia para o peito, os braços por seu lado, as mãos apoiadas no chão. Cada polegada dela estava coberta de sangue.

Gabe fez um barulho de engasgo e ficou de pé. Ele estava dando um passo quando as mãos agarraram seus braços. Duro.

- Porra, você é um bastardo forte. - Shaw resmungou.

- Você não pode ajudá-la se você estiver morto. - Santha estalou.

Gabe parou, mas ele não puxou o seu olhar para fora da mulher de joelhos no chão.

- Pense nisso, companheiro. - Shaw disse calmamente. - Vamos jogar isso. É nossa melhor chance de ajudar a Doutora.

Gabe sentiu como se estivesse enlouquecendo. Mas foda-se tudo, eles estavam certos. Ele tinha que salvá-la e ele não poderia fazer isso se ele estivesse morto.

Finalmente, ele balançou a cabeça e afundou. Mas ele continuou a digitalizar os alienígenas ao redor de Emerson, esperando o momento certo para libertá-la.

Usando seus avançados sentidos, ele pegou a respiração de Emerson. Era um pouco rápida. Seu coração estava rápido também. Ela estava apavorada.

- Eu quero falar. - A comandante olhou para eles. - Um de vocês ... tem que vir para mim.

Não é bom. Gabe fechou sua mão. Mas o pegaria mais perto de Emerson. - Eu vou fazer isso.

Shaw bufou. - Companheiro, eu não confio em seu controle geralmente sólido. Você é como uma esfera explosiva, pronta para detonar.

Santha respirou tremendo. - Eu irei.

- Não.

A voz de Cruz. Gabe olhou para cima e viu o homem afundar-se ao lado de Santha.

- Você não deve mesmo estar na posição vertical. - disse ela.

- Tenho que ter certeza que você permaneça viva.

Gabe viu seu rosto amolecer.

- Eu não tenho um desejo de morte, Cruz. Alguém tem que ir lá fora.

- Eu quero ... falar com a do ... sexo feminino. - disse a comandante.

Santha lançou um longo suspiro. - Bem, decisão tomada.

- É uma armadilha. - Cruz agarrou seu braço.

- Nós todos vamos morrer no instante em que abrir fogo. - Ela colocou a mão sobre a dele e, em seguida, deu um rápido beijo em seus lábios. - Vamos ver o que ela tem a dizer.

Ele deu um aceno relutante.

Gabe não invejava o homem vendo sua mulher andar para o perigo.

Ele olhou para Emerson, quis que ela olhasse para cima, os reconhecendo, mas nada. Mas ela ficou na posição curvada, batida.

O que diabos eles tinham feito com ela?

Santha levantou a cabeça e caminhou para a frente. Gabe podia ver da maneira como ela se segurou que ela estava com dor, mas o queixo ficou alto, Cruz tinha escolhido bem.

Mas, então, ele se concentrou para trás sobre a médica que iria tornar-se seu farol na escuridão. A partir do momento que ele tinha perdido seu irmão, Emerson tinha sido a única coisa que tinha aliviado sua dor.

Eu estou vindo para você, Doc. Estou chegando.



CAPÍTULO DEZOITO

A perna esquerda de Santha se enfureceu com a dor, mas o resto da sua dor quase tinha desaparecido. Ela era apenas uma bola maciça de dores. Ela não se apressou em direção a comandante. Ela não queria que a cadela alien pensa-se que ela estava pulando e obedecendo às suas ordens. E dois, Santha provavelmente não poderia se ela quisesse.

Ela sentiu o lento deslizamento de imersão de sangue em suas roupas de baixo. A pressa de escapar e a luta tinha feito a sua ferida sangrar novamente. Ela não iria durar muito mais tempo antes de ela desmaiar.

Ela manteve seu olhar sobre a comandante e todas aquelas horríveis, emoções violentas se levantaram. As feições de Kareena brilharam diante dos olhos de Santha. Aqui era o rosto desta invasão alienígena. A única pessoa que Santha queria matar mais do que qualquer coisa.

Santha parou a poucos metros de distância. - Emerson, você está bem?

A médica não disse nada. Droga. O que eles tinham feito com ela?

Santha fixou um olhar sobre a comandante alienígena. - Só para você saber, eu vou matar você. Eu não me importo se é rápido ou lento. Eu só quero você morta.

- Outro vai me substituir.- Foi um grunhido gutural.

- Eu não me importo. Foi você quem teve a minha irmã arrastada, você a torturou em seu laboratório e levou-a para longe de mim. Eu vou fazer você pagar por isso. Você entende?

Não havia nada quente sobre o olhar vermelho da comandante. - Suas emoções tornam-a fraca. Estamos aqui para ensinar-lhe a força, para fazer sua espécie mais fortes.

Santha piscou. O que? Eles queriam que os seres humanos se juntassem a eles?

- Sua espécie é débil. Governada por emoções inúteis, você perdeu ...
- ela parecia procurar a palavra certa. - ... Foco. A meta de condução única. Do nosso estudo em vocês, sua espécie está fragmentada em seu planeta, lutando entre si.

- Nós somos indivíduos. Cada um de nós pode escolher quem somos e o que fazemos.

A alien fez um ruído gutural. - Suas emoções fazem você um alvo fácil. Mas vamos ajudar a torná-los fortes.

Santha sentiu um arrepio na espinha. - O que, para, tornarem-se assassinos como você?

- Não assassinos de combate. Resilientes.

Seria apenas a força conjunta que estes aliens queriam? - Há mais vida para além de guerra e de luta. Nós não somos frios como vocês. Você nunca vai entender-nos e nós *nunca vamos* nos juntar a você.

A comandante assistiu Santha como se ela fosse um inseto inútil. Ela encolheu os ombros. - Você não tem uma escolha.

- Nós vamos lutar com você. Cada passo do caminho.

- Mesmo que isso signifique a sua morte?

- Sim. - Santha apertou sua mão sobre a faca. *Eu te amo, Cruz.*

Lançou-se na comandante.

Foi o elemento surpresa, e a força adicional de seu exoesqueleto, que ajudou Santha tomar a alien para o chão.

Mas a comandante era ainda maior e mais forte. Rolaram pela grama, Santha tentando forçar sua faca para a garganta do alienígena.

A comandante defendeu-se, olhou para suas tropas e rosnou algo em seu idioma. Os *Raptors* mais próximos, aqueles que pairavam nas proximidades, rosnaram em resposta, mas retiraram-se.

Então Santha viu luz na noite, mas quando a comandante deu uma cotovelada no rosto, ela se lembrou que ela não podia se preocupar com os outros *Raptors*.

Porque o combate dela era mortal o suficiente.

Ela conseguiu um bom corte no rosto da comandante. A *Raptor* mostrou os dentes.

Elas rolaram novamente. A comandante acabou no topo. Suas grandes mãos em volta do pescoço de Santha.

Santha bateu nela com um punho e em seguida, mudou seu aperto na faca e mergulhou-a numa brecha na armadura da alien debaixo do braço.

Com um grito, a comandante recuou e deixou-a ir.

Santha tossiu e arrastou pelo ar. Ela rolou e saltou para seus pés.

Então Cruz estava lá, com um pontapé vicioso que enviou a comandante tropeçando.

Santha ficou. Ar arfando dentro e fora de seus pulmões. A dor era uma coisa feia, vida invadiu as suas células. Mas tudo o que ela tinha que fazer era pensar em sua irmã e a determinação de Santha endurecia. Então, ela olhou novamente para o homem de pé ao lado dela.

Ela estava lutando por muito mais do que vingança. A dor não era nada comparada a isso.

Ela mancou para frente, seu pé direito agora arrastando no chão. A comandante levantou-se, um bom pé mais alto do que Santha.

Mas a alien não era alimentada por justa raiva, ou tristeza dolorosa ... ou pela esperança, tudo isso a necessidade de um recomeço. Essas emoções que a comandante pensava que eram fracas deu a Santha uma borda mais forte.

A comandante circulou Santha e puxou uma lâmina irregular de seu cinto. Quando seus soldados *Raptor* se aproximaram, ela gritou com eles novamente.

Eles instantaneamente recuaram.

Santha puxou a faca de combate e combinou os movimentos da alien. Cruz era uma presença sólida, solidária atrás dela.

Em seguida, a comandante saltou para a frente. Santha se encontrou com ela.

Santha abaixou e desviou dos furtos da criatura. Ela usou sua própria lâmina para cortar e fatiar. Um após o outro, minúsculos cortes aqui e ali, onde havia lacunas, ou onde a comandante não tinha armadura.

Alguns não penetraram as escamas espessas da alien.

Mas alguns fizeram. E eles sangraram.

Quanto mais lutaram, Santha podia ver que a comandante estava enfraquecendo.

- Isto é como nós vamos derrotá-la. - disse Santha. - Um pequeno corte de cada vez. Cada um vai deixá-la sangrando.

A comandante cuspiu um bocado de sangue para o chão. - Você não é nada em comparação com o poder do Gizzida.

- Nós vamos continuar vindo. - Santha sorrateiramente abaixou e cortou a comandante acima de sua bota. - Nós nunca vamos parar. Não importa o que você faz para nós.

Mancando, a comandante se equilibrou, um movimento desleixado. Santha abriu um corte grande no braço da alien.

- Nós vamos enfraquecê-los. - Santha continuou. - Nós vamos continuar lutando. Os seres humanos, nós somos teimosos. Você disse que não temos foco, mas você nos deu um grande problema ...- Santha acertou um chute duro no estômago da comandante. Quando a alien tropeçou, Santha seguiu-a com um golpe rápido para o pescoço. - Sobrevivência.

A líder alienígena puxou para trás, mas a ponta da faca beijou através da pele mais delicada de sua garganta. Ela limpou o sangue e abriu a boca no que Santha adivinhou ser um sorriso.

- Uma vez, eu era como você. Mas eles me fizeram mais forte. Vejo boas habilidades em você. Você faria uma boa líder, também.

- Nunca. - Santha saltou e bateu a faca na parte de trás do ombro da comandante. Ela saltou para longe antes que a alien pudesse agarrá-la.

- Vamos absorver sua espécie e tudo que você tem de valor. Não há nada que você pode fazer para nos parar.

A sensação de mal estar abateu em Santha. – Não. - A determinação aumentou-se. - Nós vamos pará-los. Vamos lutar e nós nunca vamos parar de lutar.

- Você não pode nos derrotar! - A comandante cobrou como um touro.

Ela bateu em Santha e elas bateram na sujeira. A alien estava tentando rasgar Santha, usando suas garras para arranhar.

- Sim, nós podemos. Você vai cometer erros. - Santha encravou a faca na garganta da comandante. - Como lutar contra mim e pensar que eu era inferior a você. E isso é quando nós vamos ganhar.

Os olhos da comandante incharam. O sangue jorrou sobre ambos. Ela fez um som borbulhante.

- Nós vamos mostrar-lhe do que a humanidade é feita. - Santha inclinou-se, sem se importar com o sangue alien todo sobre ela, e girou a faca. - Isso é pela a minha irmã, sua cadela.

Quando a comandante baqueou para a frente, com um sopro final, borbulhante, Santha soltou-a.

E, em seguida, Cruz estava lá, puxando-a para cima.

Um grito profundo, gutural correu pelos *Raptors* alinhados em frente a eles.

Foda-se. Santha agarrou Cruz. Ela poderia ter matado a comandante, mas não havia nenhuma maneira que poderia lutar contra todos esses *Raptors*.

- Cruz?

- Sim, *mi reina* ?

- Eu ... eu ... - Havia tanta coisa que ela queria dizer. E tanto ela ainda queria fazer. - Eu não teria escolhido qualquer outra pessoa para morrer junto comigo.

Ele a puxou para fora de seus pés e beijou-a.

Ela absorveu o sabor dele, suas mãos se enredaram em seu cabelo. Ela esperou pela chuva de fogo *raptor* atingi-los.

De repente, os sons de motores encheu a noite. Luzes brilhantes transmitindo ao seu redor. Os *Raptors* gritaram e começaram a correr, confusos e sem liderança.

Santha e Cruz viraram.

Veículos blindados Z6-Hunter rugiam do outro lado do rio, a água espirrando para os lados pela sua passagem, uma vez que fluiu através de exaustores dos veículos. Em seguida, os Hunters subiram para o campo, canhões disparando.

- O esquadrão Nove tem muito bom *timing*. Novamente. - Cruz começou a puxá-la de volta para a ponte. - Devo a Roth uma bebida. Ou sete.

A batalha se desenrolava ao redor deles, mas à frente sobre as ruínas da ponte, ela viu Marcus acenando. Ao lado dele, Gabe estava embalando uma Emerson soluçando.

- Cruz?

- Sim?

- Eu acho que eu vou desmaiar.

Escuridão engoliu Santha, mas sabia que Cruz iria pegá-la.

Santha acordou e ainda estava deitada na cama. O quarto estava escuro e os lençóis cheiravam como Cruz.

Ela sentou-se, arrastando a mão pelo cabelo emaranhado. Ela estava nua, o ar frio bateu em sua pele e causou arrepios. Sua pele curada. Quando ela puxou o lençol, ela observou que não havia um único arranhão marcando seu corpo. Sua coxa parecia bem. Mesmo a cicatriz que ela tinha de onde

Kareena tinha a empurrado fora de uma árvore quando ela tinha sete anos tinha desaparecido.

- Como você está se sentindo?

Santha pulou. Droga, ela nem sequer sabia que ele estava no quarto. Olhando por cima, ela viu o esboço dele na poltrona. - Eu me sinto muito bem. Então ou nós saímos bem e com vida, ou a minha vida pós morte parece envolver um monte de sexo quente em uma base subterrânea.

Cruz se levantou, aproximou-se e colocou as mãos em cada lado dela na cama. - Você prometeu que não iria se matar.

Ok, era mais do que apenas uma borda perigosa em sua voz. - E aqui estou eu, firme e forte.

Ele se moveu tão rápido, ela soltou um grito. Ele agarrou seus braços e puxou-a para cima até que seus narizes escovaram. – Por pouco. Eu tive que bombear a porra do seu coração a cada minuto quando nos dirigimos de volta para a base. Eles tiveram de reviver você, então eles bombearam você cheia de nano-medicamentos.

Oh, seu pobre homem. Ela tinha as mãos sobre o peito. - Sinto muito, Cruz. Mas eu estou viva. Você está vivo.- Um pensamento correu através dela. - A comandante?

- Morta.

Santha sentiu algo deslizar dentro dela. A libertação da bola apertada, quente, desagradável que tinha sido presente dentro dela por mais de um ano. Ela olhou para o belo rosto de Cruz. Kareena não iria começar a viver a vida que ela merecia. Mas naquela jaula onde ela morreu, Kareena tinha feito Santha prometer-lhe que ela viveria por ambas.

Santha deu a Cruz um forte empurrão. Ele caiu de volta na cama, seu corpo forte esparramado. Ela arrastou-se em cima dele.

- Eu preciso de alguma prova de que isso é real e não um sonho induzido por lesão. - disse ela.

Ele levantou uma sobrancelha. - Mesmo?

- Sim. - Ela se inclinou e beliscou seus lábios. Hmm, ele saboreava tão bom. Suas línguas emaranharam, as mãos cobrindo os ombros.

Em seguida, ela se afastou de sua boca demasiado tentadora e arrastou os lábios sobre a mandíbula, abaixo da linha de sua forte garganta. Ela mordeu o local onde seu pescoço encontrava o ombro e gostou de seu gemido.

Ela continuou. Traçando cada polegada de seu peito duro com a língua. Ela raspou os mamilos com unhas e dentes e ele arqueou-se sob ela. Ela arrastou a boca sobre os sulcos esculpidos de seu estômago. Cada pedaço desta força e poder era todo dela.

Ela se moveu mais abaixo. Ele gemeu o nome dela. Ela cobriu seu grosso pau, pesado em suas mãos. Então, sem aviso, ela chupou a cabeça de cogumelo dele em sua boca.

- *Mi reina* ... tão bom. - Suas mãos se apertaram em seu cabelo.

Ela chupou mais dele, tanto quanto ela poderia ir. Ela balançava para cima e para baixo, dando-lhe todo o prazer que ela podia. Seu corpo estava tenso como uma tábua embaixo dela. Deus, nada poderia fazer uma mulher se sentir mais poderosa do que ter um homem forte completamente à sua mercê?

- Suficiente.

Ele a puxou para trás e se ergueu. Antes que ela pudesse reagir, ele virou-a de costas e seu peso pesado afundou em cima dela.

Ele agarrou as mãos e bateu-as acima de sua cabeça. Então seu pênis cutucou entre suas pernas e ele bateu em casa.

Ela gritou, dizendo seu nome repetidas vezes. Ela empurrou contra a sua espera, mas ele segurou-a para baixo, seus quadris se movendo enquanto empurrava dentro dela.

Santha sentia cada polegada de seu apertado corpo. Sua posse era tão quente, então tudo a consumia. Ela era dele e ele era dela. Ela sabia que agora ele estava trabalhando o seu desejo e seu medo. E ela adorou cada minuto disso.

- Cruz, eu vou vir.

- Sim, *mi reina*. Deixe-me sentir você apertar o meu pau, me ordenhando duro.

Sua conversa suja teve seu orgasmo vindo sobre a borda. Sua mente apagou e seu orgasmo caiu sobre ela como uma onda.

Quando ela abriu os olhos, ele ainda estava inclinado sobre ela, empurrando dentro dela. Seu olhar escuro bloqueado nela.

- Eu estou apaixonado por você, Santha.

Uma explosão brilhante de calor iluminou seu interior. - Bom. - Sua voz falhou. - Isso é bom, soldado, porque o sentimento é mútuo.

Ele mudou o ângulo de seus quadris e ela sentiu ele roçando seu clitóris inchado com cada curso. Não demorou muito para que as sensações elétricas crescessem novamente.

- É isso aí. - ele murmurou, selvagem satisfação em seu tom. - Vamos de novo, *mi amor*. Vamos nos unir.

Ela jogou a cabeça para trás e seu nome rasgou de sua garganta. Um segundo depois, seus impulsos ficaram mais rápidos, mais fortes e ele veio dentro dela.

Cruz assistiu Santha comer a fruta fresca que ele tinha trazido para ela e sentiu uma inundação maciça de satisfação. Ela estava viva, ela estava aqui, e ela era sua.

Ela o amava. Cara, se isso não apenas explodiu sua mente, ele não sabia o que faria.

Ela parou de mastigar e ficou claro que ela estava perdida em pensamentos. - Então, eu acho que eu estou me mudando.

De jeito nenhum ele deixaria ela voltar para a cidade. - Sim.

- Nós vamos ter que comer na sala de jantar, no entanto. Ou você vai ter que cozinhar.

Ele sorriu. - Combinado.

Ela se inclinou para trás. - E eu espero que você toque guitarra para mim pelo menos um par de vezes por semana.- Ela sorriu. - Um desempenho privado.

Ele passou a língua sobre os dentes. - Só se você dançar para mim ... e tocar a si mesma.

Ela deu um tapa no seu ombro. Então seu rosto ficou sério. - Eu não posso simplesmente sentar-me aqui, nas entranhas desta base todos os dias. - Ela olhou para ele. - Eu vou ficar louca.

Ele sentiu sua mandíbula apertar. Ele sabia que isso ia acontecer. - Você quer entrar na equipe?

Suas sobrancelhas se ergueram. - E dirigir Marcus louco por não seguir suas ordens o tempo todo?

Os lábios de Cruz se curvaram. - Sim. - Ele sabia que ele ficaria louco sabendo que ela estava fora em uma equipe, lutando contra *Raptors*. Mas, ele era um membro do *Hell Squad* e ela teria que lidar com ele saindo, então ele não podia exatamente exigir que ela ficasse aqui, segura e protegida.

Tudo o que podia fazer era estar aqui para ela quando ela voltasse e manter-se mostrando todas as coisas boas que a vida poderia lhe proporcionar.

- Você ficaria bem comigo aderindo a um esquadrão? - Perguntou ela, olhando-o com cuidado.

- Não. - Ele daria sua honestidade. - Mas eu vou apoiar tudo o que você quer fazer.

Ela sorriu. - Você é um dos mocinhos, Cruz Ramos. Eu tenho que dizer, eu também não sou louca por saber que você vai estar lá fora arriscando-se dia após dia. - Ela raspou um dedo para baixo em sua bochecha. - Mas a humanidade precisa de seus guerreiros, seus heróis. E eu vou ter que fazer a minha parte para ter certeza que meu herói permanece o mais seguro

possível. - Ela se endireitou. - Você sabe que eu trabalho melhor sozinha. E eu estava pensando em fazer reconhecimento ao redor da base. Os drones são grandes, mas eles não podem dar-lhe a melhor informação que você pode obter a partir do solo. Eu gostaria de ver sobre a criação de uma equipe de oficiais de reconhecimento. Que entram em silêncio, reúnem informações, e voltam para casa sem ser vistos.

Cruz deixou escapar a respiração que tinha estado apertando em seu peito. Ele ainda era perigoso, mas era no que ela era boa. E muito mais seguro do que o desembarque no meio de um tiroteio. - Eu acho que Holmes estará fora de si por ter você. - Cruz se levantou e prendeu a sua mão. - Vamos, eu tenho algo para você.

Levou-a através dos túneis. Em um cruzamento encontraram Marcus e Elle andando com Reed e Roth.

- Santha, você parece muito melhor. - Elle agarrou sua mão e sorriu.

- Obrigado. - disse Santha, apertando a mão da outra mulher em troca. Ela olhou para Roth. - E obrigado pelo resgate oportuno.

O homem assentiu. - Só lamentamos não chegar um pouco mais cedo.

Ela franziu a testa. - Todo mundo conseguiu sair bem, certo? - Ela olhou para Cruz. - Claudia?

- Está bem. Shaw está na enfermaria com ela, incomodando-a até a morte.- Cruz engoliu sua frustração. - É com Gabe que estamos preocupados.

- Emerson vai tomar algum tempo para se recuperar. Ela foi espancada e ela está sofrendo flashbacks e pesadelos. - disse Marcus. - Gabe não está levando isso muito bem.

Gabe se sentia claramente protetor pela médica e isso, em cima da morte de seu irmão, estava pesando duro nele. Mas Cruz não sabia o que mais ele poderia fazer para ajudar seu companheiro de equipe.

- Nós estamos indo para o topo. - disse Cruz.

Marcus balançou a cabeça, atirando um braço ao redor Elle. - Nós estamos indo para a sala de jantar. Junta-se a nós mais tarde?

Cruz acenou quando ele puxou Santha junto.

- Nós levaremos Bryony com a gente para a sala de jantar. - disse ele. - Ela está liberada para deixar a enfermaria por curtos períodos.

Santha sorriu. - Ela tem? Isso é ótimo. Eu quero pegar algumas roupas para ela. Algo que é dela.

- Um passo à frente de você. Eu usei meus créditos de roupas e dei-lhe algumas coisas. - Ele sentiu calor em suas bochechas. - Elle ajudou.

- Cruz Ramos escolhendo roupa para uma menina? - Santha nem sequer tentou esconder o sorriso. - Ela vai amá-las.

Ele encolheu os ombros. - Eu vi um monte de crianças que não gostavam disso. Antes dos alienígenas virem ... - pensou nas vítimas de seus primos. - ... e depois. Eu quero vê-la prosperar.

A mão de Santha apertou seu braço. - Eu não poderia salvar Kareena, mas juntos vamos fazer tudo que pudermos para ajudar a Bryony.

Eles saíram da base através de um túnel e escada, e saíram para a luz do sol. O declive suave do morro estava coberto de grama grossa e uma profusão de flores silvestres.

- Deus, é lindo. - Santha respirou fundo. - Coisas como essa me dá esperança de que podemos ter de volta o nosso planeta e conduzir esses bastardos assassinos para longe.

- Nós vamos. As forças *Raptor* locais estão lutando desde que perderam a comandante. Nós apenas temos que manter isso.

Ela corou. - Ah, meu pequeno discurso.

- Foi motivador como o inferno.

Ela se voltou para o prado. - Nós vamos vencê-los. Nós não vamos desistir. Nós devemos isso às pessoas que morreram.

Ele deslizou um braço sobre os ombros e levou-a para a linha de uma árvore. - Veja.

Havia duas marcações simples definidas no chão. A primeira tinha o nome Ezequiel – Zeke - Jackson inscrito nela. A segunda marcação era uma

peça entalhada simples de madeira. Nela, Cruz tinha esculpido o nome de Kareena, amada irmã de Santha.

Santha encarou a marcação simples e pressionou um punho à boca.

Cruz se mexeu desconfortavelmente. – Isso são lágrimas em seus olhos?

- Sim. Mas boas. - Ela apertou o rosto contra seu peito. - Obrigado. É lindo e eu adoro isso. Eu não tenho nenhuma ideia do que eu fiz para merecer você.

- Eu me sinto da mesma maneira sobre você. Mas eu vou passar todos os dias tendo a certeza que eu mereço você.

Seus braços deslizaram em torno dele. - Basta passar todos os dias me amando. É o bastante.

Apenas algumas semanas antes, ele estava correndo no vazio, tinha pensado que nada mais havia sido deixado para ele. Nada mais para viver.

Agora, ele tinha esperança e amor estourando através dele.

E muito para viver.

Santha levantou o rosto para ele, o sol iluminando suas feições. - Agora, beije me, soldado.

Cruz sorriu. - Sim, senhora.

